

PUCRS

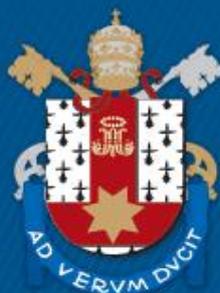
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

WANG CHUNYUAN

**ASPECTOS SINTÁTICOS DAS ESTRUTURAS RELATIVAS RESTRITIVAS
EM PORTUGUÊS**

Porto Alegre
2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**ASPECTOS SINTÁTICOS DAS ESTRUTURAS RELATIVAS RESTRITIVAS
EM PORTUGUÊS**

WANG CHUNYUAN

PORTO ALEGRE

2020

WANG CHUNYUAN

**ASPECTOS SINTÁTICOS DAS ESTRUTURAS RELATIVAS RESTRITIVAS
EM PORTUGUÊS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como satisfação do requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras na área de Linguística.

Prof^a. Orientador^a: Dr^a. Ana Maria Tramunt Ibaños

Porto Alegre/RS

2020

WANG CHUNYUAN

**ASPECTOS SINTÁTICOS DAS ESTRUTURAS RELATIVAS RESTRITIVAS
EM PORTUGUÊS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como satisfação do requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras na área de Linguística.

Aprovada em: 25 de junho de 2020

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a. Ana Maria Tramunt Ibaños (PUCRS/Presidente)

Prof. Dr. Eduardo Kenedy (UFF)

Prof. Dr. Gabriel de Avila Othero (UFRGS)

Porto Alegre/RS

2020

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço imensamente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), pelo apoio financeiro – Código de Financiamento 001.

Agradecimento especial à minha orientadora Professora Doutora Ana Maria Tramunt Ibaños, pelos cuidados de vida, de estudo e acadêmico, como mãe que sempre me mimou e me corrigiu. Agradeço pela orientação, incentivo de publicação e revisão dos artigos desenvolvidos.

Agradecimento à Professora Doutora Cristina Becker Lopes Perna, pela orientação cuidadosa para o exame de ingresso para Mestrado.

Agradecimento à Professora Doutora Vera Wannmacher Pereira, pelas aulas maravilhosas oferecidas. Agradeço por recomendar-me para concorrer ao curso de doutorado nas universidades de Macau. Se não tivesse tido esse apoio, não teria sido aprovado.

Agradecimento à Professora Doutora Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, pelas aulas maravilhosas oferecidas que proporcionaram uma boa base de Fonologia do Português. Agradeço pela carta de recomendação em razão do concurso ao curso de doutorado. Sem esse apoio, não teria sido aprovado.

Agradecimento à coordenadora Professora Doutora Claudia Regina Brescancini, pelas aulas maravilhosas oferecidas. Agradeço pelos cuidados de fins administrativos.

Agradecimento ao colega Mestre Yuri Fernando da Silva Penz, da mesma orientadora Professora Doutora Ana Maria Tramunt Ibaños, pela leitura do meu trabalho.

Agradecimento à secretária Alessandra M. Carvalho, que sempre me recebeu carinhosamente.

Agradecimento aos meus demais colegas de aula, pelos apoios de diversas naturezas.

Agradecimento ao meu orientador de vida, Professor Doutor Tiejun Gu, por ensinar-me a estudar, conhecer e viver, por estabelecer um sistema de conhecimento por mim.

Agradecimento amoroso aos meus pais por nada, por tudo.

Agradecimentos àqueles os quais me ajudaram, mas de quem não me lembro, no momento.

RESUMO

A dissertação que se apresenta tem por objetivo propor uma nova análise de não-movimento, a saber, ***non-movement head external analysis***, para a derivação das estruturas relativas restritivas em Português com base no modelo Programa Minimalista da Gramática Gerativa, especificamente, no modelo *Phase*, a fim de resolver os problemas existentes nos estudos anteriores. A nossa análise resume cinco propriedades sintáticas para as estruturas relativas em Português, a saber, i) a estrutura fundamental para tais estruturas é de adjunção à direita [NP CP]; ii) não há movimento envolvido ao decorrer do processo derivacional; iii) a categoria vazia de base está subcategorizada; iv) o elemento “que” é um complementizador C; v) o pronome relativo é gerado na base na posição de Spec-CP. Ao mesmo tempo, tal proposta apresenta três vantagens teóricas, ou seja, i) é mais econômica; ii) respeita rigidamente as restrições de movimento de Ross (1967) e Chomsky (1977); iii) é uniforme para derivar dinamicamente todas as estruturas relativas restritivas em Português. Para esboçar a nova análise, o trabalho segue quatro questões norteadoras principais e divide-se em três Capítulos. As questões seguem-se como: i) Qual é o olhar do modelo MP em relação ao LCA de Kayne (1994)? ii) A estrutura fundamental [DP D CP] sustentada pelo modelo de alçamento para a relativização é adequada? iii) A relativização em Português é resultado de movimento ou não-movimento? iv) Existe uma categoria vazia de base na relativização em Português? Qual é a sua propriedade sintática? O Capítulo 1 levanta uma revisão teórica dos três modelos existentes para a derivação das estruturas relativas, a saber, o modelo tradicional, o modelo de alçamento e o modelo misto. O Capítulo 2 trata da revisão dos estudos existentes para a derivação das estruturas relativas em Português e da discussão sobre os aspectos envolvidos. O Capítulo 3 apresenta o mecanismo sintático computacional e as concepções centrais do modelo *Phase* e dedica-se à derivação das estruturas relativas em Português.

Palavras-chave: Estruturas relativas; ***non-movement head external analysis***; *Phase*; *Merge*; *Agree*.

ABSTRACT

The Master's thesis aims to propose a new analysis of non-movement, namely, the **non-movement head external analysis**, for the derivation of the restrictive relative structures in Portuguese based on the MP model of Generative Grammar, specifically, the Phase model, in order to solve the existing problems in the previous studies. In summary, there are five syntactic properties in the relative structures in Portuguese, namely, (1) the fundamental structure of which is right-adjunction [NP CP]; (2) there is no movement involved in the derivational process; (3) the base empty category is subcategorized; (4) the "que" element is a C complementizer; (5) the relative pronoun is generated at the base in the Spec-CP position. There are three theoretical advantages in this research, which are: (1) it is more economical; (2) it strictly respects the movement restrictions of Ross (1967) and Chomsky (1977); (3) a unified mechanism is obtained to dynamically derive all restrictive relative structures in Portuguese. In organization, this research follows four main guiding questions and is divided into three Chapters. The questions are: (1). What is the look of the MP model in relation to Kayne's LCA (1994)? (2) Is the fundamental structure [_{DP} D CP] supported by the promotion model for relativization adequate? (3) Is relativization in Portuguese the result of movement or non-movement? (4) Is there a base empty category for relativization in Portuguese? What is its syntactic property? In this thesis, Chapter 1 raises a theoretical review of the three existing models for the derivation of relative structures, namely, the traditional model, the promotion model and the matching model. Chapter 2 makes a review of existing studies for the derivation of relative structures in Portuguese and the discussion of the aspects involved. And Chapter 3 presents the computational syntactic mechanism and the central concepts of the Phase model and is dedicated to the derivation of relative structures in Portuguese.

Keywords: Relative structures; **non-movement head external analysis**; Phase; Merge; Agree.

LISTA DE SIGLAS

GB	<i>Government and Binding</i>
MP	<i>Minimalist Program</i>
LD	<i>Left Dislocation</i>
IP	<i>Inflectional Phrase</i>
DP	<i>Determiner Phrase</i>
PP	<i>Prepositional Phrase</i>
CP	<i>Complementizer Phrase</i>
LCA	<i>Linear Correspondence Axiom</i>
ERA	Estrutura relativa que apresenta uma lacuna na posição de argumento
ERAd	Estrutura relativa que apresenta uma lacuna na posição de adjunto
ERsL	Estrutura relativa que não apresenta lacuna nem na posição de argumento nem adjunto
LF	<i>Logic Form</i>
PF	<i>Phonetic Form</i>
EP	Estrutura Profunda
ES	Estrutura Superficial
FF	<i>Formal Features</i>
PF	<i>Phonetic Features</i>
BPS	<i>Bare Phrase Structure</i>
LI	Item lexical
LEX	Léxico

N	<i>Numeration</i>
LA	<i>Lexical Array</i>
UG	<i>Universal Grammar</i>
NS	<i>Narrow Syntax</i>
EPP	<i>Extended Projection Principle</i>
IC	Condição de Interface
uF	Traços não-interpretáveis
PHON	Representação fonética
SEM	Representação semântica
L	<i>Language</i>
D	Derivação
PH	<i>Phrase</i>
H	<i>Head</i>
PIC	Condição de Impenetrabilidade de Fase
v*P	Sintagma que projeta estrutura de argumento
v*	v transitivo e v com argumento externo

LISTA DE ABREVIATURAS

Spec	Especificador
Comp	Complementizador
Op	Operador vazio
<i>pro</i>	prozinho, tipo de categoria vazia de base
FEM	Feminino
MAS	Masculino
SG	Singular
Tns	Tense

LISTA DE SÍMBOLOS

φ	Traços de gênero, número e pessoa
Φ	Componente fonético
Σ	Componente semântico
$[\alpha [H \beta]]$	Constituintes de um sintagma, α é a <i>edge</i> , H é o núcleo e β é o domínio do H
$\{F\}$	Série de <i>features</i>
$[F]$	Subsérie de $\{F\}$
$u\varphi$	Traços não-interpretáveis de gênero, número e pessoa
$\langle \alpha, \beta \rangle$	$\alpha = \beta$, são cópias de uma cadeia e constituem um único objeto sintático

Sumário

INTRODUÇÃO	15
1 REVISÃO TEÓRICA.....	19
1.1 INTRODUÇÃO	19
1.2 DERIVAÇÃO DAS ESTRUTURAS RELATIVAS SOB O MODELO GB	21
1.2.1 Modelo Tradicional.....	21
1.2.2 Modelo de alçamento na fase representada por Kayne (1994).....	27
1.2.3 Modelo misto de Aoun & Li (2003).....	37
1.3 DERIVAÇÃO DAS ESTRUTURAS RELATIVAS SOB O MODELO MP	39
1.3.1 Modelo de alçamento na fase representada por Vries (2002)	39
1.4 CONCLUSÕES	42
2 ESTRUTURAS RELATIVAS EM PORTUGUÊS.....	45
2.1 INTRODUÇÃO	45
2.2 RECLASSIFICAÇÃO DAS ESTRUTURAS RELATIVAS	46
2.3 REVISÃO DOS ESTUDOS EXISTENTES.....	50
2.3.1 Propriedade sintática de “que”	50
2.3.2 Tarallo (1983)	53
2.3.3 Kato (1993).....	56
2.3.4 Kenedy (2002).....	61
2.4 CONCLUSÕES	84
3 DERIVAÇÃO DAS ESTRUTURAS RELATIVAS.....	86
3.1 INTRODUÇÃO	86
3.2 ESTABELECIMENTO DA ANÁLISE ALTERNATIVA.....	86
3.2.1 “Que” como complementizador	86
3.2.2 Pronome relativo gerado na base	88
3.2.3 Categoria vazia de base.....	89
3.2.4 Adjunção à direita	90
3.3 MODELO <i>PHASE</i>	93
3.4 DERIVAÇÃO DAS ESTRUTURAS RELATIVAS EM PORTUGUÊS.....	100
3.4.1 Derivação das ERAs	100

3.4.2 Derivação das ERAds.....	108
3.4.3 Derivação das ERsLs	110
3.5 CONCLUSÕES	116
4. CONCLUSÃO.....	121
Referências	124

INTRODUÇÃO

A estrutura relativa é uma estrutura nominal composta por uma oração relativa e um núcleo nominal. Essa estrutura é derivada por operações sintáticas, cujo processo se chama relativização, e existe amplamente nas línguas humanas, inclusive no Mandarim Chinês¹(doravante, Chinês). Estudos quanto à derivação das estruturas relativas são sempre um assunto interessante e repleto de divergências no âmbito da Gramática Gerativa. Divergências dizem respeito aos dois modelos principais com base nos quais esses estudos são divididos, a saber, *The Head External Analysis* (doravante, modelo tradicional) e *The Head Raising Analysis* (doravante, modelo de alçamento). O modelo tradicional é desenvolvido principalmente por Chomsky (1977) com base no modelo *Government and Binding* (doravante, modelo GB). Esse modelo propõe que uma estrutura relativa é derivada pelo movimento de um operador *wh-* na oração relativa para a posição Spec-CP, sendo esse CP um adjunto à direita do núcleo nominal. Enquanto o modelo de alçamento remonta a duas fases da Gramática Gerativa, a saber, o modelo GB e o modelo *Minimalist Program* (doravante, modelo MP). O modelo de alçamento na fase do modelo GB representado por Kayne (1994) propõe que a derivação de uma estrutura relativa se dá pelo alçamento do núcleo nominal NP de sua posição na oração relativa para a posição Spec-CP, sendo esse CP complemento do D externo. Por sua vez, o modelo de alçamento na fase do modelo MP representado por Vries (2002) segue basicamente as mesmas ideias de relativização adotadas em Kayne (1994). O que diferencia um de outro é que Vries (2002) introduz a teoria de checagem do modelo MP para a sua análise. Para Vries, os traços ϕ (gênero, número e pessoa), o traço Caso e o traço *wh-* são essenciais para a relativização.

No âmbito da derivação das estruturas relativas em Português, os estudos podem ser classificados como análises de não-movimento e análises de movimento.

¹ Para a Gramática Tradicional em Chinês, não existem estruturas relativas em Chinês, o que existem são *attributive structures* em que a oração relativa seria um modificador que ficasse anterior do núcleo para modificá-lo. Porém, de acordo com Wang (2020), Chinês também apresenta essas estruturas relativas, na medida em que elas também são submetidas às condições de movimento propostas por Chomsky (1977, 1981), a saber, Efeitos de Reconstrução, Condições de Subjacência e *Parasitic Gap*.

Análises de não-movimento são os estudos que propõem não haver ou quase não haver movimento durante o processo de relativização, entre os quais, Tarallo (1983) e Kato (1993) são comumente reconhecidos como clássicos. Análises de movimento dizem respeito aos estudos que apresentam ou movimento do operador *wh-* ou alçamento do núcleo nominal para a relativização, entre os quais Kenedy (2002) se destaca.

Tarallo (1983) propõe uma análise *pro* para a derivação das estruturas relativas em Português, com base na hipótese do modelo GB para a derivação das estruturas relativas resumptivas e na proposta de Jackendoff (1977) quanto ao estudo paralelo dos sistemas relativo e pronominal. Kato (1993) propõe a sua hipótese de *Left Dislocation* (doravante, hipótese LD), com base no modelo tradicional e nas hipóteses de Jackendoff (1977) e de Tarallo (1983). Segundo essa hipótese, existe uma posição sintática de base que está em uma relação de adjunção com a oração relativa IP. A relativização dá-se pelo alçamento do pronome relativo nessa posição, não havendo movimento visível durante todo o processo derivacional. Diferente das duas análises de não-movimento acima, Kenedy (2002) propõe que a relativização dá-se pelo alçamento de DP/PP, como base no modelo de alçamento representado por Kayne (1994). Se o alçamento do DP deixar uma cópia não pronunciada, a relativa resultante será uma relativa cortadora ou uma relativa padrão DP, enquanto se deixar uma cópia parcialmente pronunciada (termo de Kenedy, de fato, pronome relativo), a relativa resultante será uma relativa resumptiva DP ou PP. Se o alçamento for do PP, a relativa resultante será uma relativa padrão PP.

Os problemas dos estudos de relativização em Português concernem aos cinco aspectos principais, resumidos abaixo:

- i. não é adequado propor que a propriedade sintática da categoria vazia de base presente na oração relativa é um *pro* cunhado somente na propriedade sintática de um pronome resumptivo;
- ii. estruturas relativas e estruturas tópicas são construções quase totalmente diferentes no sentido de que não é viável propor a derivação das estruturas relativas baseada na derivação das estruturas tópicas;
- iii. a análise de alçamento não somente deixa alguns tipos de estruturas

relativas como resumptiva, genitiva e estruturas relativas com a presença de pronome relativo (incluindo a relativa *pied-piping*) inexplicados, como também desafia alguns princípios da Gramática Gerativa, a saber, as restrições de movimento de Ross (1967) e Chomsky (1977, 1981) e o princípio de economia de Chomsky (1995a);

- iv. a estrutura básica [_{DP} D CP] dessa análise é uma condição suficiente mas não necessária de modo que não é fundamental para a derivação de uma estrutura relativa em Português;
- v. o mecanismo de gatilho para o alçamento do núcleo nominal sustentado pelo modelo de alçamento também é problemático.

Tendo em consideração os problemas existentes, a presente dissertação tem como objetivo propor uma análise alternativa, que chamamos de ***non-movement head external analysis*** para a derivação das estruturas relativas em Português, com base no modelo mais atualizado da Gramática Gerativa: modelo *Phase*. Para esboçar a nova análise, as questões fundamentais a seguir serão consideradas, a saber:

- i. Qual é o olhar do modelo MP em relação ao *Linear Correspondence Axiom* (dorante, LCA) de Kayne (1994)?
- ii. A estrutura fundamental [_{DP} D CP] sustentada pelo modelo de alçamento para a relativização é adequada?
- iii. A relativização em Português é resultado de movimento ou não-movimento?
- iv. Existe uma categoria vazia de base na relativização em Português? Qual é a sua propriedade sintática?

A presente dissertação é dividida em três capítulos. O Capítulo 1 levanta uma revisão teórica dos três modelos existentes para a derivação das estruturas relativas, a saber, o modelo tradicional, o modelo de alçamento e *The Matching Analysis* (esse modelo será chamado de modelo misto daqui para frente, devido à sua natureza derivacional que é uma mistura do modelo tradicional e do modelo de alçamento e também porque não se encontrou nenhum trabalho em Português que adotasse esse modelo e traduzisse o seu nome).

O Capítulo 2 trata da revisão dos estudos existentes para a derivação das estruturas relativas em Português e da discussão sobre os aspectos envolvidos, apontando que:

- i. é possível derivar uma estrutura relativa sem recorrer à operação de movimento;
- ii. a categoria vazia de base não é um *pro* e a sua propriedade sintática está subcategorizada, assim sendo porque o Português permite o uso flexível de argumentos;
- iii. o LCA sob o olhar do modelo MP é inadequado;
- iv. a estrutura fundamental [_{DP} D CP] sustentada pelo modelo de alçamento para a relativização é inadequada;
- v. alguns princípios da Gramática Gerativa são desafiados.

O Capítulo 3 é dividido em duas partes. A primeira parte levanta os aspectos teóricos e empíricos discutidos nos capítulos anteriores a favor da nossa ***non-movement head external analysis*** e apresenta o mecanismo sintático computacional e as concepções centrais do modelo *Phase* para a derivação de uma sentença. A segunda dedica-se à derivação das estruturas relativas em Português, com base na nova análise esboçada na primeira parte e no modelo *Phase*.

1 REVISÃO TEÓRICA

1.1 INTRODUÇÃO

Estudos quanto à derivação das estruturas relativas são sempre um assunto interessante e repleto de divergências, no âmbito da Gramática Gerativa. Na literatura, há três modelos distintos para isso, a saber, o modelo tradicional, o modelo de alçamento e o modelo misto. Esses três modelos baseiam-se nas diferentes fases da Gramática Gerativa: modelo GB e modelo MP, como mostra (1). Segundo Kenedy (2002), o início de desenvolvimento do modelo tradicional e do modelo de alçamento remonta à década 60. Por um lado, a Hipótese Transformacional² proposta por Lees (1960), Chomsky (1965), entre outros, torna-se a base teórica do modelo tradicional proposto por Chomsky (1977), que propõe que a relativização dá-se pelo movimento operador *wh*- ou operador vazio (Op). Por outro, a proposta de alçamento de Brame (1968) é fundamento dos estudos de alçamento de Schachter (1973) e Vergnaud (1974), entre outros³.

(1) Modelo GB

modelo tradicional

modelo de alçamento representado por Kayne (1994)

modelo misto

Modelo MP

modelo de alçamento representado por Vries (2002)

² Lees (1960) propõe que haveria uma operação de apagamento de um constituinte sintático nominal, no interior da oração relativa, idêntico ao núcleo da relativização, no processo de derivação das estruturas relativas. Chomsky (1965) propõe que, seguindo esse caminho, esse constituinte transformar-se-ia em um pronome relativo, ao invés de ser apagado.

³ Para esses estudiosos, não haveria dois constituintes sintáticos nominais idênticos no interior da oração relativa ao decorrer da derivação. A relativização dá-se por uma operação de alçamento de um constituinte sintático nominal, de uma posição dentro da oração relativa para outra.

Porém, o modelo de alçamento raramente foi adotado, apesar de seu potencial para explicar a derivação das estruturas relativas que apresentam lacunas na posição de argumentos dentro da oração relativa (essas estruturas serão agrupadas na categoria de ERAs⁴ no Capítulo 2) e o fenômeno linguístico de efeitos de reconstrução. Praticamente, o modelo tradicional proposto por Chomsky (1977) foi a principal referência teórica de muitos estudos de relativização, nas muitas línguas do mundo, durante as décadas de 80 e 90. Com base na hipótese de alçamento de Schachter (1973) e Vergnaud (1974) e na hipótese de D-complemento de Abney (1987), assim como no seu LCA, Kayne (1994) propõe que a relativização é o resultado do alçamento de um NP de sua posição de origem no interior da oração relativa CP para a posição de Spec-CP, o que, conseqüentemente, torna esse CP o complemento de D. Desde então, o modelo de alçamento ganhou força e tornou-se a proposta mais referida para muitos estudos de relativização de muitas línguas do mundo, apesar de sofrer pequenas modificações em Vries (2002).

Em comparação aos modelos tradicional e de alçamento, que foram ou são referência teórica em uma época ou outra, o modelo misto nunca foi, aparentemente, o foco teórico para tratar da derivação das estruturas relativas, desde seu surgimento. Os únicos estudos baseados nesse modelo são Chen (2002, 2005, 2007), que tratam da relativização em Chinês. Esse modelo é desenvolvido principalmente por Aoun & Li (2003), e, para os autores, algumas estruturas relativas dão-se pelo alçamento do núcleo nominal enquanto outras são resultado do movimento *wh-*, tanto para a relativização em Inglês como para a relativização em Chinês. A relação entre a estrutura relativa CP e o núcleo D exterior é de D-complemento na relativização em Inglês; por sua vez, a relação entre a oração relativa e o núcleo NP é de adjunção à esquerda na relativização em Chinês. Nas seções a seguir, os três modelos serão apresentados detalhadamente.

⁴ Essas estruturas dizem basicamente respeito a construções relativas que apresentam lacunas na posição de argumento dentro da oração relativa, como mostra (1). Tais construções são idênticas às relativas padrão ou relativas padrão DP propostas por Tarallo (1983), Kato (1993), Kenedy (2002), entre outros. A reclassificação das estruturas relativas diz respeito a necessidade de simplificar as estratégias relativas existentes, assim como à adequação da natureza de análise dessa dissertação: ***non-movement head external analysis***. Essa reclassificação será apresentada detalhadamente no Capítulo 2.

(1) o homem que eu vi e.

1.2 DERIVAÇÃO DAS ESTRUTURAS RELATIVAS SOB O MODELO GB

1.2.1 Modelo Tradicional

Chomsky (1977) propõe que a relativização dá-se pelo alçamento do operador *wh-* ou Op da posição dentro da oração relativa para a posição Spec-CP deixando um vestígio *t*. Para Chomsky, a estrutura profunda da oração relativa seria igual à da interrogativa *wh-*, por isso, o mecanismo de gatilho do movimento *wh-* para relativização seria logicamente idêntico àquele para o processo de interrogação. Esse posicionamento é exposto numa nota de Haegeman (1994).

67 I know [NP the man [CP whom [IP Emsworth will invite]]].

...The predicate of the relative clause, the verb *invite*, needs an internal argument. There is no overt element present but by analogy with our analysis of *wh*-questions we propose that *invite* is followed by a trace whose antecedent is *whom*. The complete S-structure of the relative clause in (67) is (68a) and its D-structure (68b):

68a [CP Whom_i [IP Emsworth will [VP invite *t*]]]?

68b [CP [IP Emsworth will [VP invite whom]]]?

(HAEGEMAN, 1994, p. 407-08)

Segundo Chomsky (1977, p. 86), a relativização apresenta uma lacuna, permitindo relações de longa distância e sendo sensível a restrições de ilha. Para o autor, o núcleo nominal da estrutura relativa é gerado na base e é adjungido pela oração relativa CP à direita. Segundo Vries (2002), o modelo tradicional passou por duas fases: o modelo tradicional velho e o modelo tradicional revisto. Em ambos os modelos, o papel da oração relativa CP é o mesmo: adjunto à direita. O que diferencia o velho do revisto é o escopo sob o qual envolve a estrutura relativa como um todo: NP e DP. No modelo velho, a estrutura relativa como um todo é envolvida em NP com o determinante Det na posição Spec-NP: [NP Det [N' N CP]], ao passo que, no modelo revisto, é envolvida em DP⁵ com um NP como o seu complemento: [DP [D' D [NP [N' N CP]]]]. Aoun & Li (2003, p. 100) resume a derivação desse modelo como em (2).

⁵ Segundo Abney (1987), o determinante é considerado como núcleo D do DP, que projeta NP como o seu complemento: [DP D NP].

(2) [NP/DP [Head NP/DPI ...] [Relative CP *wh*_i [IP ... *t* ...]]]

De acordo com as disposições do modelo tradicional, a derivação em (3a) dá-se pelo fato de que o operador *who* se move da posição de objeto dentro da oração relativa para a posição Spec-CP, deixando um vestígio *t*, enquanto a derivação em (3b) é resultado de Op ter sido movido da posição de objeto para a posição Spec-CP, também deixando um vestígio *t*. A operação de movimento faz com que se estabeleça a cadeia (*wh-*, Vbl), formulando a relação de co-indexação entre o núcleo, o operador *wh-* e o vestígio *t* (Vbl), via regra de predicação.

(3) a. [DP the [NP girl]_i [CP *who*_i I like *t*]]]

b. [DP the [NP girl]_i [CP Op_i (that) I like *t*]]]

Porém, o modelo tradicional é questionado e criticado fortemente por muitos linguistas adeptos ao modelo de alçamento. Por exemplo, o tratamento equivalente entre a relativização e a interrogação, a regra de predicação, a reconstrução e a adjunção à direita são os aspectos mais criticados. Segundo Haegeman & Guéron (1999) e Kenedy (2002, pp. 30-33), a hipótese de que a derivação de uma oração relativa e a de uma oração interrogativa é a mesma é questionável. Na interrogação, a seleção de um elemento *wh-* por um núcleo X é motivada pela força ilocucionária da oração. O traço forte [+*wh*] marcado em CP é o desencadeador do movimento do elemento *wh-*. Enquanto na relativização nenhum fator é caracterizado como gatilho sintático para o movimento do elemento *wh-* da posição dentro da oração relativa para a posição Spec-CP, sendo o alçamento do elemento *wh-* apenas uma reprodução integral do que ocorre na interrogação. Para Kenedy, o modelo tradicional não é capaz explicar de forma satisfatória o aparecimento dos pronomes relativos na relativização.

Segundo Chomsky (1995a, p. 70), a oração relativa é uma sentença aberta, um predicado que precisa ser associado a um “sujeito” (termo de Chomsky, que se refere ao núcleo nominal da estrutura relativa) para que ela seja legítima no componente interpretativo, via regra de predicação. Assim, o núcleo nominal, o pronome relativo e o vestígio *t* são coindexados através dessa regra. No entanto, Wang (2005) aponta que a regra de predicação pode ser questionada, na medida em que não é plausível propor que seja estabelecida a co-indexação entre o núcleo nominal NP da estrutura relativa e o operador, apesar de ser razoável estabelecer a co-indexação entre o

operador e o vestígio *t* por ter acontecido a operação de movimento. De forma semelhante, Kenedy (2002) denuncia que essa regra falha nos dois aspectos, a saber: primeiramente, pode-se estabelecer uma co-indexação entre NP e pronome relativo *wh*- sem nenhuma restrição como, por exemplo, subjacência, já que na *Logic Form* (doravante, LF) não é obrigatório obedecer a esse tipo de restrição; em segundo lugar, a regra de predicação não dá conta de explicar como o NP alvo (termo de Kenedy, que se refere ao núcleo da estrutura relativa) e o pronome relativo chegam a compartilhar traços morfossintáticos idênticos como Caso, número, gênero, já que tais traços são checados numa relação sintática local. Kenedy (2002) aponta que a correferência morfossintática entre NP alvo e pronome relativo deve ser estabelecida na sintaxe aberta (termo de Kenedy), ou seja, a relação estabelecida entre esses elementos é de fato de natureza sintática, em vez de interpretativa.

Porém, percebemos que a correferência sintática proposta pelo modelo de alçamento também se torna problemática ao considerar-se uma relativa que não apresente nenhuma lacuna na sua oração relativa: a relativa resumptiva. Em (4), nenhum constituinte sintático dentro da oração relativa CP está ausente, ou seja, não aconteceu movimento do núcleo nominal durante o processo derivacional. Por isso, não há o vestígio deixando *t*. Nesse caso, aparentemente é plausível apontar que a relação entre o núcleo nominal “menina” e a oração relativa CP é estabelecida via regra de predicação. Consequentemente, a correferência entre “menina” e os constituintes sintáticos da oração relativa CP (nesse caso, “ela”) é de natureza interpretativa. No entanto, uma análise baseada no modelo de alçamento prediz que o exemplo em (4) é resultado de alçamento do núcleo da forma que uma cópia parcial (refere-se ao pronome, nesse caso, “ela”) é deixada, ao invés de um vestígio *t* como mostra (5). A derivação das estruturas relativas resumptivas sob o modelo de alçamento será apresentada no Capítulo 2.

(4) a menina [_{CP} que eu vi ela].

(5) a menina [_{CP} que eu vi ela_{cópia parcial}].

A reconstrução é uma operação que reconstrói um constituinte movido para a sua posição de origem, a fim de evitar a violação dos princípios da Teoria de Ligação. Segundo o modelo tradicional, os constituintes *the picture of herself, which* e *t* em (6a)

são co-indexados via regra de predicação. “Maria” coindexa com o reflexivo *herself* no DP *the picture of herself*. No entanto, “Maria” não pode co-comandar *herself* adequadamente dentro de sua categoria de regência, violando o Princípio A da teoria de ligação, o qual prevê que uma anáfora deve ser regida adequadamente dentro da sua categoria de regência. Para garantir os princípios da teoria de ligação, o conceito de reconstrução é proposto. Segundo a reconstrução, o núcleo DP com o reflexivo é reconstruído para a posição de origem (*t*) de onde *which* foi movido, visto no exemplo (6b). Em relação à reconstrução de constituinte da expressão idiomática, praticamente é a mesma lógica. Em (7a), *the headway* e o vestígio *t* são co-indexados segundo as diretrizes do modelo tradicional. Porém, *the headway* deixa de ser regido por seu governador *made*, violando o Princípio C da teoria de ligação. Para resolver esse problema, igualmente, a reconstrução é aplicada no exemplo (7b).

(6) a. [DP *the picture of herself*]_i [CP *which*_i *Maria*_j painted *t*]

b. [DP *t*]_k [CP *which* *Maria* painted [DP *the Picture of herself*]_k]

(7) a. [DP *the headway*]_i [CP *that* we made *t* was insufficient]

b. [DP *t*]_k [CP *that* we made [DP *the headway*]_k was insufficient]⁶

Wang (2005, 2006) denuncia que a reconstrução implica que uma posição pode ser ocupada por dois elementos de base ao mesmo tempo, ou seja, o operador e o DP alçado, como mostra (8). Isso definitivamente não é aceitável por qualquer gramática. De fato, muitos linguistas, como Schachter (1973), Vergnaud (1974), Bianchi (1999), Alexiadou et al (2000), Kenedy (2002, 2003), Wang (2005, 2006), entre outros, apontam que a relativização das estruturas relativas que envolvem constituintes com reflexivo e constituintes da expressão idiomática é uma forte evidência a favor do argumento do modelo de alçamento de que há alçamento do núcleo na relativização. Vale notar que até o próprio Chomsky (1995a) admite que os efeitos de reconstrução são uma evidência importante para a existência de movimento do núcleo. Além dessas críticas, a derivação desse tipo de estrutura relativa aparentemente implicaria a ocorrência de dois movimentos: movimento de operador

⁶ Os exemplos em (6) e (7) são adaptados de Alexiadou *et al* (2000, p. 7-12).

e reconstrução do núcleo, o que não cabe ao princípio de economia do modelo MP.

(8) a. *[_{DP} the picture of herself]_j [_{CP} which_i Maria painted *t*, *t*]_j

b. *[_{DP} the headway]_j [_{CP} Op_i that we made *t*, *t* was insufficient]_j

No modelo tradicional, a oração relativa CP é adjungida à direita do núcleo nominal NP da estrutura relativa via regra de predicção, visto no exemplo (9). Segundo Chomsky (1981, 1995), o modelo GB considera a ordem linear do núcleo e complemento ou núcleo/sintagma e adjunto, por exemplo, paramétrica. Para ele, a ordem linear entre núcleo e complemento, que é núcleo-complemento em Inglês, não impede que haja a relação complemento-núcleo. Do mesmo modo, a adjunção à esquerda não implica a impossibilidade da haver à direita como, por exemplo, a relação de núcleo-adjunto realizada pela regra de predicção. Porém, Kayne (1994, p. 03) propõe que toda estrutura sintática teria que necessariamente obedecer ao LCA, que determina, por exemplo, que a ordem linear padrão entre o núcleo e o complemento é obrigatoriamente núcleo-complemento, opondo-se à hipótese paramétrica de Chomsky. Quanto à ordem linear entre núcleo e adjunto, Kayne (1994, p. 03-05) aponta que deve ser necessariamente adjunto-núcleo, cuja desobediência não será licenciada pelo LCA, de modo que a posição direita do núcleo é exclusivamente destinada para complemento. Ou seja, a oração relativa adjunto CP c-comanda assimetricamente o núcleo NP, por isso, a ordem linear entre CP e NP deve ser necessariamente [CP NP], em vez da ordem proposta pelo modelo tradicional: [NP CP].

(9) a. [_{DP} the [_{NP} girl] [_{CP} who I like]]

Sob nosso olhar, a crítica direcionada à adjunção à direita de Chomsky pode ser questionada quando consideramos os dados linguísticos em Português, nos quais a adjunção de um adjetivo a um substantivo se apresenta naturalmente à direita como mostra (10). Se a adjunção for à esquerda, o sentido que se veicula em (11a) já é diferente daquele em (11b), o qual é uma estrutura normal de NP-adjunto. Segundo Kayne (1994), as línguas que apresentam adjunção à direita têm que sofrer uma operação de movimento para que o adjunto permaneça anterior ao NP. Ou seja, a estrutura normal “homem grande” é resultado do movimento de “grande” para direita de “homem”, a partir da estrutura ilocucionária “grande homem”. Porém, todos nós

sabemos que “homem grande” e “grande homem” são estruturas diferentes ao não apresentar o mesmo significado. Em Português, uma simples operação sintática não transforma adjunção à direita para a adjunção à esquerda. Comparada com o LCA, a hipótese paramétrica de Chomsky da relação entre os constituintes sintáticos parece mais plausível.

Em Inglês, a ordem linear entre a o núcleo/sintagma e o adjunto geralmente é adjunção à esquerda, como bem apontara Chomsky, embora isso não impeça que a adjunção à direita aconteça. A sentença em (12b) mostra bem isso. Comparem-se os exemplos em (12a) e (12b). É interessante notar que aparentemente o Chinês apenas licencia a adjunção à esquerda. Compare-se a sentença em (12c) e a em (12d), que envolve uma estrutura relativa. Nesses exemplos, tanto o adjunto *wo nainai de* (*my grandmother's*) como o adjunto *wo nainai zuo de* (que a avó fez) estão na posição esquerda em relação aos seus núcleos/sintagmas *qiaokeli* (chocolate). Semelhante ao Chinês, parece-nos que o Português apenas licencia adjunção à direita no sentido de que a adjunção à esquerda é excepcional, quando o significado veiculado difere do de uma adjunção à direita normal. Comparem-se os exemplos em (12e, f, g) contra aquele em (12h). Todos esses exemplos em (12), do Inglês, Chinês e Português, parecem explicar bem o poder descritivo da hipótese paramétrica de Chomsky, informando-nos de que tanto a adjunção à esquerda quanto a adjunção à direita são possíveis nessas línguas, exceto o Chinês.

(10) menina bonita

(11) a. grande homem

b. menino grande

(12) a. I like [Adjunto my grandma's] [NP chocolate].

b. I like this [NP chocolate] [Adjunto that my grandma made].

c. wo xihuan [Adjunto wo nainai de] [NP qiaokeli].

eu amar minha avó de chocolate

d. wo xihuan [Adjunto wo nainai zuo de] [NP qiaokeli].

eu amar minha avó fazer que chocolate

- e. Eu adoro [NP chocolate] [Adjunto da minha avó].
- f. Eu adoro os [NP chocolates] [Adjunto que minha avó faz].
- g. João já é um [NP menino] [Adjunto grande].
- h. Chomsky é um [Adjunto grande] [NP homem].

Feita a apresentação do modelo tradicional, passaremos, a seguir, a demonstrar o modelo de alçamento desenvolvido por Kayne (1994).

1.2.2 Modelo de alçamento na fase representada por Kayne (1994)

Com base na hipótese de alçamento de Schachter (1973) e Vergnaud (1974) e na hipótese de D-complemento de Abney (1987), assim como no seu LCA, Kayne (1994) revigora o modelo de alçamento. De acordo com a LCA, o *asymmetric c-command* determina que seja linear a ordem dos elementos terminais, de forma a permitir que X e Y sejam não-terminais que dominem os respectivos terminais x e y. Consequentemente, se X c-comanda assimetricamente Y, x precede a y. Segundo a disposição do LCA, a estrutura hierárquica dos elementos terminais segue a ordem linear: especificador-núcleo-complemento e adjunto-núcleo. No modelo de alçamento, a estrutura relativa CP torna-se um complemento do D externo: [DP D CP], desistindo da adjunção à direita proposta pelo modelo tradicional: [NP CP].

Linear Correspondence Axiom (LCA)

d (A) is a linear ordering of T. where A contains all parts of nonterminals such that the first asymmetrically c-commands the second, and T is the set of terminals.

(KAYNE 1994: 6)

Asymmetric c-command:

X asymmetrically c-commands Y iff X c-commands Y and Y does not c-command X.

(KAYNE, 1994, p. 4)

Segundo Kayne, tanto estruturas relativas do tipo *head-initial* como estruturas relativas do tipo *head-final* podem ser derivadas sob sua análise unificada. Segundo Vries (2002), a diferença entre os dois tipos de estruturas relativas se reflete na

posição relativa entre o núcleo nominal e a oração relativa. Ou seja, [oração relativa + núcleo] é a estrutura relativa básica do tipo *head-final* enquanto [núcleo + oração relativa] é a estrutura relativa básica do tipo *head-initial*.⁷ Em ambos os tipos de estruturas relativas, o núcleo nominal é alçado de sua posição na oração relativa para a posição Spec-CP. Em relação à derivação das estruturas relativas do tipo *head-initial*, Kayne a divide em duas subcategorias: a derivação das estruturas relativas com *that* e estruturas relativas com C invisível e a derivação das estruturas relativas com pronome relativo *wh-*. Na derivação das estruturas relativas com *that*, envolve-se um alçamento do núcleo NP⁸, enquanto na derivação das estruturas relativas com pronome relativo *wh-*, dois movimentos são envolvidos: alçamento de um DP, formado por um núcleo D de pronome relativo e seu complemento NP (núcleo da estrutura relativa), de sua posição na oração relativa para a posição Spec-CP, e alçamento desse complemento NP para a posição Spec-DP. Quanto à derivação das estruturas relativas do tipo *head-final*, Kayne argumenta que a oração relativa toda, incluindo o vestígio do núcleo NP alçado, tem de ser também movida para a posição Spec-DP, além do alçamento do núcleo NP. Os processos de derivação das estruturas relativas do tipo *head-initial* e *head-final* justificam-se em (13) e (14), conforme as ilustrações de Kayne (1994).

Estruturas relativas do tipo *head-initial*:

1. [DP [D the [CP [NP picture]_i] [C' that [IP Bill saw [e]_i]]]]]
2. [DP [D the [CP [DP [NP picture]_i] [D' which t_i]]] [C' Bill saw t_i]]]

Estruturas relativas do tipo *head-final*:

1. IP_i [D⁰ [[NP picture] [C⁰ [e]_i]]]

(KAYNE, 1994, p. 94)

⁷ Para ilustrar, as estruturas relativas do tipo *head-initial* em Português e Inglês são apresentadas em (1) e a estrutura relativa do tipo *head-final* em Chinês é demonstrada em (2):

- (1) a. [S-matriz Eu adoro [DP o [CP [NP chocolate] [C' que a minha avó faz]]]].
- b. [S-matriz I like [DP the [CP [NP chocolate] [C' that my grandma makes]]]].
- (2) [S-matriz wo xihuan [DP [CP [C' nainai zuo de] [NP qiaokeli]]]].

Eu adoro avó faz que chocolate

⁸ Na literatura, há uma discussão sobre o estado sintático do núcleo nominal. Borsley (1997) argumenta que o estado sintático desse núcleo nominal deve ser um DP ao invés de um NP, na medida em que o seu vestígio deve ser um DP que já foi marcado de Caso. Porém, Aoun & Li (2003) refutam que o vestígio do núcleo NP alçado pode entrar numa relação de ligação com o D na oração relativa. Bianchi (1999, 2000) propõe repondendo a Borsley que ele deve ser um DP com um D vazio. Vries (2002) confirmou que o elemento alçado deve ser um DP, seja DP vazio ou não.

(13) A derivação das estruturas relativas *head-final*

a. alçamento do núcleo nominal

wo xihuan [DP [D' D⁰ [CP [NP qiaokeli]_k [C' C⁰ [IP nainai zuo t_k de]]]]].

Eu adoro chocolate avó faz partícula relativa

b. alçamento do IP

wo xihuan [DP [IP nainai zuo de]_i [D' D⁰ [CP [NP qiaokeli] [C' C⁰ t_i]]]]].

Eu adoro avó faz partícula relativa chocolate

(14) A derivação das estruturas relativas *head-initial*

Eu adoro [DP [D' o [CP [NP chocolate]_k [C' que [IP avó faz t_k]]]]].

Essa é [DP [D' a [CP [DP [NP moça]_i [D' quem t_i]] [C' [IP você viu t_i ontem]]]]].

De acordo com Kenedy (2002), há diversas generalizações que formam fortes evidências a favor do modelo de alçamento, as quais evidenciam as estreitas relações estabelecidas entre o núcleo D e a oração relativa. Dentre essas generalizações, Kenedy (2002, p. 41) destaca: i) as implicações do LCA; ii) a correlação entre determinante e oração relativa; iii) a ocorrência de possessivos pós-nominais relacionados à oração relativa; iv) a distribuição de certas expressões idiomáticas quando relativizadas; v) aspectos da teoria da ligação; vi) propriedades de escopo do DP alvo. Nos parágrafos a seguir, tais tópicos serão apresentados detalhadamente.

Segundo Kenedy (2002), o LCA propõe que a *Universal Grammar* (doravante, UG) é extremamente rígida em termos de mapeamento dos constituintes sintáticos, ou seja, a relação hierárquica entre os constituintes de uma sentença tem que ser linear: especificador-núcleo-complemento e núcleo-adjunto. Para explicar o seu LCA, Kayne faz referência à Língua Japonesa e à Língua Inglesa em termos de suas estruturas de núcleo e complemento. A ordem entre núcleo e complemento para Japonês é complemento-núcleo enquanto para o Inglês se trata de núcleo-complemento. O fato da diferença visível em termos dessa estrutura entre Inglês e Japonês decorre da operação de movimento no Japonês, que alça o complemento para a posição Spec-XP, como em (15). Da mesma maneira, a relação visível das outras estruturas como, por exemplo, objeto direto-núcleo verbal, objeto de

posposição-núcleo posposicional e IP-C, em Japonês, é resultado de movimento.

(15) Japonês: [XP complemento_i [X' X t_i]]

Inglês: [XP [X' X complemento]]

Porém, o LCA pode enfrentar problemas tanto teóricos como empíricos. Teoricamente, segundo Chomsky (1981; 1995a), o modelo GB considera a ordem linear dos constituintes sintáticos paramétrica, ou seja, especificador-núcleo-complemento/complemento-núcleo-especificador e núcleo-adjunto/adjunto-núcleo. Até mesmo no Inglês, a ordem linear entre núcleo e complemento, que é núcleo-complemento, não impede a relação complemento-núcleo, e a adjunção à esquerda não implica a impossibilidade de adjunção à direita como, por exemplo, a relação de núcleo-adjunto realizada pela regra de predicação. Empiricamente, os dados linguísticos em Inglês, Chinês e Português acima em (12), aqui repetidos em (16), em termos da ordem linear entre núcleo e adjunto, corroboram a hipótese de Chomsky. Além disso, o estudo de Wang (2005), baseado no modelo de alçamento revisado por Vries (2002), aponta que a estrutura relativa em Chinês (CP) apresenta complemento-C-especificador em vez de especificador-C-complemento, como se sustenta pelo LCA.

(16) a. I like [Adjunto my grandma's] [NP chocolate].

b. I like this [NP chocolate] [Adjunto that my grandma made].

c. wo xihuan [Adjunto wo nainai de] [NP qiaokeli].

eu amar minha avó de chocolate

d. wo xihuan [Adjunto wo nainai zuo de] [NP qiaokeli].

eu amar minha avó fazer que chocolate

e. Eu adoro [NP chocolate] [Adjunto da minha avó].

f. Eu adoro os [NP chocolates] [Adjunto que minha avó faz].

g. João já é um [NP menino] [Adjunto grande].

h. Chomsky é um [Adjunto grande] [NP homem].

Schachter (1973) propõe a hipótese de Art-S, segundo a qual a estrutura relativa (S, termo de Schachter) junto com o núcleo artigo (Art) formam um DP do tipo [ArtP Art [s ...]]. Para Schachter (1973), Vergaund (1974), Kenedy (2002) entre outros, a vantagem teórica do modelo de alçamento em relação ao modelo tradicional justifica-se pelo poder explanatório dos dados linguísticos a seguir em (17b), (18b) e (19b), que definitivamente sugerem que o núcleo determinante deve ser acompanhado de uma oração relativa para formar o DP: [DP D relativa] (cf. Kenedy (2002)). A agramaticalidade de (17a), (18a) e (19a), que são casos permitidos pelo modelo tradicional, já que o estado sintático da oração relativa é um adjunto à direita, que é omissível, se deve ao fato de que o DP referido acima está incompleto. Schmitt (2000, p. 311-312) sugere alguns tipos de classes de palavras a partir dos quais se pode perceber com mais clareza a relação estrita estabelecida entre o determinante e a oração relativa. Essas classes de palavras são: expressões idiomáticas, expressões tipológicas, expressão de medida, expressões resultativas e expressões com a presença de “com”.

- (17) a. *Provolone é o tipo de queijo.
 b. Provolone é o tipo de queijo que Maria gosta.
- (18) a. *João mede os 1.80 metros.
 b. João mede os 1.80 metros que irmão dele gostaria de medir.
- (19) a. *Pedro decorou a cozinha conforme o estilo.
 b. Pedro decorou a cozinha conforme o estilo que a sua esposa orientou.
- (20) a. John made (some) headway.
 b. *John made the headway.
 c. The headway John made was amazing.
- (21) a. I bought one type of bread.
 b. *I bought the type of bread.
 c. I bought the type of bread you like.
- (22) a. Maria weighs forty-five kilos.

- b. *Maria weighs the forty-five kilos.
 - c. Maria weighs the forty-five kilos Susana would love to weigh.
- (23)
- a. John painted the house a nice color.
 - b. *John painted the house the nice color.
 - c. John painted the house the color his girlfriend liked.
- (24)
- a. Mary bought a house with windows.
 - b. *Mary bought a house with the windows.
 - c. Mary bought a house with the windows that she liked.

Com a hipótese de Art-S, Schachter (1973) foi considerado um dos estudos mais importantes que dá origem ao modelo de alçamento desenvolvido sistematicamente por Kayne (1994) e revisado por Vries (2002). A partir de Kayne (1994), a estrutura relativa começa a ser considerada, por muitos linguistas das mais variadas línguas do mundo, como um DP formado por um D externo e um CP, deixando a proposta DP/NP formado pela adjunção à direita da oração relativa sustentada pelo modelo tradicional de lado. No entanto, segundo as nossas análises, a estrutura fundamental [DP D CP] sustentada pelo modelo de alçamento também é problemática, apesar ser aparentemente plausível ao tratar da derivação das estruturas relativas com artigo: [ArtP Art CP], já que parece ser mais descritiva do que explicativa e derivacional para explicar a derivação das estruturas relativas. Observem-se os exemplos em (20a), (21a) e (22a) aqui repetidos em (25a, b, c), nos quais os Ds *some*, *one* e D^0 são satisfeitos por NPs simples/complexos *headway*, *type of bread*, *forty-five kilos* ao invés de um CP proposto pelo modelo de alçamento para formar um [DP D CP]. Além disso, o artigo D *the* e *a* em (23a) e (24a), aqui repetidos em (25d, e), é satisfeito por DP *a nice color* e PP *with windows* respectivamente ao invés do CP de acordo com o espírito da hipótese de Art-S. E as sentenças são simplesmente gramaticais. Para esses casos, a estrutura fundamental [DP/NP NP CP] sustentada pelo modelo tradicional aparentemente é mais esperada, já que o estado sintático da oração relativa CP é um adjunto à direita omissível. A hipótese de Art-S sustentada pelo modelo de alçamento torna-se uma condição suficiente mas não necessária para a relativização.

- (25) a. John made (some) headway.
 b. I bought one type of bread.
 c. Maria weighs forty-five kilos.
 d. John painted the house a nice color.
 e. Mary bought a house with windows.

Ficará ainda mais claro o nosso pressuposto contra à hipótese de Art-S, se aplicá-la para as línguas que não apresentem D nas estruturas sintáticas, como o Japonês⁹, e para as línguas que apresentem D vazio, como o Chinês (refere-se a D não realizado foneticamente, termo de He (2000)).¹⁰ A referência dos constituintes nominais é expressa pela adoção de determinantes nas línguas humanas: [D NP], inclusive em Chinês, no exemplo (26). Porém, NPs que não apresentam a presença de determinantes (*bare* NP, termo de He (2000)) em Chinês também demonstram referência, visto nas sentenças em (27), conforme He (2000. p. 39). A sua realização dá-se porque o NP é modificado por um DP vazio para formar um DP especial: [DP_{vazio} e NP]. Esse fato justifica-se pela comparação dos dois exemplos em (28). No que diz respeito especificamente ao artigo em Chinês¹¹, He (2000) argumenta que é possível traduzir o artigo indefinido em Inglês utilizando o quantificador “um”, enquanto basta conduzir [D_{vazio} e NP], aparentemente, para a tradução de DP com artigo definido em Inglês, como em (29). É interessante lembrar que é facultativo adotar o quantificador “um” para a tradução do artigo indefinido em Inglês. Esse fato é justificado pela comparação em (30). De forma semelhante, Huang (2015) argumenta que a diferença entre o Chinês e as línguas Indo-Europeias em termos de propriedades de referência

⁹ Fukui & Takano (1998, 1999) argumentam que a hipótese D-complemento não aplica-se às línguas de *japanese-type*, na medida em que línguas de *japanese-type*, inclusive o Chinês, não apresentam D, conseqüentemente, o movimento de N para D não acontece. No entanto, a hipótese de que o Chinês pertence à línguas de *japanese-type*, assim como o Chinês não apresenta D, é ousada e discutível.

¹⁰ Os exemplos em Chinês a seguir adotados somente para sustentar a nossa pressuposição de que a hipótese de Art-S sustentada pelo modelo de alçamento é uma condição suficiente mas não necessária para a relativização, no sentido de que, no caso, se uma língua dada não apresenta D ou apresenta D vazio, é viável dizer que é esse D que requer um CP para a relativização?

¹¹ É indiscutível que o Chinês não apresenta artigo. Esse fato justifica-se por haver vários estudos que discutem as diversas formas em Chinês para adaptar os artigos em Inglês, assim como a produção e a aprendizagem deles por aprendizes chineses, entre os quais, são Xu (1996), Han (2010), Li (2018) e Huang (2018).

é: o primeiro não apresenta marcador gramatical para significado definido enquanto o segundo o faz. Em oposição a He e Huang e ao senso comum, Zhang (2010) argumenta que é difícil afirmar que existem determinantes em Chinês a partir de uma perspectiva sintática, pois o uso dos elementos gramaticais semelhantes aos determinantes é orientado por objetivos pragmáticos.

(26) a. [DP Zheben shu]

esse livro

b. [DP wode zuguo]

meu país

c. [DP ziji ren]

própria pessoa

(27) a. [NPbare fangzi] wo kanguole.

apartamento eu vi

b. xiaomei ba [NPbare yanjing] diule.

irmã morfema óculos perdeu

c. [NPbare gou] hui yao [NPbare ren].

cachorro pode morder pessoa

d. wo gangcai zai chufang kanjian [NPbare mao], zhun shi fangdongde.

eu recém na cozinha vi gato, certamente é do dono/a

(28) a. [DP zhesuo fangzi] wo kanguole.

esse apartamento eu vi

b. [DPvazio e fangzi] wo kanguole.

apartamento eu vi

(29) a. Mary bought [DP a house] with [DP the windows] that she liked.

Mary maile [yige fangzi] dai [e chunaghu] de ta xihuan

- Mary comprou [uma casa] com [janelas] que ela gostou
- (30) I found two pictures of John's in [_{DP} a drawer].
- wo faxianle John de liangzhang zhaopian zai [_{DP} (yige) chouti] li
- eu descobri John de duas fotos em (uma) gaveta

Kayne (1994, p. 85-87) argumenta que a relativização dos constituintes sintáticos com possessivos pós-nominais em Inglês seria mais uma evidência importante a favor do modelo de alçamento. Para Kayne, o determinante artigo *the* não escolhe um DP *two pictures of John's* como seu complemento, mas uma estrutura relativa CP *two pictures of John's that you lent me*, como mostram os exemplos (31a, b). Isso significa que o DP deve ser um constituinte do CP que se alçou da sua posição de base para a posição Spec-CP, como em (31c). No entanto, percebemos que a hipótese de possessivos pós-nominais é meramente uma explicitação a mais da hipótese de Art-S de Schachter (1973), que apresenta as mesmas falhas da segunda, vistas em (32). Mais uma vez, o nosso pressuposto de que a hipótese de Art-S sustentada pelo modelo de alçamento trata-se de uma condição suficiente mas não necessária para a relativização é reforçado. Conseqüentemente, a base estrutural fundamental [_{DP} D CP] desse modelo torna-se problemática.

- (31) a. *I found the two pictures of John's.
- b. I found the two pictures of John's that you lent me.
- c. the [two pictures of John's]_i that you lent me *t_i*.
- (32) a. I found two pictures of John's.
- b. I found some pictures of John's.
- c. I found the two pictures of John's in a drawer.

No âmbito do modelo tradicional, as duas evidências de relativização em expressões idiomáticas e ligação sustentadas pelo modelo de alçamento referem-se aos efeitos de reconstrução. Segundo Schachter (1973, p. 31), expressões idiomáticas são formadas por um verbo e objeto direto que são gerados como uma unidade sintática, e a relativização significa a retirada do objeto da expressão idiomática, como em (33). Por sua vez, a reconstrução dos constituintes com reflexivo

diz respeito ao princípio A. Segundo esse princípio, a anáfora *herself* deve ser regida adequadamente por seu antecedente “Maria” dentro da sua categoria de regência, como em (34a), cujo exemplo em (34b) é resultado de alçamento do constituinte sintático *picture of herself*. No entanto, parece que os efeitos de reconstrução não se aplicam adequadamente ao Português, que apresenta certa flexibilidade em termos de uso de seus argumentos, apesar de formarem evidências cabais a favor do modelo de alçamento para a relativização em Inglês, conforme afirmam Schachter (1973), Vergnaud (1974), Chomsky (1995a), Bianchi (1999) e Alexiadou *et al* (2000). Isso verificar-se-á no Capítulos 2.

(33) a. make headway

b. [DP the [headway]_i] that we made *t*_i was insufficient]

(34) a. Maria_j painted picture of herself_j.

b. [DP the [picture of herself]_j] that Maria_j painted *t*_j]

Segundo Kenedy (2002, p. 53) e Bianchi (1999), a relativização do Italiano fortalece a hipótese sustentada pelo modelo de alçamento de que o determinante D externo *i* escolhe toda a oração relativa *due pazienti che ogni dottore esaminerà domani* como seu complemento, em vez do DP *due pazienti*. Confirmam-se os exemplos em (35). Eu não conheço a Língua Italiana, mas perguntaria como se explicaria a aceitabilidade de (35b) se o determinante não escolhe DP como seu complemento?

(35) a. Ogni dottore esaminerà due pazienti.

Cada doutor examinará dois pacientes.

b. Ogni dottore esaminerà i due pazienti.

Cada doutor examinará os dois pacientes.

c. lo telefonai i due pazienti che Ogni dottore esaminerà domani.

Eu telefonei para os dois pacientes que cada doutor examinará amanhã.

Apesar de toda adequação do modelo de alçamento corroborada pelas evidências acima apresentadas, Schmitt (2000) aponta que a proposta pode enfrentar um problema: não há espaço de pouso acima do CP e abaixo do núcleo D externo para desembarcar o elemento alçado da posição dentro da oração relativa. A hipótese estabelece-se no fundamento de que a posição Spec-CP é ocupada por pronome relativo gerado na base devido ao traço EPP do C. Para resolver esse problema, Schmitt propõe um novo sintagma AgrP, que fica entre o D externo e o CP. O núcleo Agr seleciona o CP como seu complemento formando um AgrP, o qual, por sua vez, é selecionado pelo D externo para formar um DP. Nessa hipótese, o núcleo NP alça-se de sua posição de origem dentro na oração relativa para a posição Spec-AgrP, em vez da posição Spec-CP, a fim de ser checado e atribuído de Caso pelo seu atribuidor de caso (verbo, no caso de VP), que seleciona o DP formado com o seu complemento. No entanto, segundo a nossa análise, a hipótese de AgrP é problemática porque o que se alça é um DP formado pelo pronome relativo e o núcleo NP da estrutura relativa, não existindo o problema proposto por Schmitt, de que não tem espaço de pouso para o elemento alçado, de acordo com as disposições do modelo de alçamento. Além disso, nem o modelo tradicional nem o modelo de alçamento propõem que a posição Spec-CP é ocupada, seja por pronome relativo, seja por núcleo NP, devido ao traço EPP de CP durante o processo derivacional. Essa posição é livre na derivação e é ocupada por pronome relativo ou núcleo NP na representação dependendo do modelo em que se baseia.

Na subseção a seguir, apresentaremos o modelo misto desenvolvido por Aoun & Li (2003).

1.2.3 Modelo misto de Aoun & Li (2003)

Segundo Aoun & Li (2003), o modelo de alçamento explica bem a derivação das estruturas relativas cujo argumento é relativizado, mas não explica de forma satisfatória a derivação daquelas cujo adjunto é relativizado. Conforme o espírito do modelo de alçamento, o núcleo nominal “Maria” alça-se de sua posição de base na oração relativa para a posição Spec-CP, deixando um vestígio *t* na derivação da ERA

em (36). Consequentemente, estabelece-se uma co-indexação sintática entre o núcleo NP e vestígio *t*. No entanto, essa lógica torna-se problemática para a derivação de uma estrutura relativa que apresente uma lacuna na posição de adjunto (essas estruturas serão agrupadas na categoria de ERAds no Capítulo 2) em (37), na medida em que o núcleo e o vestígio não são constituintes sintáticos da mesma natureza, ou seja, o que se alça é um PP “com caneta” enquanto o núcleo é um NP “caneta”. Vale notar que há uma explicação para a derivação da ERAAd em (37) que será apresentada no Capítulo 2, no âmbito do modelo de alçamento, desde Kayne (1994). O principal problema para esse tipo de derivação é o duplo alçamento: alçamento do PP “com a qual caneta” e alçamento do NP “caneta” para a posição Spec-PP, como em (38), o que não atende ao princípio de economia.

(36) a. Essa é a Maria_i que João ama *t*

b. Essa é a Maria_i que *t* ama João

(37) [DP A [NP caneta] que com a qual João escreve livro *t* ([PP com caneta])]

(38) [DP A [PP [NP caneta]_j com a qual *t*_j] João escreve livro *t*_j]

Aoun & Li (2003, p. 107-125) propõem que a estrutura fundamental seja D-complemento para a derivação das estruturas relativas em Inglês. De acordo com os autores, estruturas relativas que não contenham operador *wh*- e cujo determinante externo seja da “primeira classe”, como *the*, *this*, são resultado de alçamento direto do núcleo como mostra a sentença em (39), enquanto estruturas relativas que contenham operador *wh*-, bem como as que não o contenham, mas cujo determinante externo seja da “segunda classe”, como *some*, *one*, dão-se pelo alçamento de operador *wh*-/Op, como mostram os exemplos em (40).

(39) [DP the [_{ForceP} [NP boy]_i] [_{ForceP} that [_{TopP} *t*_i [_{Top⁰} [IP I like *t*]]]]]]]

(40) a. [DP the [_{ForceP} [NP boy] [_{ForceP} F⁰ [_{TopP} who_i [_{Top⁰} [IP I like *t*]]]]]]]

b. [DP one [_{ForceP} [NP boy] [_{ForceP} that [_{TopP} Op_i [_{Top⁰} [IP I like *t*]]]]]]]

Diferente da análise para a relativização em Inglês, Aoun & Li (2003, p. 172-182) propõem que a estrutura fundamental seja adjunção à esquerda para a relativização em Chinês, como em (41). Segundo os autores, são dois mecanismos

diferentes para a derivação das ERAs e a das ERAds. A primeira dá-se pelo alçamento direto do núcleo NP *shu* (livro), como em (42), enquanto a segunda é resultado do alçamento do PP nulo, sendo o núcleo NP gerado na base, como em (43). Aoun & Li (2003), em relação à análise da relativização em Chinês, inspiram-se em Ning (1993), o qual propõe que, em primeiro lugar, o Chinês apresenta somente Op, não havendo operador *wh-*, como em Inglês; em segundo, todas as estruturas relativas em Chinês dão-se pelo movimento do Op, sendo a oração relativa um adjunto do núcleo, como propõe Chomsky (1977). Diferente da análise de Ning, Aoun & Li propõem que a derivação das ERAs em Chinês é resultado de alçamento do núcleo NP, enquanto a das ERAds é resultado de movimento de Op PP nulo.

(41) a. Relativização de NP: $[[CP [IP \dots [NP \ t_i] \dots]] [Head \ NP]_i]$

b. Relativização de adjunto: $[[CP \ Op_i [IP \dots [PP \ t_i] \dots]] [Head \ NP]]$

(42) $[[CP [IP \ Lu \ Xun \ xie \ [NP \ t_i] \ de] [Head \ shu]_i]$

Lu Xun escrever t_i que livro_i

(43) $[[CP \ Op_k [IP \ Lu \ Xun \ xie \ shu \ [PP \ t_k] \ de] [Head \ bi]]]$

Op_k Lu Xun escrever livro t_k que caneta

A seguir, mostraremos a análise baseada no modelo MP: o modelo de alçamento revisado por Vries (2002).

1.3 DERIVAÇÃO DAS ESTRUTURAS RELATIVAS SOB O MODELO MP

1.3.1 Modelo de alçamento na fase representada por Vries (2002)

Segundo Wang (2005), o modelo tradicional e o modelo de alçamento representado por Kayne (1994), baseados no modelo GB, não são eficazes para tratar da derivação das estruturas relativas. Para isso, é necessário adotar um modelo baseado no modelo MP (modelo de alçamento revisado por Vries (2002)), que é um programa o qual busca economizar e simplificar a teoria gerativa. Os modelos não são adequados principalmente porque o modelo GB de base falha em três aspectos, a saber, a natureza *top-down* de derivação sintática, impossibilidade de autonomia da

Sintaxe por parte da Semântica e conflito entre a adequação descritivo-explanatória. O primeiro aspecto refere-se às duas representações sustentadas por modelo GB: Estrutura Profunda (doravante, EP) e Estrutura Superficial (doravante, ES). O problema é que é preciso adotar várias operações transformais reguladas pelos princípios e regras relevantes para que seja derivada a ES a partir da EP. O segundo diz respeito à autonomia da Sintaxe que se justifica pela proposta de quatro níveis de representação, a saber, EP, ES, *Phonetic Form* (doravante, PF) e LF. Porém, o que se encontra mais na prática é que uma estrutura nova é criada à medida que o significado da sentença se altera. O que severamente incapacita a autonomia da Sintaxe em relação à Semântica. No que diz respeito ao conflito entre a adequação descritiva e explanatória, é difícil equilibrar a relação entre ambas, uma vez que é compulsório criar mais regras para chegar à adequação descritiva, o que implica menos adequação explanatória para a teoria.

Vries (2002) propõe sistematicamente o seu modelo de alçamento revisado cunhado no modelo MP, com base em Schachter (1973) e Kayne (1994) e na hipótese de D-complemento. Vries segue as ideias básicas do modelo de alçamento representado por Kayne (1994), de que a relativização é realizada por meio do alçamento do núcleo nominal gerado no interior da oração relativa para posição de Spec-CP e da projeção do D_{ext}: [DP_{ext} D_{ext} CP]. Segundo Vries (2002, p. 111), esse modelo trata, em princípio, da derivação das estruturas relativas restritivas do tipo *postnominal* (doravante, relativa pós-nominal), especialmente a das ERAs, mas pode ser expandida para tratar também de outros tipos de estrutura relativa, como *prenominal* (doravante, relativa pré-nominal), *circumnominal* (doravante, relativa circum-nominal) e *correlative* (doravante, correlativa).¹² No modelo revisado de Vries, há dois grupos de elementos decisivos para a derivação de uma estrutura relativa: traços e Ds. É natural que tal modelo revisado introduza uma série de traços, a saber,

¹² Segundo Vries (2002: 20), as estruturas básicas dos diferentes tipos de estruturas relativas são:

- a. relativas pós-nominais: [S-matrix ... [N RC] ...]
- b. relativas pré-nominais: [S-matrix ... [RC N] ...]
- c. relativas circum-nominais: [S-matrix ... [[RC ... N ...]] ...]
- d. correlativas: [S-matrix [RC (...) N ...] [S-matrix ... (Dem) ...]

traços de Caso, traços ϕ e traço *wh*-, já que se trata de um estudo baseado no modelo MP, especialmente na teoria de checagem do MP, que, por sua vez, pode ser substituída pela operação de *Agree*¹³ do modelo *Phase*, conforme Chomsky (2000, 2001). Vries (2002) propõe um D_{ext} e um D_{rel} para o seu estudo. O D_{ext} é um determinante externo enquanto o D_{rel} é um determinante relativo. Os dois Ds compartilham as três propriedades em (44) e diferenciam-se nos três aspectos em (45). De fato, pelo nosso julgamento, os dois Ds propostos no estudo de Vries são uma explicitação dos dois Ds subcategorizados de Kayne (1994). A derivação de uma estrutura relativa é demonstrada em (46), conforme a proposta de Vries (2002).

- (44) a. ambos podem ser visíveis e invisíveis;
 b. ambos são dotados de traço de Caso e traços ϕ ;
 c. a projeção máxima (DP) de ambos é o argumento.
- (45) a. D_{rel} escolhe NP como seu complemento enquanto D_{ext} escolhe CP;
 b. D_{rel} carrega consigo o traço *wh*- enquanto D_{ext} não carrega;
 c. há sempre um alçamento visível do NP da posição de complemento para a posição de especificador para o DP_{rel} formando um $[NP D_{rel}]$, enquanto isso é raro para o DP_{ext} formar um $[NP D_{ext}]$.
- (46) a. Essa é a Maria a qual João ama.
 b. Essa é $[DP_{ext} [D_{ext} FF(Maria)_j+a] [CP [DP_{rel} [NP t_j+PF(Maria)]_i [D_{rel}' a qual t_i]_k [C\text{-}Jo\tilde{a}o\text{-}ama\ t_k]]]$.

De uma forma geral, o modelo de alçamento representado por Kayne (1994) e o modelo revisado por Vries (2002) são de mesma natureza, já que ambos propõem que a relativização dá-se pelo alçamento do núcleo nominal. Percebemos que as diferenças entre os modelos concernem principalmente aos aspectos seguintes em (47). O modelo de alçamento é ainda hoje o mais utilizado, o que se deve aos fatos

¹³ A operação de *Agree* preocupa-se com a checagem de traços e opera entre um núcleo funcional na posição mais alta: *Probe* e uma expressão linguística na posição mais baixa: *Goal*.

de que: i) a maioria dos pesquisadores aceita a teoria de assimetria proposta por Kayne, que rejeita a adjunção à direita sustentada pelo modelo tradicional; e ii) a proposta consegue abordar melhor a reconstrução de constituinte com reflexivo e de constituinte de expressão idiomática. No entanto, Wang (2005) aponta que Vries (2002) falha no tratamento da derivação das estruturas relativas em Chinês, já que Vries adota a ordem linear estrutural especificador-núcleo-complemento proposta por Kayne (1994), e o Chinês mostra a ordem linear complemento-núcleo-especificador para a relativização.

- (47) a. o primeiro é baseado no modelo GB enquanto o segundo baseado no modelo MP;
- b. o primeiro propõe-se a derivar todos os tipos de estruturas relativas (pré-nominal e pós-nominal) enquanto o segundo se restringe a tratar principalmente da derivação das estruturas relativas restritivas pós-nominais;
- c. o primeiro propõe-se a derivar todas as estruturas relativas (ERAs e ERAds) enquanto o segundo se restringe a tratar principalmente da derivação ERAs;
- d. o segundo checa traços enquanto o primeiro não.

1.4 CONCLUSÕES

Nesse Capítulo, os três modelos para a derivação das estruturas relativas foram apresentados. Em relação ao modelo tradicional, seus problemas principais concernem a quatro aspectos: i) é denunciado por muitos linguistas sobre o empréstimo da derivação das interrogativas para a relativização, e, de fato, o próprio Chomsky (1977, p. 87) também apontou que a derivação das estruturas relativas não deveria envolver os mesmos fenômenos que a derivação das interrogativas *wh*-; ii) a adjunção à direita para a derivação de uma estrutura relativa opõe-se à ordem linear

universal sustentada pelo LCA; iii) a regra de predicação que se propõe a ligar a oração relativa e o núcleo nominal NP e estabelecer correferência entre o núcleo, o operador *wh-/Op* e o vestígio *t* é questionada pelo modelo de alçamento; iv) não dá conta da reconstrução de constituinte com reflexivo e de constituinte de expressão idiomática.

Quanto ao modelo de alçamento representado por Kayne (1994), apesar de ter resolvido os problemas encontrados no modelo tradicional, também pode enfrentar três problemas: i) a sua estrutura fundamental [_{DP} D CP] para a relativização é questionada, ou seja, a hipótese de Art-S sustentada pelo modelo de alçamento é uma condição suficiente, mas não necessária, no sentido de que a base estrutural fundamental [_{DP} D CP] desse modelo parece ser mais descritiva do que explicativa e derivacional para explicar a derivação das estruturas relativas; ii) esse modelo não se adequa ao princípio de economia de Chomsky (1995a), uma vez que pode envolver dois alçamentos na derivação das estruturas relativas com pronome relativo; iii) a ordem linear universal sustentada pelo LCA especificador-núcleo-complemento é denunciada para a derivação das estruturas relativas em Chinês.

No que diz respeito ao modelo de alçamento revisado por Vries (2002), suas ideias básicas são provenientes do modelo representado por Kayne (1994), teoricamente enfrentando os mesmos problemas em Kayne (1994). O que diferencia um do outro é que Vries (2002) aplica à checagem de traços enquanto Kayne (1994) não. É uma pena que Vries (2002) adote continuamente o LCA baseado na teoria X-barras de Chomsky (1981, 1982), ao invés de *Bare Phrase Structure* (doravante, BPS) de Chomsky (1995b), que propõe que a ordem dos constituintes sintáticos de uma sentença é decidida durante o processo derivacional, ou seja, a ordem linear universal sustentada por Kayne (1994) é abandonada. E, se adotasse a BPS, o problema de ordem existente em Chinês resolver-se-ia imediatamente.

No que se refere ao modelo misto de Aoun & Li (2003), sua proposta perfeitamente evita a colocação de Kayne (1994) de que a relação entre o modelo de alçamento e o modelo tradicional não é complementar, mas excludente, na medida em que propõe uma estrutura fundamental [_{DP} D CP] para a relativização em Inglês e a adjunção à esquerda [CP NP] para a relativização em Chinês. No entanto, esse modelo enfrenta os mesmos problemas encontrados nos modelos tradicional e de

alçamento, como o resultado de ser uma mistura de ambos.

2 ESTRUTURAS RELATIVAS EM PORTUGUÊS

2.1 INTRODUÇÃO

Na literatura, há principalmente três tipos de estratégias para a derivação das estruturas relativas restritivas em Português, a saber: relativas padrão, resumptiva e cortadora, vistas nos exemplos em (48). Estas relativas são derivadas ou por análises de movimento ou por análises de não-movimento. Ambas as análises são baseadas no modelo GB.

- (48) a. a moça que eu vi.
b. a moça com quem eu falei.
c. a moça que eu vi ela.
d. a moça que eu falei com ela.
e. a moça que eu falei.

Na seção 2.2, uma nova classificação para as estruturas relativas em Português será proposta, tendo em consideração a natureza desta dissertação e para simplificar as classificações existentes em Português. Segundo a nova classificação, as relativas em (48) serão agrupadas nas categorias de ERAs, ERAds e estruturas relativas que não apresentem lacunas (doravante, ERsLs).

Na seção 2.3, os estudos clássicos de alçamento de Kenedy (2002) e de não-movimento de Tarallo (1983) e Kato (1993) serão apresentados.

Na literatura, o estado sintático do elemento “que” é analisado sob duas hipóteses: complementizador e pronome relativo. Para Tarallo (1983), trata-se de um complementizador, porque o único caso (relativa *pied-piping*) em que o elemento pode ser considerado como um pronome relativo é descartado. Segundo Tarallo (1983, p. 12), a estratégia *pied-piping* é um fenômeno linguístico formal escrito, cuja forma é adquirida no ambiente escolar. Conseqüentemente, a sua realização é estranha ao vernáculo do Português. Para Kato (1993), o elemento “que” é um pronome relativo, na medida em que apresenta propriedades sintáticas semelhantes às de um pronome

em vez do complementizador *that* em Inglês.

Tarallo (1983) propõe a sua análise *pro* para a derivação das estruturas relativas em Português, na qual não haveria movimento durante todo o processo derivacional. Tarallo baseia-se na proposta do modelo GB, de que os pronomes resumptivos nas relativas resumptivas são gerados na base, de forma que não haveria movimento nesse tipo de relativas, e também na proposta de Jackendoff (1977), de que o sistema relativo de uma dada língua é subdeterminado pelo seu sistema pronominal. Por sua vez, Kato (1993) propõe a sua famosa hipótese LD, com base no modelo tradicional e nas hipóteses de Jackendoff (1977) e de Tarallo (1983). Segundo essa hipótese, existe uma posição sintática de base que está em uma relação de adjunção com a oração relativa IP. A relativização dá-se pelo alçamento do pronome relativo nessa posição, não havendo movimento visível durante todo o processo derivacional.

Diferente das duas análises de não-movimento acima, Kenedy (2002) propõe que a relativização em Português dá-se pelo alçamento de DP/PP. Se o alçamento do DP deixar uma cópia não pronunciada, a relativa resultante será uma relativa cortadora ou uma relativa padrão DP, enquanto se deixar uma cópia parcialmente pronunciada (resumptivo), a relativa resultante será uma relativa resumptiva DP ou PP. Se o alçamento for do PP, a relativa resultante será uma relativa padrão PP.

Na seção 2.4, algumas considerações em tom conclusivo são apresentadas.

2.2 RECLASSIFICAÇÃO DAS ESTRUTURAS RELATIVAS

Na literatura das estratégias de relativização em Português, há basicamente duas classificações clássicas. Segundo a classificação de Tarallo (1983) e Kato (1993), há três tipos de estratégias relativas: relativa padrão, relativa resumptiva e relativa cortadora, nos exemplos em (49). As definições das três estratégias de Tarallo (1983) seguem-se:

... a estratégia padrão caracterizava-se como tal pela existência de uma lacuna na posição de base do QU-relativizado, por contraste à estratégia resumptiva, que apresentava na posição de base do QU- uma forma pronominal correferente ao núcleo nominal alvo da relativização (gerado na

base). Já a relativa cortadora era caracterizada como aquela em que ausentes a preposição regente e o sintagma por ela regido – logo, a cortadora também seria uma variante que apresentava lacuna.

(KENEDY, 2002, p. 66)

(49) a. relativa padrão

a moça_i que eu vi ϵ .

b. relativa resumptiva

a moça_i que eu vi ela_i.

c. relativa cortadora

a moça que eu falei ϵ .

Com base na classificação dos dois mestres e inspirado por Duarte (1996), sobre a correlação entre as estratégias padrão, cortadora e *pied-piping*, Kenedy (2002, p. 68) propõe uma revisão da classificação em (49) para dar conta das diferenças entre a relativização de DP e PP, como em (50).

(50) a. relativização de DP

1. relativa padrão DP

a moça_i que eu vi [cópia não-pronunciada t]_i.

2. relativa resumptiva DP

a moça_i que eu vi [cópia parcial **ela**]_i.

b. relativização de PP

1. relativa padrão PP

a [moça com quem]_i eu falei [PP t]_i.

2. relativa resumptiva PP

a moça_i que eu falei com [cópia parcial **ela**]_i.

3. relativa cortadora PP

a moça_i que eu falei ~~com~~ [cópia não-pronunciada t]_i.

No entanto, a classificação revisada de Kenedy (2002) parece um pouco ampla

e complexa, apesar de toda a adequação capaz de expressar. Para simplificar a classificação de Kenedy, pensamos em propor uma reclassificação dependendo da posição sintática que sofre alçamento ou não, sob o ponto de vista do modelo de alçamento, em vez de constituinte sintático DP/PP. Segundo a nossa nova classificação, as relativas restritivas podem ser divididas em três grupos, a saber, ERAs, ERAds e ERsLs, como mostram (51), (52) e (53).

(51) ERAs

a. a moça que eu vi e.

(52) ERAds

a. a moça com quem eu falei.

(53) ERsLs

a. a moça_i que eu vi ela_i.

b. a moça_i que eu falei com ela_i.

c. a moça que eu falei.

Nos parágrafos a seguir, as ERAs, ERAds e ERsLs são definidas respectivamente.

ERAs são as construções nominais que apresentam lacunas nas posições de argumento, seja na posição de sujeito, seja na posição de objeto. O exemplo em (54) é uma ERA com uma lacuna na posição de sujeito enquanto o exemplo em (51) é uma ERA que apresenta uma lacuna na posição de objeto. Segundo a nova análise alternativa baseada no modelo *Phase*, as lacunas são categorias vazias geradas na base, existindo para satisfazer as condições de argumento. Vale notar que a propriedade sintática dessas categorias vazias de base precisa ainda ser estudada futuramente, ou seja, está atualmente subcategorizada. Contrário a isso, as lacunas são geralmente consideradas como vestígios/cópias deixados por alvos argumentais NPs/DPs, que sofrem alçamento sob a visão do modelo de alçamento de Kayne (1994) e Vries (2002), como em (55), enquanto elas são tratadas como *pro* proposto por Tarallo (1983), como mostra (56).

(54) a moça que e viu um cachorro na esquina.

(55) a [NP/DPmoça]_i que eu vi *t_i*.

(56) a moça que eu vi *pro*.

ERAdS são as construções que, por sua vez, apresentam lacunas nas posições de adjunto. Na literatura, são as estruturas relativas que envolvem *pied-piping*. A diferença entre uma ERAd (ou relativa padrão PP, proposta por Kenedy) e uma relativa cortadora se deve ao fato de que a primeira apresenta um movimento visível de PP, sob o olhar do modelo de alçamento, enquanto a segunda não demonstra um alçamento desse tipo. Portanto, a relativa cortadora é considerada como uma ERsL que será definida e apresentada na subseção a seguir. *Pied-piping* consiste em uma forte evidência do modelo de alçamento de que há um alçamento do PP de sua posição na oração relativa para a Spec-CP, visto em (57). No entanto, percebemos que é mais viável propor que não há alçamento envolvido nesse tipo de relativa, como se pode verificar nos argumentos posteriores nas seções a seguir. De fato, o PP, nesse caso, “com quem” é gerado na base, na posição de Spec-CP, como em (58). Devido à sua função de adjunto, pode ser apagado, e a estrutura relativa resultante será uma ERsL cortadora, visto em (59).

(57) a [PP moça_j com quem *t_j*]_i eu falei *t_i*.

(58) a moça com quem eu falei.

(59) a moça que eu falei.

ERsLs dizem respeito às construções que, ao contrário das duas categorias primeiras, não apresentam lacunas nem nas posições de argumento nem nas de adjunto. Essa categoria envolve as relativas resumptiva, cortadora.

Desde Chomsky (1977), as relativas resumptivas são consideradas como orações que não exibem movimento durante o processo de derivação, como em (60). O núcleo nominal, o pronome relativo e o pronome resumptivo são coindexados na LF via regra de predicação, segundo Chomsky (1982, p. 92-93). A relativa resumptiva em (60) é tratada como resultado de alçamento do DP, deixando uma cópia parcialmente pronunciada (pronome resumptivo) na sua posição de origem, segundo a análise de alçamento de Kenedy (2002), vista em (61). No entanto, essa hipótese de cópia parcial é ousada e nós mantemos a hipótese de Chomsky (1977; 1982, p 11;

1995a, p. 71) de que não há movimento na derivação das relativas resumptivas.

Segundo a nossa análise, a ERsL cortadora é uma estratégia alternativa da ERAd e da ERsL resumptiva PP, que também não apresenta movimento na derivação. A diferença entre essas duas estruturas é que a primeira não apresenta adjunto e a segunda exibe um adjunto à esquerda na posição de Spec-CP, enquanto a terceira apresenta um adjunto à direita no interior da oração relativa, já que tanto o modelo GB quanto a BPS sustentada pelo modelo MP suportam a ordem livre do adjunto em relação ao seu núcleo. Além disso, um adjunto é omissível.

No entanto, Kenedy (2002) propõe que os traços φ garantem o uso conjunto dos constituintes sintáticos de P e DP; se o DP for alçado, de forma a deixar uma cópia não-pronunciada, automaticamente o P será apagado, como mostra (62). A agramaticalidade de *prepositional stranding* em Português é resultado de desobediência ao uso conjunto de P e DP. Vale notar que as noções de cópia parcialmente pronunciada e cópia não-pronunciada propostas por Kenedy (2002) apresentam algumas inadequações, de acordo com os nossos argumentos nas seções a seguir.

(60) a moça_i quem_i eu vi ela_i.

(61) a [DP moça]_i que eu vi [cópia parcial ela]_i.

(62) a [DP moça]_i que eu falei ~~com~~ [cópia não-pronunciada t]_i.

Feita a exposição da nova classificação das estruturas relativas em Português, analisaremos a seguir os estudos existentes de não-movimento e movimento.

2.3 REVISÃO DOS ESTUDOS EXISTENTES

2.3.1 Propriedade sintática de “que”

O elemento “que” é um constituinte sintático de uso frequente em Português, apresentando funções sintáticas múltiplas, entre as quais estão interrogativo, conector, “pronome relativo”, complementizador etc., como mostram as sentenças em (63). Na literatura, esse elemento é basicamente proposto como um

complementizador, dado que não mostra propriedades como gênero, número, pessoa, entre outras, que são manifestadas em um pronome relativo comum como cujo/a, cujos/as, o/a qual e os/as quais, por exemplo. A única ocorrência em que “que” é apresentado aparentemente como um pronome relativo é no caso da relativa *pied-piping*, como no exemplo (63c). Para Tarallo (1983), “que” praticamente é um complementizador, pois propõe que o Português basicamente não apresenta o uso da relativa *pied-piping*.

- (63) a. Que horas ele vai sair de casa?
 b. Meu pai disse que vai sair de casa às 7:00 horas.
 c. Essa é a chave com que o meu pai repara carro dele.
 d. Essa é a chave que o meu pai repara carro dele.

Para Kenedy (2002), propor “que” como um complementizador é mais econômico do que como pronome relativo, em termos de custo derivacional. Segundo o autor, a derivação da relativa em (64) requer uma operação de movimento e uma operação de apagamento, considerando-se “que” um complementizador, como em (65). Por sua vez, essa derivação requer dupla realização de movimento e apagamento, ao considerar-se “que” como um pronome relativo, conforme mostra (66). De fato, propor o elemento “que” como um pronome relativo não é o que se espera pelo princípio de economia de Chomsky. Ainda segundo Kenedy (2002, p. 84), outro argumento a favor de assumir “que” como complementizador nas relativas consiste no fato de que a relativização não permite a ocorrência de duplos “quês”, ao contrário da interrogação, que permite o uso desse tipo, como mostram os exemplos em (67).

- (64) o livro que eu li
 (65) [o livro_i que eu li ~~livro~~_i]
 (66) a. [DP o [CP [DP que livro]_i [IP eu li [~~DP que livro~~_i]]]]
 b. [DP o [CP [DP [NP livro]_j [D que [~~NP livro~~_j]]] [IP eu li \bar{t}]]]
 (67) a. o que que você viu?
 *a coisa que que você viu.

b. que livro que você leu?

*o livro que que você leu.

Por outro lado, Kato (1993) propõe que o elemento “que” é um pronome relativo, na medida em que apresenta propriedades sintáticas semelhantes às de um pronome, ao invés do complementizador *that* em Inglês. Segundo Kato, “que” pode ser utilizado numa estrutura *pied-piping* como um pronome relativo, por exemplo, o que é proibido para o complementizador *that* em Inglês, como em (68). Porém, percebemos que a hipótese de “que” ser um pronome relativo aparentemente se restringe apenas às relativas do tipo exemplo (68a), em que os dois pronomes relativos (“que” e “a qual”) são substituíveis um pelo outro, de modo que os exemplos em (69) incapacitam totalmente essa hipótese. Isso se dá porque o pronome relativo “que” e os outros pronomes relativos comuns não são substituíveis nesses casos. Além disso, o elemento “que” mostra múltiplas funções conforme o que foi exposto acima, sendo questionável propô-lo como um pronome relativo.

(68) a. Essa é a chave com que/a qual o meu pai repara carro dele.

b. *This is the spanner with that my father repairs his car.

(69) a. Ele é o Pedro com quem eu falei ontem

*Ele é o Pedro com que eu falei ontem

b. Eu quero ir a Macau onde posso experimentar comidas maravilhosas.

*Eu quero ir a Macau que posso experimentar comidas maravilhosas.

c. Essa cidade se chama Macau cujas comidas são maravilhosas.

*Essa cidade se chama Macau que comidas são maravilhosas.

De fato, sob as nossas análises, deve-se notar que o Português e o Inglês são línguas de famílias diferentes e o complementizador é uma categoria funcional. Isso determina a semelhança entre os complementizadores nas diferentes línguas, os quais, entretanto, não precisam necessariamente apresentar propriedades sintáticas completamente idênticas. Por exemplo, todos os elementos “que”, *that* e *de*

(complementizador em Chinês ¹⁴) são amplamente propostos como complementizadores por linguistas das respectivas línguas, mas o Inglês mostra o uso mais livre do complementizador *that* em relação ao Português e ao Chinês, os quais apresentam o uso obrigatório de “que” e *de*, respectivamente, como em (70). Portanto, não se pode propor que “que” em Português é um pronome relativo em todos os casos somente com base na semelhança entre o elemento e o pronome e na diferença em relação ao complementizador de outra língua, no caso, *that* em Inglês. Vale notar que percebemos que propor “que” como um pronome relativo implicaria a ausência do complementizador nas relativas em Português, resultando na agramaticalidade de (70b). Devido aos argumentos demonstrados, a nossa análise propõe que o elemento “que” comporta-se como um complementizador, e não como pronome relativo.

(70) a. This is the spanner that my father used yesterday.

This is the spanner my father used yesterday.

b. Essa é a chave que meu pai usou ontem.

* Essa é a chave meu pai usou ontem.

c. zhe shi wo baba zuotian yong de banshou.

essa é meu pai ontem usar que chave.

*zhe shi wo baba zuo tian yong banshou.

Começaremos a analisar, nas subseções a seguir, detalhadamente os mecanismos computacionais dos estudos existentes para a relativização das estruturas relativas em Português, a saber, Tarallo (1983), Kato (1993) e Kenedy (2002).

2.3.2 Tarallo (1983)

Chomsky (1977, 1982, 1995a) propõe que os pronomes resumptivos nas

¹⁴ O exemplo em Chinês é meramente para ilustração.

relativas resumptivas são gerados na base, de forma que não haveria movimento nesse tipo de relativas. Isso implicaria que as relativas resumptivas poderiam não ser sensíveis às condições de ilha de Ross (1967) e Chomsky (1977), como mostra (71) (cf. Kenedy, 2002, p. 97). Da forma semelhante, Tarallo (1983) sugeriu que o mesmo fenômeno descrito acima poderia também acontecer em (72), a qual apresenta uma lacuna na posição no interior da oração relativa. Segundo Tarallo (1983, p. 17), a aceitabilidade de (72) para os informantes da sua pesquisa indica que o núcleo NP seja gerado na base e recuperado anaforicamente pela lacuna (*e*), ou seja, não envolveria alçamento de NP/DP, conseqüentemente, a lacuna seria um objeto nulo.

(71) a moça_i que eu acredito que João viu ela_i veio me visitar.

(72) a moça_i que eu acredito que João viu e_i veio me visitar.

Com base no modelo GB e Jackendoff (1977), Tarallo (1983) propõe a sua análise *pro* para a derivação das estruturas relativas em Português, na qual não haveria movimento durante todo o processo derivacional¹⁵. Seguindo a proposta de Jackendoff, de que o sistema relativo de uma dada língua é subdeterminado pelo seu sistema pronominal, Tarallo aponta que o sistema de relativização do Português deveria ser estudado a partir do seu sistema pronominal anafórico. Segundo Tarallo (1989, p. 225), a necessidade de estudo paralelo desse tipo torna-se mais acentuada quando línguas que apresentam regras avançadas quanto ao uso do *pro-drop* forem consideradas, dentre as quais o Português faz parte. Tendo em consideração a proposta de Jackendoff e o uso frequente de *pro-drop* no Português, Tarallo propõe uma análise unificada para a derivação das estruturas relativas padrão e resumptiva, na qual a posição relativizada poderia ser interpretada tanto como anáfora pronominal (resumptivo) quanto como anáfora zero (lacuna), como mostram as sentenças em (73).

(73) a. a moça_i que eu vi [anáfora pronominal ela]_i.

b. a moça_i que eu vi [anáfora zero *pro*]_i.

¹⁵ Em relação à estratégia *pied-piping*, Tarallo (1983: 12) argumentou a sua inexistência dado à baixa percentagem de ocorrência dela no *corpus* realizado pelo autor. Para Tarallo, a sua realidade é estranha ao vernáculo PB.

A derivação das estruturas relativas em Português, de acordo com a hipótese *pro* de Tarallo, seguiria as orientações abaixo:

- a. haveria uma relação de adjunção entre a oração relativa CP e o núcleo NP;
- b. existiria sempre uma anáfora (pronome resumptivo) no interior do CP, na EP, a qual estaria na relação de correferência com o núcleo NP;
- c. ao continuar se mantendo como uma anáfora pronominal durante a derivação, a relativa resultante seria uma ERsL resumptiva na ES;
- d. sendo apagada por uma regra de elipse pronominal (*pro-drop*) na derivação, de forma a apresentar uma anáfora zero, a relativa resultante seria uma ERA.

Diferente dos estudos dos modelo tradicional e modelo de alçamento, nos quais uma estrutura relativa dá-se pelo movimento de operador *wh-* ou núcleo nominal, Tarallo (1983) propõe uma análise alternativa muito importante para os estudos da derivação das estruturas relativas em Português. Essa alternativa pode trazer uma inspiração essencial e ser uma referência relevante para os estudos posteriores de não-movimento. Segundo a hipótese *pro* de Tarallo, a posição relativizada pode ser ou uma anáfora pronominal (resumptivo) ou uma anáfora zero (lacuna), como mostra (73). No entanto, essa hipótese pode enfrentar algumas falhas teóricas, devido ao modelo no qual se baseia: modelo GB e à inadequação do tratamento equivalente entre o resumptivo e a lacuna. Kenedy (2002, p. 101) apontou que “Tal modelo representa uma radicalização das formulações de Chomsky (1982, p. 11), que apresentavam a possibilidade de serem apenas as relativas resumptivas geradas sem a aplicação de regra de Movimento.”

Além da indicação de Kenedy, percebemos que a hipótese *pro* de Tarallo (1983), aparentemente, falha na hipótese de que o resumptivo e a lacuna são constituintes sintáticos do mesmo tipo que estão numa relação complementar (*-pro-drop* e *+pro-drop*) e podem ser substituídos um por outro, como em (73). Tarallo (1983) propõe que, com base na hipótese de que os resumptivos não são sensíveis às condições de ilha de Ross (1967), a lacuna em (74) também não respeita essas condições, sendo por isso um objeto nulo (*pro*). No entanto, em primeiro lugar, as condições de ilha aplicam-se aos elementos movidos ao invés do resumptivo. A gramaticalidade da sentença em (75) dá-se pelo fato de que não há movimento

envolvido, no sentido de que os argumentos do verbo estão satisfeitos (especificador: João e complemento: ela), em vez da hipótese de desobediência ao resumptivo em relação às condições de ilha; em segundo lugar, a lacuna não pode ser um *pro*, apesar de ser realmente um objeto nulo. Trata-se de uma categoria vazia cuja propriedade sintática ainda deve ser estudada futuramente. Segundo a hipótese *pro*, a sentença que apresenta uma anáfora zero em (76a) seria gramatical e poderia ser substituída por uma anáfora pronominal como mostra o exemplo (76b). No entanto, o fato se dá ao contrário.

(74) a moça_i que eu vi [_{anáfora zero} *pro*]_i.

(75) a moça_i que eu acredito que João viu ela_i veio me visitar.

(76) a. * a moça_i que eu falei com [_{anáfora zero} *pro*]_i.

b. a moça_i que eu falei com [_{anáfora pronominal} *ela*]_i.

Feita a apresentação dessa análise de não-movimento de Tarallo (1983), analisaremos a seguir o outro estudo, de Kato (1993), também da mesma natureza.

2.3.3 Kato (1993)

Kato (1993) propõe a sua famosa hipótese LD, com base no modelo tradicional e nas hipóteses de Jackendoff (1977) e de Tarallo (1983). Segundo essa hipótese LD, existe uma posição sintática de base que está em uma relação de adjunção com a oração relativa IP, como mostra (77). Segundo Kato, o constituinte sintático que ocupa essa posição LD é um pronome relativo. Portanto, o elemento “que” que ocupa essa posição é um pronome relativo. A relativização dá-se pelo movimento do pronome relativo de sua posição de base LD para a posição Spec-CP, como em (78), ao invés de alçamento de argumento (sujeito ou objeto) ou de adjunto proposto pelo modelo de alçamento. Essa posição LD, o núcleo da relativização e a lacuna (ou pronome resumptivo) são coindexados por uma regra de predicação em LF chamada, por Kato (1993), de coindexação. Segundo Kato (1993, p. 229), essa posição na LF possibilita a não-sensibilidade das relativas em Português às condições de ilha, na medida em que é gerada na base e pode ser coindexada com qualquer posição da sentença

incluindo a posição dentro de ilhas, como em (79). Além disso, Kato aponta duas vantagens dessa hipótese LD: oferecer maior número de possibilidades de relativização para as línguas e exigir menos em termos de custo derivacional por meio dessa posição LD.

(77) o homem [CP [LD que] [IP eu vi ele]].

(78) o homem [CP que_i [LD t_i] [IP eu vi ele]].

(79) a moça_i [CP que_i [LD t_i] [IP eu acredito] [CP que [IP João viu ela_i]]].

Com base na hipótese de Pontes (1987), de que o Português é uma língua de tópico, Kato (1993, p. 229) propõe que a relativização em Português apresenta uma estrutura sintática igual à topicalização. Ou seja, é composta por um núcleo e um comentário. Segundo Kato, o núcleo da relativização seria o tópico da topicalização e a oração relativa seria o comentário da topicalização. Para corroborar a legibilidade da sua hipótese sobre a propriedade estrutural idêntica entre a relativização e a topicalização, Kato (1993) lista as construções de LD com pronome, construções de LD correferentes ao argumento nulo e construções de LD correferentes ao adjunto, explicando a transformação para as relativas correspondentes.

“...construções de LD com pronome (exemplo (8)a.), de LDs correferentes a objetos nulos (exemplo (8)b.) e construções aparentemente SVO, mas cujo sujeito é um tópico identificado tematicamente como locativo do verbo (exemplo (8)c.), ou ainda construções em que o LD é correferente ao complemento de um núcleo nominal (8)d.:

(8) a. Esse buraco_i, taparam ele_i outro dia.

b. Essa cerveja_i, eu não gosto _i.

c. O seu regime_i entra muito laticínio _i?

d. As cadeiras optativas_i, cê precisa ter um conhecimento _i bom antes.

Se considerarmos que os NPs que iniciam essas sentenças ocupam a posição de LD (tópico discursivo), podemos dizer que temos uma inequívoca indicação de que são essas as posições relativizadas nos sintagmas nominais abaixo:

(9) a. O *buraco* que taparam ele outro dia ...

b. A *cerveja* que eu não gosto ...

c. O *regime* que entra muito laticínio ...

d. As *cadeiras optativas* que cê precisa ter um bom conhecimento bom primeiro ...”

(KATO, 1993, p. 230)

Porém, a hipótese LD foi denunciada e criticada por Kenedy (2002) e Duarte (1996). Segundo Kenedy (2002), essa hipótese não apresenta relações sintáticas entre o núcleo da relativização, o pronome relativo e o pronome resumptivo, no sentido de que são coindexados via regra semântica de coindexação. Quanto às críticas, Duarte (1996) denunciou que, por um lado, não haveria dados objetivos do Português que corroborassem as duas hipóteses de Kato: a hipótese de Português como uma língua de tópico e a hipótese de construção topicalizada da relativização; além disso, a hipótese LD seria uma generalização em demasia da derivação das relativas. No que diz respeito à primeira crítica, segundo Duarte (1996, p. 353), tópicos discursivos e/ou sujeitos múltiplos são construções recorrentes da linguagem oral no Português. Considerar o Português como uma língua de tópico seria descaracterizar esse conceito, na medida em que essa língua não apresenta nenhuma outra propriedade das estruturas tópicas existentes nas línguas de tópico, como o Chinês e o Japonês, apesar de apresentar a existência de sujeitos múltiplos. Segundo Duarte (1996), as línguas de tópico apresentam as seguintes propriedades:

- (a) são línguas verbo-finais;
- (b) codificam morfossintaticamente o tópico (mas não o sujeito);
- (c) não dispõem de expletivos;
- (d) não possuem ou possuem escassamente passivas;
- (e) nessas línguas anáforas e pronominais nulas são orientadas para o tópico e não para o sujeito;
- (f) não existem restrições gramaticais para o constituinte que pode figurar como tópico;
- (g) dispõem de construções com sujeitos múltiplos;
- (h) não apresentam morfologia verbal de concordância (não-uso de *Agr*).

(DUARTE, 1996, p. 353)

No que diz respeito à segunda crítica, segundo Kato (1996), a derivação de uma ERA (80a) e de uma ERsL cortadora (80b) se dão pelo processo de elipse pronominal e elipse da preposição, respectivamente. Porém, para Duarte (1996, p. 355) e Kenedy (2002, p. 104), a derivação das duas sentenças seria idêntica, se adotasse a hipótese LD de Kato (1993). Observa-se que, nas sentenças em (80), a

hipótese LD não consegue aparentemente diferenciar a derivação do NP (a moça) em (80a) da do PP (com a moça) em (80b), segundo os dois autores. No entanto, lembramos que a análise de Kato (1993) propõe que não há movimento (com exceção o único movimento do pronome relativo da posição LD para Spec-CP) durante o processo de derivação. Portanto, não é plausível julgar sua adequação derivacional sob o ponto de vista do modelo tradicional ou do modelo de alçamento. Se não houver movimento na derivação, naturalmente, não existe mais a diferença entre o NP/DP relativizado e o PP relativizado.

(80) a. a moça_i [_{CP} que_i [_{LD} t_i] [_{IP} eu vi [_{NP}]_i]].

b. a moça_i [_{CP} que_i [_{LD} t_i] [_{IP} eu falei [_{PP}]_i]].

Segundo as nossas análises, o problema da hipótese LD não está no que Kenedy (2002) e Duarte (1996) apontaram, a saber, a correferência sintática, o fato de o Português ser ou não ser língua de tópico e a generalização derivacional demasiada. Se não houver movimento na derivação de uma estrutura relativa, certamente não existe a relação de correferência sintática entre o núcleo, o pronome relativo e a posição nula na sintaxe aberta (no termo de Kenedy (2002)), sendo, em vez disso, de natureza semântica a coindexação. A relativização do Português dá-se pelas operações de *Merge-Agree*, sob a nossa ***non-movement head external analysis***, que são mais econômicas como se pode verificar no Capítulo 3, não importando se o Português é uma língua de tópico ou não. Por último, não é adequado julgar uma análise cuja base teórica é não-movimento, sob o ponto de vista de movimento da relativização.

Percebemos que o problema dessa hipótese está no mecanismo sintático de gatilho. Tendo em consideração a semelhança sintática parcial entre a estrutura relativa e a estrutura topicalizada, Kato (1993) propõe que o núcleo da relativização seria o tópico da topicalização, sendo a oração relativa da relativização o comentário da topicalização, via transformação, como demonstra a nota anterior aqui repetida em (81) e (82). Segundo Kato (1993: 230), os tópicos NPs ocupam a posição de LD e transformam-se como os núcleos no processo de relativização. Porém, a estrutura relativa e a estrutura topicalizada são construções sintáticas diferentes em termos de seu núcleo/tópico. A relativização não licencia núcleo cujo estado sintático seja um

PP, vista em (83), embora a topicalização, por sua vez, permita tanto DP quanto PP como seu tópico, conforme mostra (84). Portanto, é implausível dizer que existe algum mecanismo sintático de transformação cuja função garanta que um tópico se transforme em um núcleo e um comentário se torne em uma oração relativa, mesmo que exista certa propriedade sintática semelhante entre a estrutura relativa e a estrutura topicalizada apresentando DP como seu tópico. Consequentemente, a hipótese LD, que se baseia na semelhança entre relativização e topicalização, não é adequada.

(81) Estruturas topicalizadas

- a. Esse buraco_i, taparam ele_i outro dia.
- b. Essa cerveja_i, eu não gosto_i.
- c. O seu regime_i entra muito laticínio_i?
- d. As cadeiras optativas_i, cê precisa ter um conhecimento_i bom antes.

(82) Estruturas relativas

- a. O *buraco* que taparam *ele* outro dia.
- b. A *cerveja* que eu não gosto.
- c. O *regime* que entra muito laticínio.
- d. As *cadeiras optativas* que cê precisa ter um conhecimento bom antes.

(83) a. a chave que reparou o carro

- b. * com a chave que reparou o carro

(84) a. essa chave, ele usou para reparar o carro.

- b. com essa chave, reparou o carro.

A seguir, iremos analisar detalhadamente Kenedy (2002), que é mais atualizado para tratar desse assunto e com o qual temos maior divergências.

2.3.4 Kenedy (2002)

Kenedy (2002) posiciona-se em oposição a Tarallo (1983) e Kato (1993), que se baseiam no modelo tradicional e propõem não haver ou quase não haver movimento na derivação das estruturas relativas em Português. Para o autor, todas as estratégias de relativização propostas em Português são derivadas através do alçamento do sintagma alvo (termo do Kenedy), com base no modelo de alçamento de Kayne (1994) e Bianchi (1999, 2000). Para justificar a legibilidade de tratar da relativização nas línguas humanas, Kenedy (2002, p. 41-53) listou seis evidências teóricas e empíricas no Inglês e no Italiano para sustentar o modelo de alçamento. Inspirado por essas evidências, Kenedy (2002, p. 71-79) aponta seis evidências no Português praticamente idênticas àquelas em Inglês e em Italiano para sustentar esse modelo. Essas evidências são demonstradas em (85), dentre as quais (85b) e (85c) dizem respeito à reconstrução de constituinte de expressão idiomática e à reconstrução de constituinte com reflexivo, respectivamente propostas pelo modelo tradicional. As demais são sobre o uso do artigo, assim como a estrutura fundamental estabelecida por esse elemento para a derivação das estruturas relativas.

- (85) a. A correlação entre [D] e [CP]
- b. Expressões idiomáticas
- c. Teoria da ligação
- d. Propriedades de escopo
- e. Relativização de constituintes coordenados
- f. Licenciamento do artigo definido

Nos parágrafos a seguir, serão apresentadas detalhadamente essas evidências e a relativização suportada pelo autor.

Em relação à estrutura fundamental das relativas, Kenedy (2002, 2003) propõe que D não escolhe NP como o seu complemento na relativização em Português, vista em (86), com base na proposta de Schmitt (2000, p. 311-12), de que certas palavras em Português, que expressam ideias de tipo, medida, resultado ou expressões com

a presença “com”, não podem ser antecedidas por artigo sem a presença de uma oração relativa, escolhe em vez disso CP como seu complemento, conforme (87). Segundo Kenedy (2003), a agramaticalidade de (86) é a evidência fatal contra a hipótese Sujeito-Adjunto (termo de Chomsky, que se refere à adjunção à direita) de Chomsky (1977), segundo a qual o NP Sujeito (termo de Chomsky, referindo-se ao núcleo nominal) é adjungido à direita por uma oração relativa. Ou seja, sua presença ou ausência é secundária. Para Kenedy (2003), o núcleo nominal é alçado de sua posição de origem dentro da oração relativa para a posição Spec-CP, sendo esse CP como o complemento do D. Ou seja, esse núcleo nominal faz parte de um complemento indispensável de sua projeção máxima DP. Assim a gramaticalidade de (87) é garantida.

(86) *Eu comprei [DP O [NP tipo de pão].

(87) Eu comprei [DP O [CP [NP tipo de pão]_i que você gosta *t*]].

As palavras ou expressões propostas por Schmitt são exemplificadas em (89, 90, 91 e 92). Vale notar que o próprio Kenedy (2002, p. 72) denunciou que tais entradas lexicais não precisam ser necessariamente licenciadas por uma oração relativa, pois, em vez disso, também poderiam ser licenciadas por um modificador adjetivo, como mostra o exemplo de “expressão de tipo” em (92). De fato, segundo nossas análises, outras palavras ou expressões propostas por Schmitt também podem ser licenciadas sem a presença de oração relativa, como em (93).

Os dados linguísticos do Português em (92) e (93) mostram possibilidades sem a presença de uma oração relativa para a derivação das estruturas relativas, mesmo em contexto de uso do artigo. Mais uma vez, a relativização em Português nos mostra que o modelo de alçamento sustentado pela hipótese de Arte-S de Schachter (1973) introduz uma generalização em demasia da relativização para as línguas que apresentam artigos. Ou seja, essa deve ser uma condição suficiente, mas não necessária, para a derivação das estruturas relativas. Conseqüentemente, a estrutura fundamental [DP D CP] sustentada pelo modelo de alçamento para a relativização em Português torna-se problemática, no sentido de que parece mais descritiva do que explicativa e derivacional.

(88) expressões tipológicas

- a. *Provolone é o tipo de queijo.
- b. Provolone é o tipo de queijo que Maria gosta.

(89) expressões de medida

- a. *João mede os 1.80 metros.
- b. João mede os 1.80 metros que irmão dele gostaria de medir.

(90) expressões resultativas

- a. *Pedro decorou a cozinha conforme o estilo.
- b. Pedro decorou a cozinha conforme o estilo que a sua esposa orientou.

(91) expressões “com”

- a. *Lucas vendeu o seu carro com o motor.
- b. Lucas vendeu o seu carro com o motor que ele trocou mês passado.

(92) Eu comprei aquele tipo de pão.

(93) João mede 1.80 metros.

Pedro decorou a cozinha conforme esse estilo.

Lucas vendeu o seu carro com o motor quase novo.

Segundo Schachter (1973), Chomsky (1995a), Bianchi (1999), Alexiadou et al (2000), entre outros, o fenômeno linguístico de reconstrução para o Inglês pode ser uma evidência forte a favor do modelo de alçamento, dado que um constituinte é indiscutivelmente alçado de sua posição de origem na oração relativa para a posição Spec-CP, de acordo com esse modelo. Schachter (1973, p. 31-32) exemplifica a reconstrução de constituinte da expressão idiomática e a reconstrução de constituinte com reflexivo em (94) e (95). Devido ao seu potencial para explicar a relativização de constituinte de expressão idiomática e de constituinte com reflexivo em Inglês, muitos linguistas adotam o modelo de alçamento para derivar as estruturas relativas de suas línguas, dentre os quais se encontram Kenedy (2002, 2003) e Aoun & Li (2003), Wang (2005), Li (2007) e Liu (2010), para a relativização em Português e Chinês, respectivamente.

(94) a. We made headway.

b. * (The) headway was satisfactory.

c. The [_{CP} headway_i that we made *t*_i] was satisfactory.

(95) The [_{CP} [portrait of himself]_i] that John_j painted *t*_i] is extremely flattering.

Segundo Williams (1997, p. 15), os constituintes de uma expressão idiomática são gerados como uma unidade de forma, os quais estão em uma relação de irmandade. A agramaticalidade de (94b) se deve ao fato de que o constituinte verbo da expressão idiomática está em ausência, enquanto a gramaticalidade de (94c) se dá pelo fato de que ambos os constituintes estão presentes. O exemplo em (94c) constitui um forte argumento a favor do modelo de alçamento, segundo o qual há um alçamento do núcleo nominal para a derivação das estruturas relativas em Inglês, em oposição ao modelo tradicional, que propõe que o núcleo é gerado na base e a relativização ocorre pela adjunção à direita. Baseando-se no modelo de alçamento, Kenedy (2002, 2003, p. 13-14) propõe que a relativização do objeto direto de uma expressão idiomática no Português também confirma a hipótese de Williams sobre a irmandade dos constituintes, conseqüentemente oferecendo uma forte evidência a favor do modelo. Segundo Kenedy (2002, 2003), os constituintes “pagar” e “mico”, “dar” e “mãozinha” são gerados como nódulos irmãos numa relação de núcleo-complemento, nas expressões idiomáticas de “pagar mico” e “dar mãozinha”, respectivamente, como mostra (96). De forma idêntica, as sentenças em (97) são resultado do alçamento do constituinte complemento “mico” e “mãozinha”, deixando um vestígio *t*, conforme Kenedy (2002, 2003, p. 14).

(96) Pagar mico

Dar mãozinha

(97) o [_{CP} mico_i que eu paguei *t*_i] me deixou envergonhado.

a [_{CP} mãozinha_i que ele me deu *t*_i] resolveu o problema.

Porém, percebemos que os exemplos em (97) apenas podem corroborar que o Português “admite” a relação de irmandade, sem necessariamente precisar “obedecê-la”, como ocorre em Inglês. O Português demonstra certa flexibilidade no

uso de seus argumentos, como em (98). Essa propriedade pode efetivamente afetar a escolha do uso dos constituintes da expressão idiomática. Em outras palavras, o verbo e o objeto direto podem ser usados isoladamente, desobedecendo à ideia de irmandade de Willimas e Kenedy, como mostram os exemplos em (99) e (100). Além disso, as sentenças em (101) e (102) demonstram aparentemente mais uma evidência contra a análise de Kenedy (2002, 2003), em termos de relativização do objeto direto da expressão idiomática. Se essas sentenças forem derivadas pelo alçamento do núcleo “mico” e “mãozinha”, conforme a análise de alçamento de Kenedy, então tais construções serão agramaticais em razão de que o alçamento de tais núcleos poderá causar a desobediência às restrições de movimento. A gramaticalidade das sentenças em (101) e (102) dá-se uma vez que não houve nenhum alçamento ao decorrer do processo de derivação.

(98) – Você viu Maria ontem?

– Não vi (ela). Mas João viu.

(99) a. – Ele frequentemente paga mico?

– Sim, ele paga frequentemente.

b. – Ele pagou mico de novo?

– Pagou de novo sim. O mico foi péssimo.

c. Ele frequentemente paga mico que a gente já se acostumou

(100) a. – Lucas deu uma mãozinha para Carlos passar na prova?

– Sim, ele deu.

b. – Lucas deu uma mãozinha para Carlos passar na prova?

– Sim, a mãozinha foi ótima.

c. Lucas deu uma mãozinha que ajudou Carlos a passar na prova.

(101) a. o mico_i que todo mundo sabe que João sempre paga e_i deixou ele
envergonhado.

b. *o [_{CP} mico_i que [_{IP} todo mundo sabe que [_{IP} João sempre paga t_i]]]

deixou ele envergonhado.

(102) a. a mãozinha_i que ele pediu para João dar e_i resolveu o problema.

b. *a [_{CP} mãozinha_i que [_{IP} ele pediu para [_{IP} João dar t_i]]] resolveu o problema.

Da mesma forma, Kenedy (2002, 2003) propõe que a reconstrução de constituinte com reflexivo em Inglês é também aplicável em Português. Segundo Kenedy (2002, 2003, p. 15), o antecedente “João” precede e c-comanda o anafórico “si mesmo” no decorrer da derivação, satisfazendo-se o princípio C (colocação do autor, de fato, princípio A). A representação de (103) se deve à operação de movimento a partir da qual o DP “retrato de si mesmo”, que contém o anafórico “si mesmo”, se alçou de sua posição na oração relativa para a posição do Spec-CP, deixando de ser c-comandado por o seu antecedente “João”. Para Kenedy (2002, 2003), a gramaticalidade de (103) somente poderia ser explicada pelo modelo de alçamento, em vez do modelo tradicional.

(103) [_{DP} o [_{CP} [_{DP} retrato de si mesmo]_i que João pintou t_i] é encantador]

No entanto, segundo as nossas análises, a sentença em (104a) mostra aparentemente uma evidência contra a análise de Kenedy (2002, 2003), em termos de relativização do constituinte com reflexivo. Da mesma forma, se (104a) fosse derivada pelo alçamento do núcleo “retrato de si mesma”, a sentença seria agramatical, porque o alçamento desobedece às restrições de movimento, como demonstra a sentença (104b). O fato é que tal construção é gramatical. Mais uma vez, a gramaticalidade de (104a) dá-se porque não houve nenhum movimento ao decorrer do processo derivacional.

(104) a. o [retrato de si mesma]_i que Maria pediu para João pintar e_i é encantador.

b. *o [_{CP} [retrato de si mesma]_i que [_{IP} Maria pediu para [_{IP} João pintar t_i]]] é encantador.

De uma forma geral, percebemos que a reconstrução em Inglês, sustentada pelo modelo de alçamento, não é aplicável para o Português, na medida em que o

segundo apresenta certa flexibilidade no uso de seus argumentos, o que não é possível para o Inglês. O que garante o uso dos constituintes da expressão idiomática e do constituinte com reflexivo de forma flexível nessa língua. Ao mesmo tempo, os dados linguísticos mostram que não há alçamento do núcleo nominal envolvido na derivação das estruturas relativas com a presença de expressão idiomática e reflexivo. De fato, o que parece mais plausível é que o constituinte da expressão idiomática e o constituinte com reflexivo são gerados na base.

Adaptando os exemplos, quanto ao escopo do DP em Italiano, presentes em Bianchi (1999) para as sentenças em Português em (105), Kenedy (2002, p. 75-77) aponta que a relativização em Português fortalece a hipótese sustentada pelo modelo de alçamento, de que o determinante D externo “os” escolhe toda a oração relativa “dois pacientes que cada doutor examinará” como o seu complemento ao invés do DP “dois pacientes”, estabelecendo-se a evidência de que a estrutura fundamental para a derivação das estruturas relativas em Português é [DP D CP], conforme sustentado pelo modelo de alçamento. Como explicar-se-ia a aceitabilidade de (105b) se o determinante não escolhesse DP como o seu complemento? Mais uma vez, a hipótese de Arte-S de Schachter (1973) é uma condição suficiente, mas não necessária, para a derivação das estruturas relativas, não só em Inglês e Chinês, mas também em Português.

(105)a. Cada doutor examinará dois pacientes.

b. Cada doutor examinará os dois pacientes.

c. A secretária telefonou para os dois pacientes que cada doutor examinará.

Segundo Kenedy (2002, p. 77-78), existem três tipos de coordenação de sintagmas nominais em Português, a saber, a coordenação de DPs, a coordenação de NPs e a coordenação de NPs modificados por adjetivos, como nos exemplos em (106). Entre essas tipologias, somente os DPs da coordenação podem ser relativizados, como em (107a), e se os NPs e NPs modificados por adjetivos fossem relativizados, as sentenças seriam agramaticais, conforme demonstram as sentenças em (107b, c). A partir desse fato, Kenedy argumenta que um núcleo determinante escolhe uma oração relativa como o seu complemento, formando a estrutura: [DP D

língua original].

- b. A [NP Paris da década de 90] é mais bonita que a [CP Paris que você conhece agora].

A partir daqui, começaremos a expor a derivação das estruturas relativas proposta pelo autor, com base no modelo de alçamento representado por Kayne (1994).

Kenedy (2002) propõe uma revisão da classificação das estratégias relativas sustentada por Tarallo (1983) e Kato (1993) para dar conta das diferenças entre a relativização de DP e PP. Confira-se isso em (112). No entanto, a classificação revisada de Kenedy parece um pouco ampla e complexa, apesar de toda a adequação que pode expressar. Para simplificar a classificação de Kenedy, foi proposta uma revisão. Nessa nossa nova classificação, há três grupos de estratégias relativas, a saber, ERAs, que são as estruturas nominais que apresentam lacunas nas posições de argumentos, seja na posição de sujeito, seja na posição de objeto, ERAds, que são as construções que, por sua vez, apresentam lacunas nas posições de adjunto (na literatura, são reconhecidas para línguas que apresentem pronome relativo, como as estruturas relativas que envolvem *pied-piping*) e ERsLs, que dizem respeito às construções que, ao contrário das duas categorias primeiras, não apresentam lacunas nem nas posições de argumento nem nas de adjunto. Os três grupos de estratégias relativas são demonstrados em (113), (114) e (115). Nas subseções a seguir, a análise derivacional de Kenedy (2002) para as diferentes estratégias relativas será apresentada de acordo com a nova classificação. Ou seja, a relativa padrão DP será tratada como ERA, a relativa padrão PP será tratada como ERAd e as relativas resumptiva DP, resumptiva PP e cortadora PP serão tratadas como ERsLs.

(112)a. relativização de DP

1. relativa padrão DP

a moça_i que eu vi [cópia não-pronunciada *t*]_i.

2. relativa resumptiva DP

a moça_i que eu vi [cópia parcial *ela*]_i.

b. relativização de PP

1. relativa padrão PP

a [moça com quem]_i eu falei [PP *t*].

2. relativa resumptiva PP

a moça_i que eu falei com [cópia parcial *ela*]_i.

3. relativa cortadora PP

a moça_i que eu falei ~~com~~ [cópia não-pronunciada *t*].

(113) ERAs

a. a moça que eu vi e.

(114) ERAds

a. a moça com quem eu falei.

(115) ERsLs

a. a moça_i que eu vi ela_i.

b. a moça_i que eu falei com ela_i.

c. a moça que eu falei.

Provavelmente, o tratamento da derivação de uma ERA (especialmente quando o caso for a derivação de uma ERA com objeto direto de uma expressão idiomática ou com um constituinte com reflexivo, como em (116)) é uma evidência forte, a favor do modelo de alçamento, de que as relativas se dão pelo alçamento de um núcleo nominal, já que existe uma lacuna dentro da oração relativa, da qual o núcleo aparentemente foi alçado.

(116) a. o [CP *mico*_i que eu paguei *t*] me deixou envergonhado.

b. a [CP *mãozinha*_i que ele me deu *t*] resolveu o problema.

c. o [CP [DP *retrato de si mesmo*]_i que João pintou *t*] é encantador.

Segundo Kenedy (2002, p. 79-80), a derivação de uma ERA em (117) dá-se pelas operações de movimento e apagamento (“a” e “b”) ao considerar-se o elemento

“que” como um complementizador, como em (118). O núcleo nominal “livro” apresenta um traço [+predicational] que é checado em CP, que também o apresenta, dado que se trata de uma estrutura relativa. (colocação do autor)

- a. O núcleo DP “livro” alçou-se de sua posição dentro da oração relativa para a Spec-CP através de uma operação de movimento;
- b. O vestígio (cópia mais baixa da cadeia formada por DP na posição Spec-CP e vestígio, no termo de Kenedy (2002)) deixado por operação de movimento é apagado por uma operação de apagamento, conforme a *chain reduction* de Nunes (2000).

(117) o livro que eu li.

(118) o livro_i que eu li ~~livro_i~~

Segundo as nossas análises, ao que parece o modelo de alçamento dificilmente dá conta da derivação das relativas com pronomes relativos, apesar de possivelmente dar conta da derivação das relativas com a presença do complementizador “que”. Segundo Kenedy (2002, p. 81-83), a derivação de (118) pode ser também realizada pela dupla realização de movimento e apagamento em se tratando-se do elemento “que” como um pronome relativo, conforme (119). De acordo com Kenedy, as operações “a₂” e “b₂” procuram dar conta do alçamento do NP para a esquerda do pronome relativo.

- a₁. Alçamento do DP “que livro” de sua posição dentro da oração relativa para a Spec-CP, sobre o qual recai o traço [+predicational];
- b₁. Apagamento do vestígio deixado (que livro);
- a₂. Alçamento do NP “livro” da posição complemento-DP para a Spec-DP;
- b₂. Apagamento do vestígio deixado (livro).

(119) a. [DP O [CP [DP que livro]_i [IP eu li [~~DP que livro~~]_i]]]

b. [DP O [CP [DP [NP livro]_j [D que [~~NP livro~~]_j]] [IP eu li t]]]

A derivação das relativas com uma construção de pronome relativo “o/a qual”, como o exemplo em (120), é realizada de duas maneiras, conforme a correlação entre

o artigo “o”, o pronome “qual” e o NP “livro” do possível DP alçado “o qual livro” ou “qual o livro”. Segundo Kenedy (2002, p. 85), o núcleo desse DP não pode ser ocupado por um artigo, na medida em que isso inviabilizaria o alçamento do NP para Spec-DP. Ou seja, essa posição somente pode ser ocupada pelo pronome “qual”. Na literatura, existem duas hipóteses quanto a essa correlação. A hipótese 1 propõe que o artigo é o especificador de DP (o qual livro) enquanto a hipótese 2 propõe que é o especificador de NP (qual o livro), como mostra (121). De fato, o NP é considerado como um constituinte sintático mínimo de uma projeção, nesse caso, [_{DP} D NP], desde Abney (1987). É questionável propor que NP apresente projeção tendo um artigo, cuja propriedade sintática seja um determinante, como o seu especificador.

Na hipótese 1, o NP “livro” deveria ser alçado para fora do DP “o qual livro”: uma posição de adjunção à esquerda dele. A derivação de (120) é demonstrada em (122), conforme Kenedy (2002, p. 87). Na hipótese 2, a posição de especificador do DP “qual o livro” é disponível para receber o NP “livro” alçado. A derivação de (120) é apresentada em (123), segundo Kenedy (2002, p. 88). Para o autor, a segunda hipótese mostra um problema de linearização entre o núcleo “livro” do NP “o livro” e o especificador “o” desse NP. Na representação (123), o núcleo “livro” está na posição de esquerda do especificador “o”: [_{NP} livro o], o que é proibido pelo LCA de Kayne (1994). Portanto, Kenedy (2002) propõe que a hipótese 1 é mais adequada para a derivação das relativas com uma construção de pronome relativo “o/a qual”, dada a desobediência ao LCA pela hipótese 2.

(120) o livro o qual eu li

(121) hipótese 1: [_{DP} o [_{D'} [D qual] [_{NP} livro]]]

hipótese 2: [_{DP} [_{D'} [D qual] [_{NP} o [_N livro]]]]

(122) [_{DP} o [_{CP} [_{DP} [_{NP} livro]_w] [_{DP} o [_{D'} qual *t_w*]]_k] [_{IP} eu li *t_k*]]]

(123) [_{DP} o [_{CP} [_{DP} [_{NP} [_N livro] o]_w] [_{D'} qual *t_w*]]_k] [_{IP} eu li *t_k*]]]

No entanto, segundo nossas análises, nem a hipótese 1 nem a hipótese 2 conseguem explicar a derivação das relativas com construção de pronome relativo “o/a qual”, apesar de Kenedy (2002) ter afirmado a adequação da hipótese 1, apontando a falha teórica da hipótese 2. De fato, esse tipo de relativa não é derivado

pelo alçamento de núcleo nominal ou operador *wh-*, como será possível conferir no Capítulo 3. Em relação ao alçamento do operador *wh-*, já foi denunciado por muitos linguistas que interrogativas e relativas são estruturas diferentes, de forma que não é plausível propor o mesmo mecanismo para a derivação de ambas as estruturas. Por sua vez, propor que a derivação das relativas com construção de pronome relativo “o/a qual” seja resultado do alçamento do núcleo nominal ainda é mais grave do que propor que seja resultado do alçamento do operador *wh*, já que a sentença de base a partir da qual uma estrutura relativa é derivada é agramatical. Compare a sentença de base sob a perspectiva do modelo tradicional em (124) com as sentenças de base sob a perspectiva do modelo de alçamento em (125).

(124) A pessoa quem João ama

sentença de base: João ama quem.

(125) O livro o qual eu li

Hipótese 1: *eu li o qual livro.

Hipótese 2: *eu li qual o livro.

Analizamos que o motivo pelo qual as hipóteses 1 e 2 em (125) são inviáveis seja porque talvez o artigo “o” exija um CP como o seu complemento em vez de sintagmas nominais nas duas hipóteses “qual livro” e “qual livro”, para formar um [DP D CP]. O que nos resta e parece mais viável, nesse caso, é propor que o pronome relativo “o/a qual” seja gerado na base, na posição de Spec-CP, como mostra (126).

(126) a. a pessoa [CP quem [C' João ama]]

b. o livro [CP o qual [C' eu li]]

Além disso, a derivação das estruturas relativas com pronome relativo genitivo “cujo/a” pode ser um outro problema inquietante para os linguistas que adotam o modelo de alçamento para a relativização. O próprio Kenedy (2002, p. 82) denunciou que a aplicação do modelo de alçamento não é imediata para esse tipo de relativas, no sentido de que não se pode determinar qual é o núcleo que foi alçado, como mostram as sentenças em (127), “livro” ou “capa”, ou ambos?

(127) a. ?o livro_i cuja capa eu rasguei *t*

- b. ?o livro cuja capa_i eu rasguei t_i
 c. ?o livro_i cuja capa_i eu rasguei t_i

A seguir, analisaremos a derivação das ERAdS.

Na literatura, a ERAd é reconhecida comumente como relativa *pied-piping*. Segundo Kenedy (2002, p. 89-90), *pied-piping* é um fenômeno que envolve movimento do operador *wh-* mais uma preposição sem o antecedente, “com quem” no âmbito do modelo tradicional, enquanto envolve o alçamento de todo o PP incluindo o DP alvo da relativização no seu domínio, “com quem homem” no âmbito do modelo de alçamento, como mostram (128) e (129). Para Kenedy, a derivação das estruturas relativas com o pronome relativo “quem” é igual, em termos de custo derivacional, à derivação das estruturas relativas com “que”, considerando-o um pronome relativo, como em (130). A derivação de (129) e (130) pode ser também realizada pela dupla realização de movimento e apagamento como mostra (131).

(128) o homem [com quem]_i eu falei t_i

(129) o [homem_i com quem t_i]_i eu falei t_i

(130) o [homem_i com que t_i]_i eu falei t_i

a1. Alçamento do PP “com quem/que homem” de sua posição dentro da oração relativa para a Spec-CP, sobre o DP “quem/que homem” recai o traço [+predicational];

b1. Apagamento do vestígio deixado (com quem/que homem);

a2. Alçamento do NP “homem” da posição complemento-DP para a Spec-PP;

b2. Apagamento do vestígio deixado (homem).

(131) a. [DP o [CP [PP com quem/que homem]_i [IP eu falei [PP ~~com quem/que~~
~~homem~~]_i]]]]

b. [DP o [CP [PP [NP homem]_i [P com] [DP quem/que [NP ~~homem~~]_i]]]
 [IP eu falei t_i]]

Segundo Kenedy (2002, p. 90-92), o custo derivacional seria igual ao tratar-se “que” como complementizador ou pronome relativo. É preciso recorrer também à dupla realização de movimento e apagamento, vista em (133), para a derivação do exemplo em (132), ao considerá-lo com um complementizador.

(132) o [homem_j com *t*]_i que eu falei *t*

a₁. Alçamento do PP “com homem” de sua posição dentro da oração relativa

para a Spec-CP, sobre o DP “homem” recai o traço [+predicational];

b₁. Apagamento do vestígio deixado (com homem);

a₂. Alçamento do NP “homem” da posição complemento-DP para a Spec-PP;

b₂. Apagamento do vestígio deixado (homem).

(133) a. [DP o [CP [PP com homem]_i [C' que [IP eu falei [~~PP com homem~~]_i]]]]

b. [DP o [CP [PP [NP homem]_j [P com] [DP [~~NP homem~~]_i]] [C' que [IP eu falei *t*]]]]

Para Kenedy, a relativa *pied-piping* é assumida como uma evidência de que relativização e interrogação são estruturas diferentes, no sentido de que é apenas na relativização que ocorre o pronome relativo “o/a qual” precedido de preposição. Compare (134a) com (134b). Lembramos que a estrutura interrogativa que Kenedy citou em (134b) é parecida com a sentença de base da estrutura relativa citada em (134a): o exemplo em (134c), que é, também, agramatical.

(134) a. o homem com o qual eu falei

b. *com o qual homem você falou?

c. *eu falei com o qual homem.

De uma forma geral, percebemos que não é adequado propor uma análise de alçamento para as relativas *pied-piping* cujas sentenças-base são agramaticais, como mostra (135). De fato, Kenedy (2002, p. 91) também notou que um PP como “com quem homem” não é comum em estruturas sintáticas prontas para a pronúncia, sendo obtido em alguma etapa da derivação. Além disso, se a sentença-base é gramatical, a relativa derivada a partir dela aparentemente pode também ser agramatical ou pelo menos soar estranha em comparação a uma ERsL do tipo relativa cortadora PP, como

em (136).

- (135) a. *eu falei com quem homem
 b. *eu falei com o qual/qual o homem
 c. *eu falei com homem
- (136) a. eu falei com que homem
 b. ?o homem com que eu falei
 c. o homem que eu falei

Portanto, as sentenças em (135) e (136) podem ser evidências fortes de que não é adequado propor uma análise de alçamento para a derivação das relativas *pied-piping*. De forma semelhante, não haver mecanismo de gatilho (ou seja, a sentença de base é agramatical) para o alçamento do PP inteiro, incluindo o núcleo nominal nas relativas *pied-piping*, parece fazer-nos acreditar que o PP (preposição+pronome relativo) é também gerado na base na posição de Spec-CP, durante o processo da derivação dessas relativas. Confira-se isso em (137).

- (137) a. o homem [CP [PP com quem] [C' eu falei]]
 b. o homem [CP [PP com o qual] [C' eu falei]]

Ambas as ERAs e ERAdS mostram a impossibilidade de derivá-las via operação de alçamento do DP/PP devido à agramaticalidade das sentenças de base a partir das quais são derivadas, o que sugere que os pronomes relativos (incluindo PP: P+pronome relativo) sejam gerados na base, na posição de Spec-CP.

Por último, passaremos a analisar a derivação das ERsLs.

Enquanto a derivação de uma ERA pode ser uma evidência forte a favor do modelo de alçamento (especialmente quando o núcleo for objeto direto de uma expressão idiomática ou constituinte com reflexivo, como mostra (138)), a derivação de uma ERsL do tipo resumptiva DP ou PP aparentemente forma uma evidência essencial na direção contrária. Chomsky (1977, 1982, 1995a) propõe que os pronomes resumptivos nas relativas resumptivas são gerados na base, de forma que não haveria movimento nesse tipo de relativas, como mostra (139). No entanto,

Kenedy (2002) propõe uma análise de alçamento para a derivação das ERsLs do tipo resumptiva DP e PP, segundo a qual o núcleo nominal DP também é alçado de sua posição de base para a Spec-CP, nessas relativas. O que diferencia a derivação desse tipo de relativas para as ERAs é que o elemento deixado pela primeira é uma cópia parcialmente pronunciada (resumptivo), vista em (140), ao invés de um vestígio na segunda, como mostra (138).

(138) a. o [_{CP} mico_i que eu paguei _{t_i}] me deixou envergonhado.

a [_{CP} mãozinha_i que ele me deu _{t_i}] resolveu o problema.

b. o [_{CP} [_{DP} retrato de si mesmo]_i que João pintou _{t_i}] é encantador.

(139) a. o homem_i que eu vi ele_i ontem.

b. o homem_i que eu falei com ele_i ontem.

(140) a. o homem_i que eu vi [_{cópia parcial} ele]_i ontem.

b. o homem_i que eu falei com [_{cópia parcial} ele]_i ontem.

Com base na teoria de movimento por cópia ¹⁶ de Chomsky (1993), nos conceitos de *Chain Reduction*¹⁷ de Nunes (2000) e nos *Optimality Principles of Sentence Pronunciation*¹⁸ de Pesetsky (1997, 1998), Kenedy (2002: 106-107) propõe que o pronome resumptivo na posição de base do DP alçado é uma cópia parcialmente realizada no componente fonético desse DP. A sua propriedade sintática é idêntica a uma cópia não-pronunciada, como mostra (141). Para Kenedy, as diferenças entre as duas cópias são estabelecidas em PF, ou seja, não se diferenciam uma da outra em LF. Tal hipótese é suportada por um estudo realizado

¹⁶ No contexto da teoria de movimento por cópia de Chomsky (1993, 1995a, 1998), o vestígio é tratado como uma cópia do elemento movido, que não é pronunciada na PF mas está disponível para a interpretação na LF. Segundo Chomsky (1995a: 251), os dois constituintes da cadeia formam um par $\langle \alpha, \beta \rangle$, em que $\alpha = \beta$ e eles constituem um único objeto sintático.

¹⁷ A *Chain Reduction* diz respeito a um mecanismo através do qual todas as cópias menos a movida são apagadas em PF, a fim de estabelecer um objeto legítimo para a PF.

¹⁸ Segundo Pesetsky (1997, 1998: 365-366), os *Optimality Principles of Sentence Pronunciation* dizem respeito principalmente às três formas de realização distintas do β , a saber, β é apagado em PF, β é igual ao α em PF e β manifesta os traços φ do α em PF.

por Kenedy (2001a) com pacientes afásicos. Nesse estudo, não faz diferença a compreensão entre uma ERsL resumptiva DP como (141a) e uma ERA como (141b) para os pacientes. Kenedy propõe que a derivação de uma relativa resumptiva deve também envolver um vestígio¹⁹ (refere-se à cópia parcial: pronome resumptivo) a partir da comparação entre os dois tipos de relativas, sob o ponto de vista do modelo de alçamento.

(141) a. o homem_i que eu vi [cópia parcial ele]_i ontem.

b. o homem_i que eu vi [cópia não-pronunciada t]_i ontem.

Devido à natureza do modelo de alçamento, o qual é uma análise de movimento, este ser submetido às restrições de movimento clássicas de Ross (1967) e Chomsky (1977). Segundo tais restrições, (143a) deveria ser agramatical sob ponto de vista do modelo de alçamento, especialmente sob a teoria de cópia para o pronome resumptivo de Kenedy (2002). Porém, essa sentença é gramatical. Para sustentar a sua hipótese, Kenedy (2002, p. 117-118) propõe que movimento em Português não é restrito por ilhas, com base na inspiração da nota de Kayne (1994, p. 165) quanto ao estabelecimento de aplicação sistemática de alçamento do núcleo nominal para a relativização e à reformação das restrições de movimento e nas novas restrições de movimento de Perlmutter (1972) e Pesetsky (1998, p. 365). Segundo essas novas restrições, as ilhas não restringem mais a cópia movida (o núcleo DP alçado), mas a cópia deixada (resumptivo e vestígio). Assim a gramaticalidade de (142a) é garantida, como mostram as sentenças (142b, c). Segundo a teoria de cópia para pronome resumptivo de Kenedy (2002), a derivação das ERsLs resumptiva DP e PP em (143) e (145) pode ser realizada por movimento e apagamento como em (144) e (146).

(142) a. [DP o [CP homem_i que [IP eles acham [CP que [CP quando [IP Maria

¹⁹ De fato, o estudo realizado por Kenedy (2001a) com pacientes afásicos também pode ser uma evidência a favor da hipótese de que a derivação de uma ERA não envolve movimento como a da ERsL do tipo resumptiva DP, como mostra (1), se considera-se que a lacuna na ERA é uma categoria vazia de base que apresenta a mesma propriedade sintática de um pronome resumptivo. O que seria bem a ideia de Tarallo (1983).

(1) a. o homem_i que eu vi ele_i ontem.

b. o homem_i que eu vi e_i ontem.

namorar t_i] então todo mundo vai ficar feliz]]]]] se chama João.

b. [DP o [CP homem_i que [IP eles acham [CP que [CP quando [IP Maria namorar [cópia parcial ele]_i] então todo mundo vai ficar feliz]]]]] se chama João.

c. [DP o [CP homem_i que [IP eles acham [CP que [CP quando [IP Maria namorar [cópia não-pronunciada t_i] então todo mundo vai ficar feliz]]]]] se chama João

(143) o homem_i que eu vi [cópia parcial ele]_i ontem.

a. Alçamento do DP “homem” de sua posição dentro da oração relativa para a Spec-CP, sobre o qual recai o traço [+predicational];

b. Apagamento parcial de modo que deixa na posição de base uma cópia parcialmente pronunciada “ele”, que está com os traços ϕ do DP alçado.

(144) o homem_i que eu vi ele_{homem_i} ontem.

(145) o homem_i que eu falei com [cópia parcial ele]_i ontem.

a. Alçamento do DP “homem” de sua posição dentro da oração relativa para a Spec-CP, sobre o qual recai o traço [+predicational];

b. Apagamento parcial de modo que deixa na posição de base uma cópia parcialmente pronunciada “ele”, que está com os traços ϕ do DP alçado.

(146) b. o homem_i que eu falei com ele_{homem_i} ontem.

Percebemos que, seguindo as novas restrições de Perlmutter e Pesetsky e a hipótese de Kenedy, de que o movimento em Português não é restrito por ilhas, a sentença em (147b), que é derivada de sua sentença-base (147a), e não é submetida às restrições de movimento clássicas, deveria ser gramatical, a qual é, no entanto, agramatical. A sua agramaticalidade se deve à desobediência às restrições clássicas que são aplicadas ao elemento movido, ao invés de cópia deixada.

(147) a. Maria pediu para João pintar retrato de si mesmo.

b. *o [retrato de si mesmo]_i que Maria pediu para João pintar

[cópia não-pronunciada *t*]_i.

Segundo as nossas análises, a teoria de cópia para o pronome resumptivo proposta por Kenedy (2002), desenvolvida dos estudos de cópia de Chomsky (1995a), Brody (1995), Pesetsky (1997, 1998) e Nunes (2000), aparentemente não é bem aplicada à derivação de uma ERsL resumptiva PP. Com base na proposta Pesetsky (1997, 1998) para Inglês, de que o pronome resumptivo é também derivado por movimento e que a cópia parcialmente pronunciada e a cópia não-pronunciada deixadas compartilham as mesmas propriedades sintáticas, Kenedy (2002) propõe que isso acontece também em Português. Os exemplos em (148a,b) mostram como bem aplicada a hipótese de cópia de Kenedy, embora aparentemente não se aplique para o caso de (148d), dado que o fenômeno de *prepositional stranding* é proibido em Português.

(148) a. o homem_i que eu vi [cópia parcial *ele*]_i ontem.

b. o homem_i que eu vi [cópia não-pronunciada *t*]_i ontem.

c. o homem_i que eu falei com [cópia parcial *ele*]_i ontem.

d. *o homem_i que eu falei com [cópia não-pronunciada *t*]_i ontem.

Em resumo, a hipótese de cópia para o pronome resumptivo de Kenedy pode se aplicar à derivação de uma ERsL resumptiva DP, mas não diretamente à derivação de uma ERsL resumptiva PP. De fato, essa hipótese é ousada, já que Chomsky apontara que somente uma das cópias produzidas por *merge* interno²⁰ é realizada foneticamente para satisfazer o requisito de minimização computacional de *Spell-out*²¹. Para adaptar sua hipótese de cópia para a derivação da segunda relativa, Kenedy recorreu à hipótese de núcleo complexo [P+D] de Salles (1997, 1999) a ser

²⁰ *Merge* interno é a operação de *Move* de teoria de movimento por cópia de Chomsky (1993), a qual deixa uma cópia do elemento movido. Por exemplo, o traço EPP do T pode motivar um movimento de um elemento periférico da [Spec, v*P] para a posição de [Spec, TP], via operação de *merge* interno.

²¹ *Spell-Out* é a operação que se aplica à derivação computada na *Narrow Syntax* e a entrega aos níveis de interface, quando todos os traços não-interpretáveis foram licenciados.

apresentada nos próximos parágrafos dessa subseção.

As ERsLs resumptiva PP e cortadora estão relacionadas aos fenômenos de *pied-piping* e *prepositional stranding*. O Português mostra a presença da relativa *pied-piping* (uso raro) e a ausência da relativa *prepositional stranding*, como exemplifica (149). Segundo Kenedy (2002), as ERsLs resumptiva PP e cortadora são estratégias alternativas ao alto custo derivacional de relativa *pied-piping*, dado que essas construções mostram uma realização de movimento e apagamento enquanto uma relativa *pied-piping* requer dupla realização dessas operações, como mostra (150). Ao mesmo tempo, as ERsLs em (149a, b) se mostram mais capazes de evitar a agramaticalidade de *prepositional stranding* em (149b), em comparação ao que propõe Salles (1997, 1999) quanto à obrigatoriedade de uso do *pied-piping*, a ser apresentada nos próximos parágrafos.

(149)a. o homem com quem eu falei.

b. *o homem quem eu falei com.

(150)a. o homem_i que eu falei com ele_i ontem.

b. o homem_i que eu falei com homem_i ontem.

c. [DP O [CP [PP com quem homem]_i [IP eu falei ~~[PP com quem homem]_i]]]~~

[DP O [CP [PP [NP homem]_j [P com] [DP quem ~~[NP homem]_j]]] [IP eu falei t]]]~~

Na literatura, as discussões em torno da distribuição de *prepositional stranding* e das razões pelas quais não existe esse fenômeno em Português são sempre um assunto interessante para os linguistas. Dentre eles, Hornstein & Weinberg (1981) e Kayne (1984) propõem uma reanálise de núcleo complexo verbal [V+P] para explicar a distribuição do *prepositional stranding* dentro dos grupos linguísticos diferentes. De acordo com a reanálise de Hornstein & Weinberg (1981), o *prepositional stranding* poderá ser realizado, se uma determinada língua apresentar núcleo complexo verbal [V+P] com traço [+reanálise]. Para Hornstein & Weinberg, o DP antecedido por P é considerado como o complemento desse núcleo complexo [V+P], ao invés de complemento do P. Esse DP é retirável para uma língua que apresente [+reanálise] e não é retirável para uma língua que apresente [-reanálise]. Segundo essa hipótese, o Inglês mostra [+reanálise] enquanto o Português apresenta [-reanálise], como

mostram (151) e (152).

(151)[+reanálise]: [VP [V+P] [DP]]

The man_i that [IP I [V+P talked to] [DP t_i] yesterday].

(152)[-reanálise]: [VP [V] [PP [P] [DP]]]

a. O homem_i que [IP eu [V falei] [PP [P com] [DP ele]_i] ontem].

b. *O homem_i que [IP eu [V falei] [PP [P com] [DP t_i]] ontem].

Por sua vez, Salles (1997, 1999) propõe uma análise do núcleo complexo [P+D] para explicar a obrigatoriedade do *pied-piping* nas línguas românicas, a fim de evitar a ocorrência do *prepositional stranding*. Para Salles, o *prepositional stranding* não pode acontecer nas línguas românicas porque P e D que compartilham os traços ϕ apresentam, como constituinte único, um núcleo complexo [P+D], de modo que ambos não podem ser separados, pois o alçamento do DP resulta em agramaticalidade. Porém, o movimento integral do [P+D] é permitido. O *prepositional stranding* pode acontecer em línguas como Inglês, na medida em que P e D que não manifestam os traços ϕ apresentam-se como dois constituintes distintos e podem ser separados, conseqüentemente sendo permitido o alçamento do DP. Seguindo essa hipótese, o Inglês mostra [+*prepositional stranding*] enquanto o Português apresenta [-*prepositional stranding*], como em (153) e (154).

(153)[+*prepositional stranding*]: [PP [P] [DP]]

a. The [man who]_i I talked [PP [P to] [DP t_i]] yesterday.

(154)[-*prepositional stranding*]: [P+D]

a. *O [homem quem]_i eu falei [P+D [P com] [DP t_i]] ontem.

b. O [homem [P+D com quem]]_i eu falei t_i ontem.

Kenedy (2002, p. 136) denunciou a construção morfofonológica [P+D] (da=de+a) proposta por Salles, apontando-a como um núcleo sintático para a sintaxe, conforme mostra (154b). Para adaptar a hipótese de Salles ao modelo de alçamento, Kenedy (2002, p. 138-140) propõe que [P+D] deve ser considerado como um conjunto de traços ϕ que são também manifestados no DP alçado, em vez de um núcleo

indivisível por movimento. P e a cópia de base do DP alçado devem apresentar comportamento simétrico em PF. Em outras palavras, se a cópia de base é não pronunciada, P é apagado, a relativa resultante é uma cortadora; sendo a cópia parcialmente pronunciada (pronome resumptivo), P é preservado, resultado em uma relativa resumptiva, como mostra (155). Essa uniformidade entre P e a cópia de base do DP alçado dá-se pelo fato de que P e DP compartilham os mesmos traços ϕ . A derivação da ERsL cortadora em (156) é realizada por movimento e apagamento como mostra (155a). Vale notar que a semelhança entre a derivação da ERsL resumptiva PP e a da ERsL cortadora é que o DP alçado é o mesmo, enquanto a diferença entre ambas é que ocorre apagamento parcial na primeira e total na segunda.

(155) a. o homem_i que eu falei [_{PP} ~~com~~ [_{DP} ~~f~~]_i].

b. o homem_i que eu falei [_{PP} COM [_{DP} ele]_i].

(156) o homem_i que eu falei ~~com homem~~_i ontem.

a. Alçamento do DP “homem” de sua posição dentro da oração relativa para a Spec-CP, sobre o qual recai o traço [₊*predicational*];

b. Apagamento total de forma que deixa na posição de base uma cópia não-pronunciada, conseqüentemente, o P também é apagado.

Porém, percebemos que a hipótese de traços ϕ [P+D], proposta Kenedy (2002) para a derivação das ERsL resumptiva PP e cortadora, é totalmente contra a hipótese [P+D] indivisível proposta por Salles para explicar a obrigatoriedade de *pied-piping* nas línguas românicas. Em outras palavras, o Português mostra [₊*prepositional stranding*], já que tanto (155a) quanto (155b) mostram toda a possibilidade de ser retirado o núcleo DP do núcleo complexo [P+D].

2.4 CONCLUSÕES

Nesse Capítulo, foi realizada uma revisão dos estudos existentes para a derivação das estruturas relativas em Português. A hipótese *pro* de Tarallo (1983) é inspiradora, já que o Português é uma língua que mostra um uso muito flexível dos seus argumentos. Como resultado direto é possível verificar que o Português não é restrito pela reconstrução do objeto direto da expressão idiomática e de constituinte com pronome reflexivo, como acontece em Inglês. Porém, essa categoria vazia de base não pode ser um *pro*, como já foi anteriormente corroborado, de modo que a sua propriedade sintática ainda precisa ser estudada e definida. A hipótese LD proposta por Kato (1993) é ousada, porque construções relativas e tópicas são bem diferentes em termos de suas estruturas internas, de modo que não é viável propor a transformação de uma estrutura tópica para uma relativa.

Kenedy (2002) é um estudo baseado no modelo de alçamento representado por Kayne (1994), de modo que, teoricamente, os problemas encontrados neste modelo também são presentes no estudo de Kenedy, a saber, a estrutura fundamental [DP D CP] e o princípio de economia, etc. A estrutura fundamental [DP D CP] para a relativização em Português é questionável porque a hipótese de Art-S sustentada pelo modelo de alçamento é também uma condição suficiente mas não necessária para essa língua, no sentido de que a base estrutural fundamental [DP D CP] parece ser mais descritiva do que explicativa e derivacional para explicar a derivação das estruturas relativas em Português. A derivação das estruturas relativas com pronome relativo em Português também requer dois alçamentos, o que não se adequa ao princípio de economia de Chomsky (1995a).

Além desses problemas, Kenedy (2002) aparentemente falha nos outros três aspectos, a saber, a reconstrução, a derivação das estruturas relativas genitivas e o alçamento do DP/PP com pronome relativo. A reconstrução do objeto direto da expressão idiomática e de constituinte com reflexivo, que é uma evidência forte a favor do modelo de alçamento para a relativização em Inglês, torna-se uma evidência a favor da análise de não-movimento. Segundo Kenedy (2002), derivar uma estrutura relativa genitiva pode ser um desafio para o modelo de alçamento, na medida em que não se pode afirmar o que é alçado durante a derivação. Conforme os argumentos

acima, propor o alçamento do DP/PP com pronome relativo para a relativização em Português é mais grave do que propor o alçamento direto do operador *wh-*, porque a sentença de base a partir da qual uma relativa com pronome relativo é derivada pode ser agramatical.

3 DERIVAÇÃO DAS ESTRUTURAS RELATIVAS

3.1 INTRODUÇÃO

Nos capítulos anteriores, foi apresentada uma revisão teórica dos modelos existentes para tratar da relativização das línguas humanas, assim como os estudos relevantes para a derivação das estruturas relativas em Português. Em relação aos dois modelos, não há aparentemente mecanismos de gatilho explícitos para derivar uma estrutura relativa. Ou seja, o movimento do operador *wh-* para derivar uma estrutura relativa imitando a derivação de uma estrutura interrogativa é criticado enquanto a estrutura básica [DP D CP] torna-se mais descritiva do que explicativa e derivacional. Quanto aos estudos de não-movimento em Português, são inspiradores para trabalhos futuros desse tipo. O Português apresenta um uso muito flexível dos seus argumentos, o que permite a existência de categorias vazias de base na relativização. Inspirada pelos estudos de não-movimento, a presente dissertação apresentará a nossa ***non-movement head external analysis*** para a derivação das estruturas relativas em Português, com base no modelo *Phase*.

Para atingir esse objetivo, o Capítulo 3 é dividido em cinco seções. A Seção 1 é uma introdução. A Seção 2 estabelece a hipóteses para a relativização em Português. A seção 3 introduz o mecanismo sintático computacional e as concepções centrais do modelo *Phase* para a derivação de uma sentença. A seção 4 dedica-se à derivação das estruturas relativas em Português, como base na nova análise esboçada e no modelo *Phase*. A seção 5 apresenta as palavras conclusivas do Capítulo.

3.2 ESTABELECIMENTO DA ANÁLISE ALTERNATIVA

3.2.1 “Que” como complementizador

De acordo com Kato (1993), o elemento “que” é um pronome relativo porque se comporta mais como um pronome, e não como complementizador, tal qual *that* em

Inglês. Isso se justifica pelo fato de que “que” pode ser utilizado na relativa *pied-piping* como um pronome relativo, o que é proibido para o complementizador *that* em Inglês. Isso se confere em (157). No entanto, a hipótese aparentemente se restringe apenas às relativas do tipo exemplo (157a), em que os dois pronomes relativos (“que” e “a qual”) são substituíveis um pelo outro, no sentido de que os exemplos em (158) incapacitam totalmente essa hipótese, porque o pronome relativo “que” e os outros pronomes relativos comuns não são substituíveis nesses casos. Além disso, ao considerar-se o “que” como um pronome relativo, será preciso recorrer a duas operações de alçamento para derivar a sentença em (159), o que é caro em termos de custo derivacional, prejudicando assim o princípio de economia de Chomsky (1995a). Sendo tratado como um complementizador, a derivação requer só uma operação de movimento, o que é mais econômico. Isso se confere em (160). Portanto, é razoável propor que o elemento “que” comporta-se como um complementizador, tendo em consideração os dois fatos acima demonstrados.

(157) a. Essa é a chave com que/a qual meu pai repara carro dele.

b. *This is the spanner with that my father repairs his car.

(158) a. Ele é Pedro com quem eu falei ontem

*Ele é Pedro com que eu falei ontem

b. Eu quero ir a Macau onde posso experimentar comidas maravilhosas.

*Eu quero ir a Macau que posso experimentar comidas maravilhosas.

c. Essa cidade se chama Macau cujas comidas são maravilhosas.

*Essa cidade se chama Macau que comidas são maravilhosas.

(159) o livro que eu li

(160) a. o livro_i que eu li t

b. o [DP livro_j que t_j]_i eu li t

3.2.2 Pronome relativo gerado na base

O modelo tradicional é criticado por não oferecer um mecanismo de alçamento explícito para o operador *wh-*. A derivação das estruturas relativas simplesmente imita a derivação das estruturas interrogativas: alçamento do pronome interrogativo. De uma forma geral, essa hipótese de imitação apresenta falhas tanto teóricas quanto empíricas. Teoricamente, de acordo com Haegeman & Guéron (1999) e Kenedy (2002), a seleção de um elemento *wh-* por um núcleo X é motivada pela força ilocucionária da oração. O traço forte [+*wh*] marcado em CP desencadeia o alçamento do elemento *wh-* durante o processo derivacional para uma estrutura interrogativa. Por sua vez, nenhum fator se caracteriza como mecanismo de gatilho sintático para o movimento do elemento *wh-* da posição dentro da oração relativa para a posição Spec-CP na relativização. Empiricamente, Kenedy (2002) mostra que estrutura relativa e estrutura interrogativa em Português são diferentes porque a relativização não permite a ocorrência de duplos “quês” enquanto a interrogação permite o uso desse tipo, como em (161). Porém, a relativização que permita duplo “que” pode acontecer nos contextos, por exemplo, declarativo e imperativo, de acordo com a nossa análise. Conferem-se as sentenças “Vê aí o que que ela mandou por e-mail” e “João já disse o que que vai fazer”.

(161) a. o que que você viu?

*a coisa que que você viu.

b. que livro que você leu?

*o livro que que você leu.

Kenedy (2002, 2003) propõe que todas as estruturas relativas em Português são derivadas pelo alçamento do DP/PP, com base no modelo de alçamento representado por Kayne (1994). Para Kenedy, a derivação das estruturas relativas em (162b) e (163b) é realizada pelo alçamento do DP “quem pessoa” e do PP “com quem homem”, a partir das sentenças de base em (162a) e (163a). No entanto, notamos que as sentenças de base são agramaticais. Não é viável derivar uma estrutura relativa a partir de uma sentença de base agramatical. Além disso, propor que a estrutura relativa é derivada a partir do alçamento do núcleo nominal é aparentemente

mais grave do que propor que seja derivada pelo movimento do operador *wh-*, dado que a sentença de base para o modelo tradicional pode ser gramatical. Compare-se (162) e (163) contra (164). Conseqüentemente, não é plausível propor o alçamento do DP/PP para a derivação das estruturas relativas com a presença de pronome relativo em Português.

(162) a. *João ama quem pessoa.

b. [DP a [CP [DP pessoa_j quem t_j]_i [C' João ama t_i]]]

(163) a. *Eu falei com quem homem

b. [DP o [CP [PP homem_j com quem t_j]_i [C' eu falei t_i]]]

(164) a. sentença de base: João ama quem.

b. a pessoa [CP quem_i [C' João ama t_i]]

A impossibilidade de derivar uma estrutura relativa via movimento do operador *wh-* e a inviabilidade para a derivação das estruturas relativas com pronome relativo em Português por meio do alçamento DP/PP indicam aparentemente que os pronomes relativos (incluindo PP: P+pronome relativo) são gerados na base, na posição de Spec-CP, como em (165).

(165) a. a pessoa [CP quem [C' João ama]]

b. o homem [CP com quem [C' eu falei]]

3.2.3 Categoria vazia de base

De acordo com Tarallo (1983), a aceitabilidade de (166) para os informantes da sua pesquisa mostra que o núcleo NP (moça) é gerado na base e é recuperado anaforicamente pela lacuna (*e*). Ou seja, não envolveria alçamento de núcleo NP/DP, e, conseqüentemente, a lacuna seria um objeto nulo, um *pro*. A hipótese *pro* de Tarallo para a relativização em Português é inspirada pela observação de que as relativas resumptivas não são sensíveis às condições de ilha, como em (167). Vale notar que essa hipótese pode ser adequada para a derivação das ERAs como o exemplo em

(166), não sendo, entretanto, viável para derivar as ERsLs resumptivas PP, como em (168). Portanto, não é adequado propor que a categoria vazia de base na oração relativa é um *pro*. No entanto, segundo a nossa análise, um fato que se pode confirmar é que não se envolve movimento na relativização em Português. Porque, se a sentença em (166) fosse derivada pelo movimento do núcleo nominal, seria agramatical por desobedecer às restrições de movimento, o que não é verdade. Percebemos que o fato de que o Português apresenta categoria vazia de base é que essa língua mostra certa flexibilidade no uso de seus argumentos, conforme se observa em (169). Essa propriedade garante, em certo grau, a existência desse tipo de categoria vazia de base. A sua existência é essencial e importante para satisfazer a condição de argumentos durante o processo derivacional.

(166) a moça_i que eu acredito que João viu e_i veio me visitar.

(167) a moça_i que eu acredito que João viu ela_i veio me visitar.

(168) a. * a moça_i que eu falei com [anáfora zero *pro*]_i.

b. a moça_i que eu falei com [anáfora pronominal *ela*]_i.

(169) Uso de argumentos em Português

-Você viu Maria?

-e não vi e.

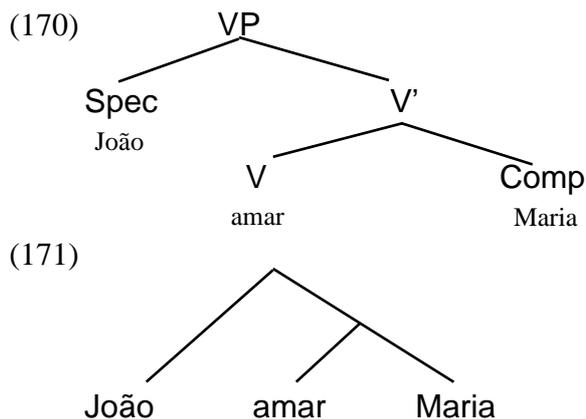
-e não vi ela.

-Eu não vi e.

3.2.4 Adjunção à direita

Na teoria X-barrá, uma projeção máxima é construída através de adição passo a passo de novos objetos (em termos de Chomsky, *indices* e *bar levels*). Por exemplo, um VP se constitui passando pelo processo derivacional de $V \rightarrow V' \rightarrow VP$, o que se confere em (170). Uma EP é formada através de seleção de itens lexicais (doravante,

LI) no léxico (doravante, LEX)²², via operações cíclicas de teoria X-barra, sendo por sua vez transformada em uma ES por meio de operações *Move* α . A BPS de Chomsky (1995b) propõe que a construção de uma sentença tem a prioridade em relação à operação de movimento (*sentence building prior to movement*) no sentido de que os rótulos de categoria existentes (especificador, núcleo, complemento etc.), assim como a teoria X-barra, não são mais importantes para a derivação de uma sentença. A estrutura em (170) seria o que demonstra o exemplo em (171), sob o olhar da BPS. Essa nova teoria reformula as ideias centrais da teoria X-barra sustentada pelo modelo GB através da introdução de uma condição proposta em Chomsky (1995a): *Inclusiveness Condition*²³. Segundo a condição, qualquer estrutura formada pela computação é constituída de elementos já presentes nos LIs selecionados para a *Numeration*²⁴ (doravante, N) sem adição de novos objetos durante o processo computacional. Nesse sentido, a teoria X-barra é desconsiderada.



A principal diferença entre a BPS e a teoria X-barra consiste em que a segunda apresenta uma estrutura pré-conceitual, como por exemplo especificador-núcleo-complemento enquanto a primeira considera que essas noções são derivadas dinamicamente. Nesse sentido, a ordem firme em relação ao núcleo (especificador à

²² No modelo MP, léxico alimenta diretamente a derivação sintática, o que permite a intercalação das operações sintáticas de *Merge* e *Move* de modo livre.

²³ Segundo Chomsky (1995a, p. 228; 2015, p. 209), a condição é definida como: a “perfect language” should meet the condition of inclusiveness: any structure formed by the computation is constituted of elements already present in the lexical items selected for N (Numeration); no new objects are added in the course of computation apart from rearrangements of lexical properties (in particular, no indices, bar levels in the sense of X-bar theory, etc.)

²⁴ Segundo Chomsky (1995b), a N ou *Lexical Array* (doravante, LA) é um domínio pré-sintático que armazena LIs que inserir-se-ão numa dada derivação sintática.

esquerda e complemento à direita) é reformulada, no sentido de que o primeiro elemento derivado é o complemento e o segundo é o especificador. Tendo em consideração essa reformulação sustentada pela BPS, a adjunção à direita rejeitada pelo LCA de Kayne (1994), cunhada fundamentalmente na teoria X-barra, deve ser reconsiderada.

De fato, a adjunção à direita é sustentada teórica e empiricamente desde Chomsky (1981) do modelo GB. Teoricamente, a ordem linear dos constituintes sintáticos nas línguas naturais é paramétrica, segundo o modelo GB. Nesse sentido, ambas as ordens especificador-núcleo-complemento/adjunto-núcleo e complemento-núcleo-especificador/núcleo-adjunto são permitidas. Uma ordem não impede que a outra aconteça em dada língua, incluída a relação entre o núcleo e o adjunto. Para ilustrar, Wang (2005), baseado no modelo de alçamento revisado por Vries (2002), aponta que a estrutura relativa em Chinês (CP) apresenta complemento-C-especificador ao invés de especificador-C-complemento, como se sustenta pelo LCA. Empiricamente, os dados linguísticos em Inglês, Chinês e Português apresentados no Capítulo 2 quanto à ordem linear entre o núcleo e o adjunto corroboraram a hipótese paramétrica de Chomsky. Observem-se os exemplos em (172). Portanto, é viável dizer que a ordem entre o núcleo-adjunto é decidida durante o processo derivacional, sendo possível tanto a adjunção à esquerda quanto à direita. Nesse sentido, a adjunção à direita nas estruturas relativas em Português é legitimada, como mostra (173).

(172) a. I like [_{Adjunto} my grandma's] [_{NP} chocolate].

b. I like this [_{NP} chocolate] [_{Adjunto} that my grandma made].

c. wo xihuan [_{Adjunto} wo nainai de] [_{NP} qiaokeli].

eu amar minha avó de chocolate

d. wo xihuan [_{Adjunto} wo nainai zuo de] [_{NP} qiaokeli].

eu amar minha avó fazer que chocolate

e. Eu adoro [_{NP} chocolate] [_{Adjunto} da minha avó].

f. Eu adoro os [_{NP} chocolates] [_{Adjunto} que minha avó faz].

g. João já é um [NP menino] [Adjunto grande].

h. Chomsky é um [Adjunto grande] [NP homem].

(173) o [NP homem] [CP com quem eu falei]

3.3 MODELO *PHASE*

Segundo Chomsky (1981, 1982, 1986), o modelo GB era o modelo teórico mais ativo da história dos estudos da Gramática Gerativa da década 80. Nesse período, a missão central da Gramática Gerativa era responder quais eram os princípios e parâmetros de uma UG, investigando os dados concretos das línguas humanas. Para atingir esse objetivo, muitas subteorias e concepções foram propostas como, por exemplo, a Teoria X-barras, a Teoria Temática, a Teoria da Ligação, representações superficial e profunda etc. Passando pela década de 90 até o tempo atual, o novo modelo MP (de fato, um programa que se desenvolveu e aprofundou a partir do velho modelo GB) atingiu maturidade e substituiu gradativamente o modelo GB. O motivo pelo o modelo MP substituir o modelo GB concerne principalmente ao tratamento da relação entre a adequação descritiva e explanatória²⁵.

Para chegar à adequação descritiva, o velho modelo teria que criar mais regras (princípios e parâmetros) e subteorias para dar conta, o que implica menos adequação explanatória, não atendendo ao axioma de uma gramática cunhada profundamente na psicologia cognitiva, biologia humana e biolinguística: minimalismo. No modelo MP, algumas teorias e concepções sustentadas pelo modelo GB foram questionadas e abandonadas, e outros poucos instrumentos teóricos novos e questões teóricas novas foram levantados, entre os mais atuais, a teoria *Phase* ou modelo *Phase* (devido à tradução desse termo por nomes grandes brasileiros da área, doravante Fase). Essa seção será dedicada ao mecanismo sintático computacional e às concepções centrais

²⁵ De fato, essa relação tem sido considerada o grande assunto no âmbito dos estudos gerativos desde a Teoria Padrão Ampliada e a Teoria Padrão Ampliada Revista. O modelo GB era exatamente proposto para simplificar o sistema complicado de regras transformacionais desses dois modelos, procurando maior abstração e generalização de uma gramática. Porém, ele também acabou ficando cada vez mais prolixo e complicado a medida que desenvolveu-se.

do modelo MP e Fase para a derivação de uma sentença, a fim de tratar da derivação das estruturas relativas.

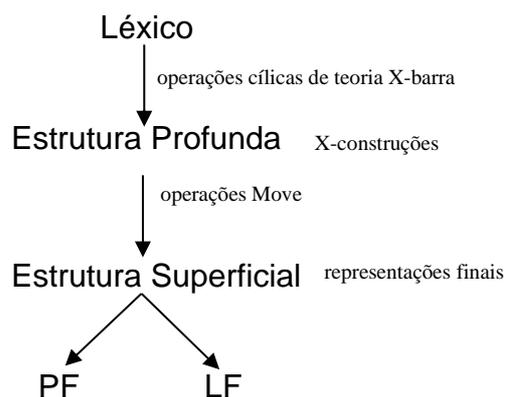
Segundo o modelo MP, as representações superficial e profunda do modelo GB foram substituídas por um espaço derivacional único: *Narrow Syntax* (doravante, NS) que engloba as operações sintáticas de *Merge* e *Move* e alimenta diretamente os níveis interpretativos de interface PF e LF. Esse espaço essencialmente mapeia os LIs do LEX para a representação de uma expressão. No modelo MP de Chomsky (1995a), esse mapeamento procede de uma N ou LA única enquanto procede de vários *lexical subarrays* no modelo Fase.

Merge é uma operação de combinar LIs para criar unidades maiores, ou seja, sintagmas, operando somente sobre os LIs, mas não traços. Segundo Chomsky (2008), há três tipos de *merge*, a saber, *merge* interno, *merge* externo and *pair merge*. O *merge* externo aplica-se na estrutura de argumento, na interpretação profunda do modelo anterior, de acordo com Gallego (2010). Sob a nossa ótica, trata-se de fato de uma operação da teoria X-barras do modelo GB. O *merge* interno é a operação de *move* da teoria de movimento por cópia de Chomsky (1993), que propõe que a operação de *merge* interno/*move* deixa para trás uma cópia do elemento movido, em vez de um vestígio. Por exemplo, o traço EPP do I pode acionar o movimento de um elemento periférico da posição de Spec-v*P para a posição de Spec-IP, via *merge* interno. Por sua vez, o *pair merge* é uma operação proposta por Chomsky (2004), que se aplica ao fenômeno de adjunção. Segundo Chomsky (1995a), adjuntos aparentemente não participam de qualquer operação computacional. Por exemplo, numa estrutura complexa de {uma, menina bonita}, que é composta de uma estrutura simples de {uma, menina} e um adjunto “bonita”, a presença desse adjunto não vai mudar as propriedades do NP modificado “menina”, não participando da operação computacional desse NP. A sua função é meramente uma adjunção. Segundo Chomsky (2004), uma estrutura complexa como {uma, menina bonita} dá-se via operação de *pair merge* de adjunto ao NP modificado. Os adjuntos são ilhas que não recebem temas e não checam Caso. Segundo Gallego (2010), a sua função semântica é a de predicação.

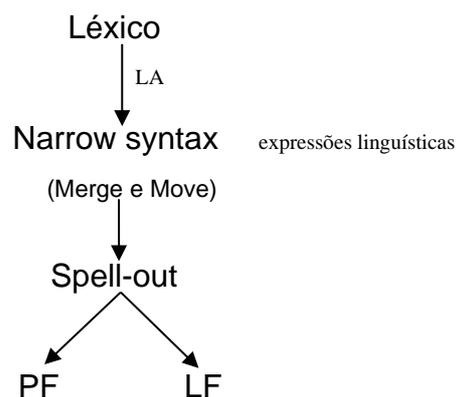
Os princípios propostos nessas duas representações, como resultado, foram deixados de lado e a Condição de Interface (doravante, IC, o sistema sensório-motor

e sistema conceitual-intencional) tornou-se o um único mecanismo para o licenciamento de uma sentença. O sistema sensorio-motor é uma interface que se conecta com o componente fonético (termo que indica PF no modelo GB e MP, Φ no modelo Fase) enquanto o sistema conceitual-intencional relaciona-se com o componente semântico (termo que indica LF no modelo GB e MP, Σ no modelo Fase). Devido que a IC se tornou o um único mecanismo para o licenciamento de uma sentença no modelo MP, uma nova operação é proposta para examinar as sentenças produzidas pela NS. *Spell-out* é a operação que se aplica à derivação computada na NS, a entregando aos componentes fonético Φ e semântico Σ quando todos os traços não-interpretáveis são licenciados. De acordo com o requisito de minimização computacional de *Spell-out*, somente uma das cópias produzidas por *merge* interno é realizada foneticamente. Comparem-se os diagramas do modelo GB e MP em (174).

(174) a. modelo GB



b. modelo MP



De acordo com o modelo MP, especialmente o modelo Fase, a *language*²⁶ natural (doravante, L) é composta de inúmeras derivações (doravante, Ds) alimentadas por LEX, LA e *lexical subarrays*²⁷, aprovadas pela operação de *Spell-out* do modelo MP ou *cyclic transfer*²⁸ do modelo Fase e licenciadas pela IC. Por sua vez, uma D é realizada principalmente por três passos, a saber, extração de LIs de LA, organização desses itens por meio de *merge* externo e ajustes estruturais via *merge*

²⁶ No âmbito do modelo MP, a *language* é composta de três componentes, a saber, a NS na qual os *Phases* (referem-se ao Ds) são derivados, componente fonético Φ e componente semântico Σ aos quais esses *Phases* prontos são entregues, por meio da operação *spell-out*.

²⁷ *Lexical subarrays* são os constituintes de um LA. Cada *lexical subarray* determina um *Phase*.

²⁸ *Cyclic Transfers* são operações cíclicas cuja função é entregar uma fase dada concluída aos componentes Φ e Σ , segundo Chomsky (2004).

interno/*move*. Cada D forma um conjunto de representação fonética e representação semântica (doravante, <PHON, SEM>). Se esse conjunto satisfizer a IC, a expressão dada é licenciada.

No modelo Fase, a derivação sintática prossegue fase à fase na NS, avaliando-os e transferindo-os para os componentes fonético e semântico via *cyclic transfer*, até a N ou LA estar esgotada. Uma fase é representado como PH = [α [H β]], sendo α a *edge*, H o núcleo e β o domínio do H. Segundo Chomsky (2000, 2001), as fases são CP e v*P porque manifestam propriedades semânticas e fonéticas facilmente detectáveis e são coerentes entre si indicando algum tipo de independência. Os núcleos Fase são C e v*, respectivamente. Eles acionam todas as operações sintáticas incluindo a seleção de Lis. Todos os traços formais são gerados nesses núcleos e baixados para I e V respectivamente, via a operação uF-*inheritance*, que é um mecanismo que permite herança de traços formais por I e V dos seus núcleos, de acordo com Chomsky (2007, 2008). Segundo Chomsky (2000, 2001), a Condição de Impenetrabilidade de Fase (doravante, PIC) funciona como uma restrição que força o sistema de computação cíclica a esquecer partes transferidas. Uma vez que o próximo núcleo Fase C começar com o *merge*, o domínio do núcleo Fase v*, isto é, o complemento VP, será transferido para os dois componentes de interfaces Φ e Σ , não sendo mais suscetível a *probe*. Consequentemente, ficarão o núcleo Fase v* e a *edge* acessíveis para operações sintáticas futuras. Há duas versões de PIC, a saber, a PIC forte e a PIC fraca.

Strong PIC: In Phase α with head H, the domain of H is not accessible to operations outside α ; only H and its edge are accessible to such operations.

(CHOMSKY, 2000, p. 108)

Weak PIC: Given the structure [_{ZP} Z ... [_{HP} α [H YP]]], with H and Z the heads of Phases: the domain of H is not accessible to operations at ZP; only H and its edge are accessible to such operations.

(CHOMSKY, 2001, p. 14)

Segundo o modelo MP, a propriedade biológica dos seres humanos e o conhecimento inato da UG determinam que as línguas naturais existem na forma de traços, formando uma série de traços {Feature} (doravante, {F}), como mostra a sentença (175a). Cada língua seleciona a sua própria subsérie [Feature] (doravante, [F]) dessa série como mostra o exemplo (175b) e reúne os traços contidos em Lis, construindo assim o LEX dessa língua. Os Lis no LEX existem na forma ou de traços

não-interpretáveis, como por exemplo, traços $u\phi$ dos núcleos Fase e traço Caso de DPs²⁹, ou de traços interpretáveis como traços ϕ de DPs. Os traços não-interpretáveis são aqueles que não podem ser interpretados nas interfaces e precisam ser valorados e deletados, via mecanismo de concordância *Probe-Goal*. *Agree* é uma operação que se preocupa com a checagem de traços. Segundo Chomsky (2000, 2001), essa operação se dá entre um núcleo funcional na posição mais alta, a saber, *Probe*, e uma expressão linguística na posição mais baixa, *Goal*, substituindo a teoria de checagem do modelo MP. Conforme Chomsky (2000, 2001), são principalmente três condições para a realização dessa operação, a saber, i) *Probe* e *Goal* têm de ser ativos; ii) *Agree* é dividida em *Match* e *Valuation*; iii) *Probe* deve conter os seus traços completos para deletar os traços não-interpretáveis formais de *Goal* mapeado e vice-versa.

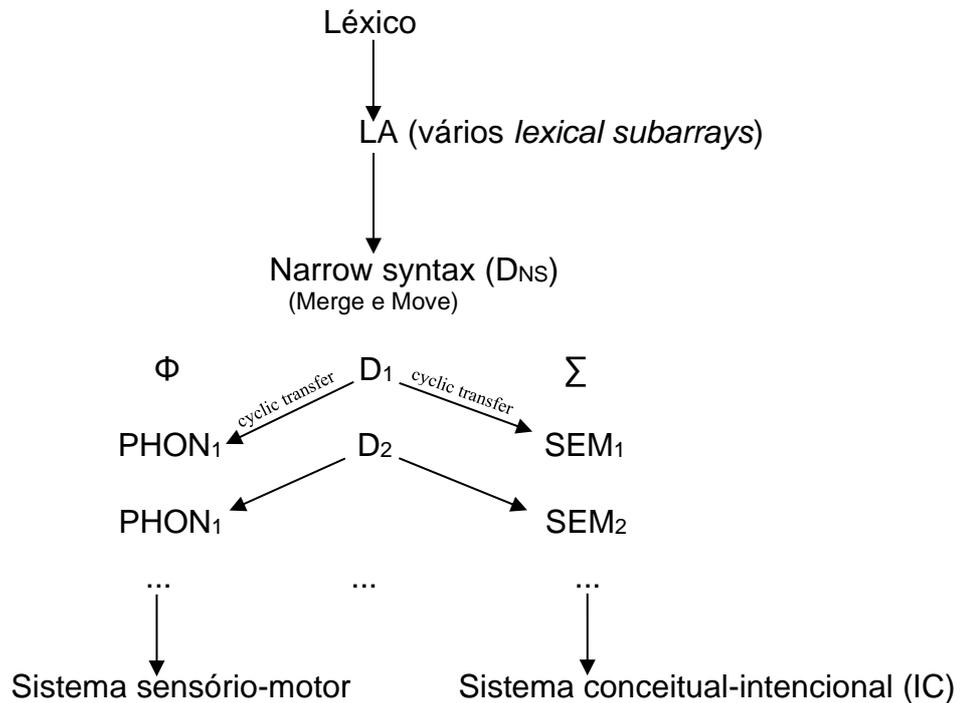
$$(175) a. \{F\} = \{F_1, F_2, F_3, F_4 \dots F_n\}$$

$$b. [F] = \{F_1, F_2, F_3, F_4 \dots F_m\}, m < n$$

Até o momento, o sistema computacional do modelo Fase já foi esboçado, cujo esquema é ilustrado em (176). A seguir, será apresentado o processo derivacional detalhado de uma sentença para explicar o funcionamento desse modelo.

²⁹ Vale notar que o traço Caso não é mais um traço de *Probe* T e V mas é valorado e removido da NS, segundo o modelo Fase. *Probe* I atribui Caso nominativo enquanto *Probe* V atribui Caso acusativo.

(176) modelo Fase



Para derivar uma determinada expressão linguística como, por exemplo, “Maria ama João”, é preciso escolher um LA do LEX que contém esses LIs na forma de traços, como mostra (177).

(177) Maria ama João.

$$\text{LA} = \left[\left[\begin{array}{c} F_1 \\ F_3 \\ F_5 \end{array} \right] = \text{Maria}, \quad \left[\begin{array}{c} F_1 \\ F_2 \\ F_4 \end{array} \right] = \text{João}, \quad \left[\begin{array}{c} F_{10} \\ F_{12} \\ F_{14} \end{array} \right] = \text{ama} \right]$$

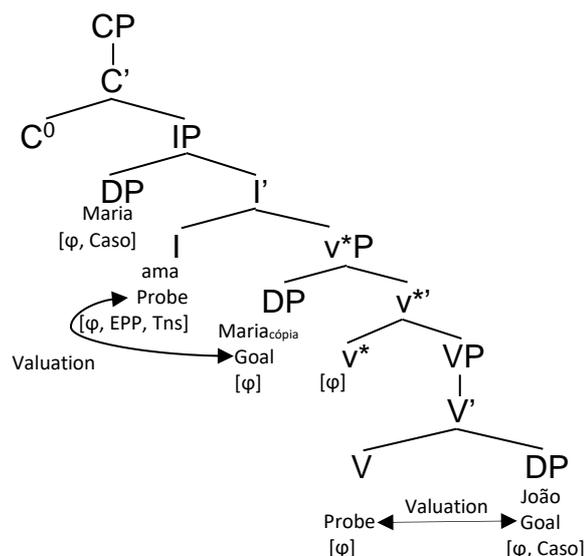
Segundo Chomsky, os núcleos Fase acionam a seleção de LIs do LA em (177) e o mapeamento deles para a representação de uma expressão na NS procede por vários *lexical subarrays*. Cada um deles determina uma fase. v^*P é primeiramente derivado com base nos LIs do *lexical subarray* {Maria, amar, João}. Em relação à operação de *Merge*, o verbo “amar” opera *merge* com seu complemento “João” para formar um VP. Esse VP então faz *merge* com o núcleo Fase v^* para formar v^* . Por sua vez, o v^* executa *merge* com o sujeito “eu” para formar uma fase v^*P . Quanto à operação de *Agree*, segundo o modelo Fase, todos os LIs no LEX existem sob a forma ou de traços não-interpretáveis, que precisam ser valorados e removidos, como por exemplo, traços $u\phi$ dos núcleos Fase e traço Caso de DPs, ou de traços interpretáveis

ϕ de DPs, como, por exemplo, traços feminino, singular e de terceira pessoa do DP “Maria”, em (177). Na derivação, esses traços não-interpretáveis serão valorados via operação de concordância *Probe-Goal*. V herdou os traços $u\phi$ do seu núcleo Fase v^* via mecanismo de *uF-inheritance* de Chomsky (2007, 2008), tornando-se ativo e pronto para agir como um *Probe* para procurar o seu *Goal*, a saber, o elemento c-comandado com *matching features* na posição mais baixa. O verbo “amar” concorda com o complemento “João”, conseqüentemente, os traços $u\phi$ do verbo foram valorados e a “João” é atribuído Caso acusativo. A derivação do v^*P é realizada e transferida para os componentes fonético e semântico para formar o conjunto <PHON, SEM>, como mostra (178).

(178) [v^*P Maria v^* [VP [v amar] [DP João]]]

Após feita a formação do v^*P , a derivação da próxima Fase CP começa. Em relação à *Merge*, I opera *merge* com o v^*P para construir um IP, o qual, por sua vez, faz *merge* com o C^0 para formar C' ; subseqüentemente, C' projeta-se para formar uma fase CP. Quanto à *Agree*, segundo a PIC, uma vez que o próximo núcleo Fase C começa o processo de *merge*, o domínio do núcleo Fase v^* , isto é, o complemento VP, será transferido para os componentes fonético e semântico, não sendo mais suscetível a *probe*, conseqüentemente permanecendo apenas o núcleo Fase v^* e a *edge* acessíveis para operações sintáticas futuras. I confere *probe* ao sujeito “Maria”, que está na posição de especificador do v^*P , atribuindo-lhe Caso nominativo enquanto os traços não-interpretáveis $u\phi$ de I herdados do núcleo Fase C são valorados com traços de [FEM, SG, 3]. O traço EPP do I aciona o movimento do sujeito “Maria” na posição de Spec- v^*P para a posição de Spec-IP via operação de *merge* interno, deixando uma cópia na posição em que “Maria” foi movido, segundo a teoria de movimento por cópia de Chomsky (1993). Essa cópia não será realizada foneticamente conforme o requerimento de minimização computacional em *Spell-out*. A derivação da sentença em (177) foi concluída como mostra (179).

(179) [CP C^0 [IP Maria [I' ama [v^*P Maria_{cópia} v^* [VP V [DP João]]]]]]]



3.4 DERIVAÇÃO DAS ESTRUTURAS RELATIVAS EM PORTUGUÊS

3.4.1 Derivação das ERAs

Nos capítulos anteriores, já foi corroborada a existência de uma categoria vazia de base em Português, nas ERAs. Essa subseção será dedicada à derivação dinâmica das relativas que apresentem C “que”, das relativas que exibam pronome relativo, assim como das relativas genitivas, baseando-se na nossa ***non-movement head external analysis*** e no modelo Fase.

Segundo Chomsky, os núcleos Fase acionam todas as operações sintáticas incluindo a seleção de LIs do LEX e o mapeamento deles para a representação de uma expressão na NS, que procede para vários *lexical subarrays*. Cada um deles determina uma fase ou D. Em (180), v*P da ERA é primeiramente derivada com base nos LIs do *lexical subarray* {eu, ver, e}. Em relação à operação de *Merge*, o verbo "ver" executa *merge* com seu complemento, que é uma categoria vazia gerada na base para formar um VP. Esse VP então faz *merge* com o núcleo Fase v* para formar v*'. Por sua vez, o v*' opera *merge* com o sujeito “eu” para formar uma fase v*P. Quanto à operação de *Agree*, segundo o modelo Fase, todos os LIs no LEX existem na forma ou de traços não-interpretáveis, que precisam ser valorados e removidos, como por exemplo, traços uφ dos núcleos Fase e traço Caso de DPs, ou de traços

interpretáveis ϕ de DPs, por exemplo, traços feminino, singular e de terceira pessoa do DP “moça” no exemplo (180). Ao decorrer do processo derivacional, esses traços não-interpretáveis serão valorados via operação de concordância *Probe-Goal*. V herdou os traços $u\phi$ do seu núcleo Fase v^* via mecanismo de *uF-inheritance* de Chomsky (2007, 2008), tornando-se ativo e pronto para atuar como um *Probe* para achar o seu *Goal*, sendo este o elemento c-comandado por aquele, com *matching features* na posição mais baixa. O verbo “ver” concorda com a categoria vazia de base *e*, conseqüentemente, de modo que os traços $u\phi$ do verbo foram valorados e *e* é atribuída de Caso acusativo. A derivação do v^*P é demonstrada em (181).

(180) Essa é a moça_i que eu vi *e*_i.

(181) [v^*P eu v^* [VP [V ver] [DP *e*]]]

A derivação da próxima Fase CP começa uma vez feita a formação do v^*P . Em relação a *Merge*, I opera *merge* com o v^*P para construir um IP, o qual, por sua vez, realiza *merge* com o C “que” para formar C', este sendo subseqüentemente projetado para formar uma fase CP. Quanto a *Agree*, segundo a PIC, uma vez que o próximo núcleo Fase C dá início ao processo de *merge*, o domínio do núcleo Fase v^* , isto é, o complemento VP, é transferido para os componentes fonético e semântico, não sendo mais passível de *probe*. Conseqüentemente, ficarão somente o núcleo Fase v^* e a *edge* acessíveis para operações sintáticas futuras. I confere *probe* ao sujeito “eu”, que está na posição de especificador do v^*P , e lhe atribui Caso nominativo, enquanto os traços não-interpretáveis $u\phi$ de I herdados do núcleo Fase C são valorados com traços de [SG, 1]. O traço EPP do I aciona o movimento do sujeito “eu” na posição de Spec- v^*P para a posição de Spec-IP via operação de *merge* interno, deixando uma cópia na posição onde “eu” foi movido, segundo a teoria de movimento por cópia de Chomsky (1993). Essa cópia não será realizada foneticamente conforme o requerimento de minimização computacional em *Spell-out*. A derivação do CP foi concluída como em (182). Segundo a PIC e *pair merge*, nenhum constituinte sintático dentro da oração relativa CP poderá mover-se para fora, se tratando de uma ilha, assim que todos os traços não-interpretáveis de todos os constituintes sintáticos desse CP forem checados e removidos.

(182) [CP que [IP eu [I' vi [v^*P eu_{cópia} v^* [VP V [DP *e*]]]]]]]

Esse CP adjunge-se à direita do NP núcleo da estrutura relativa “moça” para formar um NP complexo via operação de *pair merge*. Vale lembrar que essa operação é proposta por Chomsky (2004), aplicando-se ao fenômeno de adjunção. Adjuntos não participam de qualquer operação computacional. Por exemplo, num DP complexo de {uma, moça bonita}, que é composta de um DP simples de {uma, moça} e um adjunto “bonita”, a presença desse adjunto não vai mudar as propriedades do NP modificado “menina”, sem participar da operação computacional desse NP e DP formado. Segundo Chomsky (2004), as computações sintáticas na oração matriz não são acessíveis para um adjunto. Como ilha, essa construção não recebe tema e não checa Caso, sendo sua função semântica a predicação. Confere-se isso em (183). Por sua vez, esse NP complexo realiza *merge* com o D “a” para formar DP, como mostra (184). O núcleo NP “moça” concorda com a categoria vazia de base e DP na oração relativa nos traços ϕ . A derivação desse DP é demonstrada em (184). A derivação da oração matriz será realizada após a construção desse DP.

(183) a. Maria era [DP uma [NP moça]].

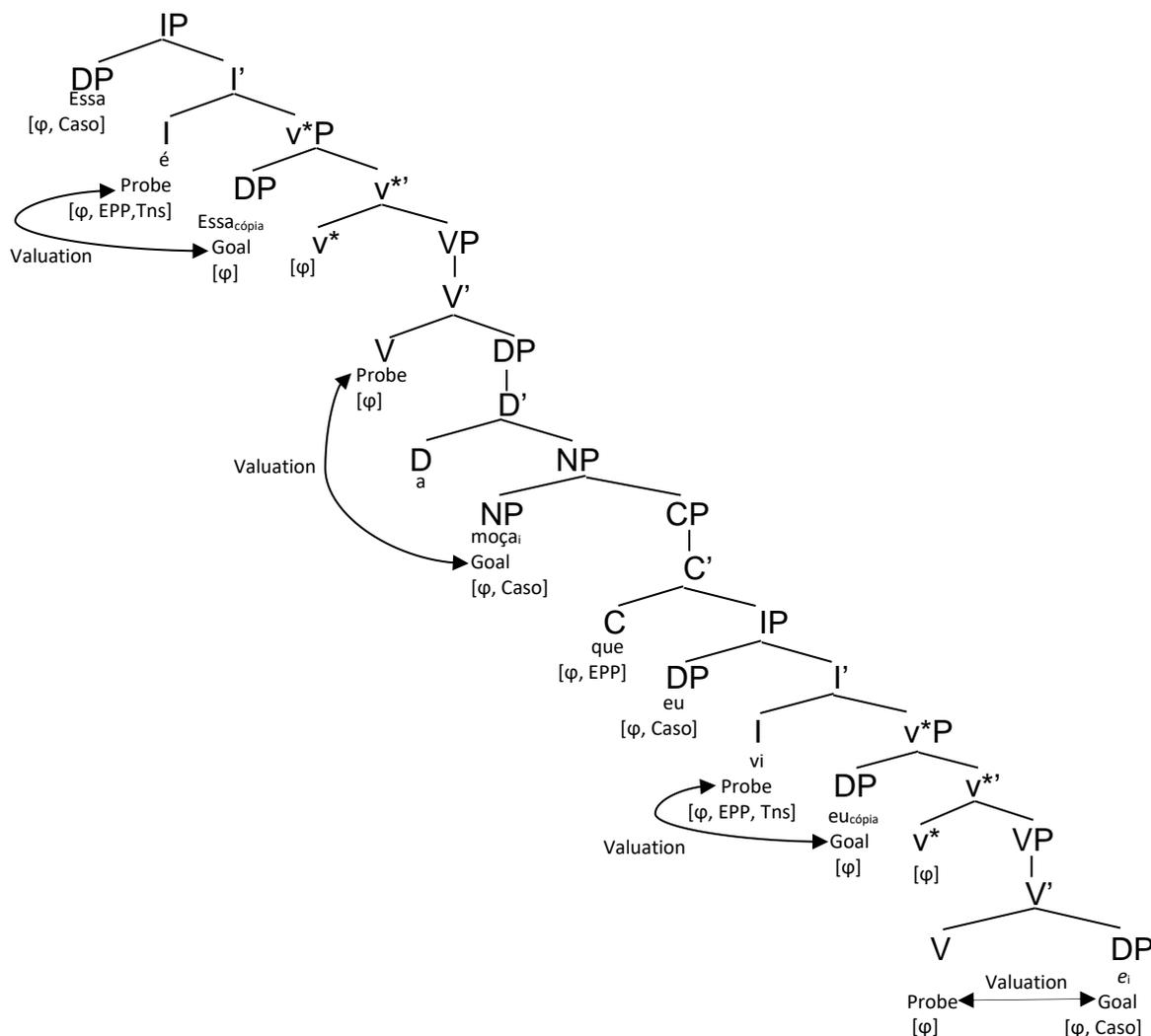
b. Maria era [DP uma moça] [Adjunto bonita].

(184) [DP a [NP moça]_i] [CP que [IP eu [_i Vi [v*P eu_{cópia} v* [VP V [DP e_i]]]]]]]

Em relação a *Merge*, o DP formado promove *merge* com o verbo “ser” para formar um VP. Esse VP opera *merge* com v* para formar um v*, o qual, por sua vez, realiza *merge* com o demonstrativo “essa”, que está na posição de Spec-v*P para formar uma fase v*P. Esse v*P formado executa *merge* com I para formar IP. Quanto a *Agree*, o verbo “ser” na oração matriz concorda com o DP formado anterior, conseqüentemente, os traços $u\phi$ do verbo foram valorados e removidos e ao DP é atribuído Caso acusativo. Por sua vez, I confere status de *probe* ao sujeito demonstrativo “essa”, que está na posição de especificador do v*P, atribuindo-lhe o Caso nominativo, enquanto os traços não-interpretáveis $u\phi$ de I herdados do núcleo Fase C são valorados com traços de [FEM, SG, 3]. O traço EPP do I aciona o movimento do “essa” na posição de Spec-v*P para a posição de Spec-IP via *merge* interno, deixando uma cópia na posição onde “essa” foi movido, segundo a teoria de movimento por cópia. Essa cópia não será realizada foneticamente conforme o requerimento de minimização computacional em *Spell-out*. Finalmente, a derivação

da sentença completa em (180) é realizada com sucesso baseando-se no modelo Fase e na nova análise de não-movimento, como em (185).

(185) [IP Essa [I' é [v*P Essa_{cópia} v* [VP v [DP a [NP moça_i] [CP que [IP eu [I' vi [v*P eu_{cópia} v* [VP v [DP e_i]]]]]]]]]]].



A derivação das ERAs com pronome relativo é praticamente idêntica à das ERAs com “que” como complementizador. O que diferencia uma da outra é que a primeira apresenta um pronome relativo na posição de especificador e um C nulo enquanto a segunda mostra-se nula nessa posição, mas apresenta um C “que”. A ordem derivacional da sentença em (186) segue a mesma, ou seja, oração relativa CP→DP formado→oração matriz.

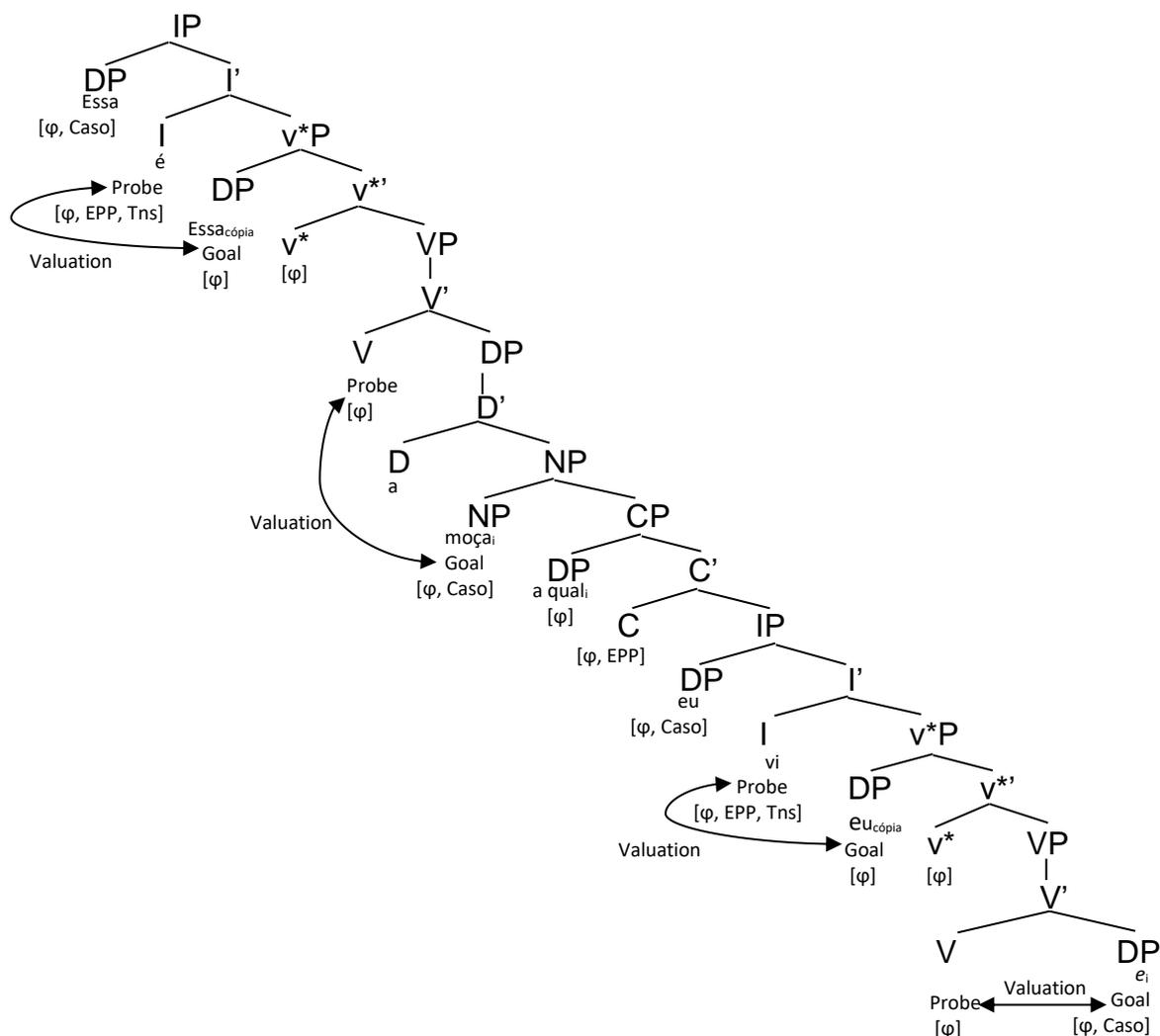
Em relação à *Merge*, o verbo "ver" faz *merge* com o seu complemento, uma categoria vazia gerada na base e para formar um VP. Esse VP então executa *merge* com o núcleo Fase v^* para formar $v^{*'}.$ Por sua vez, o $v^{*'}$ opera *merge* com o sujeito "eu" para formar uma fase $v^*P.$ I promove *merge* com o v^*P formado para construir um IP. Por sua vez, ele realiza *merge* com o C nulo para formar C', subsequentemente, C' faz *merge* com o pronome relativo "a qual" para formar uma fase CP. Esse CP adjunge-se à direita ao NP núcleo da estrutura relativa "moça" para formar um NP complexo via operação de *pair merge.* Por sua vez, esse NP complexo executa *merge* com o D "a" para formar um DP. O DP formado opera *merge* com o verbo "ser" para formar um VP. Esse VP promove *merge* com v^* para formar um $v^{*'}$, o qual, por sua vez, realiza *merge* com o demonstrativo "essa", que está na posição de Spec- v^*P para formar uma fase $v^*P.$ Esse v^*P formado faz *merge* com I para formar IP.

Quanto à *Agree*, o verbo "ver" concorda com a categoria vazia de base e, conseqüentemente, os traços $u\phi$ do verbo foram valorados e removidos e é atribuída de Caso acusativo. A *Agree* da próxima fase CP começa, I confere *probe* ao sujeito "eu", que está na posição de especificador do $v^*P,$ atribuindo-lhe Caso nominativo, enquanto os traços não-interpretáveis $u\phi$ de I herdados do núcleo Fase C são valorados com traços de [SG, 1]. O traço EPP do I aciona o movimento do sujeito "eu" na posição de Spec- v^*P para a posição de Spec-IP via *merge* interno, deixando uma cópia na posição da qual "eu" foi movido. Essa cópia não será realizada foneticamente conforme o requerimento de minimização computacional em *Spell-out.* O núcleo NP "moça", o pronome relativo "a qual" e a categoria vazia de base e DP na oração relativa concordam entre si nos traços $\phi.$ O verbo "ser" na oração matriz concorda com o núcleo da estrutura relativa, os traços $u\phi$ do verbo foram valorados e removidos e o núcleo é atribuído de Caso acusativo, por sua vez, I confere *probe* ao sujeito demonstrativo "essa", que está na posição de especificador do v^*P e lhe atribui Caso nominativo, enquanto os traços não-interpretáveis $u\phi$ de I, herdados do núcleo Fase C, são valorados com traços de [FEM, SG, 3]. O traço EPP do I aciona o movimento do "essa" na posição de Spec- v^*P para a posição de Spec-IP via *merge* interno, deixando uma cópia na posição onde "essa" foi movido. Essa cópia não será realizada foneticamente conforme o requerimento de minimização computacional em *Spell-out.*

A derivação da sentença em (186) é demonstrada em (187).

(186) Essa é a moça_i a qual_i eu vi e_i .

(187) [IP Essa [I' é [v*P Essa_{cópia} v* [VP V [DP a [NP moça_i] [CP a qual_i [C' que [IP eu [I' vi [v*P eu_{cópia} v* [VP V [DP e_i]]]]]]]]]]]]]]]]]]]]]]].



Por sua vez, a derivação das ERAs genitivas é um desafio para o modelo de alçamento, como apontou Kenedy (2002), de acordo com o qual não se pode determinar qual é o núcleo que foi alçado. Por exemplo, a sentença em (188) é derivada pelo alçamento "livro" ou "capa", ou ambos? Mesmo que fosse determinado qual é o elemento alçado, seria um outro problema determinar de que forma o elemento é alçado, segundo a nossa análise. O problema da derivação das ERAs genitivas encontrado é resolvido sob a nossa nova análise de não-movimento. O

núcleo da estrutura relativa e o DP (cuja capa) na posição de Spec-CP são gerados na base, não havendo alçamento de qualquer elemento durante todo o processo derivacional. A lacuna na oração relativa é uma categoria vazia de base. A sentença em (188) é representada em (189) na nova análise.

(188)a. ?Esse é o livro_i cuja capa eu rasguei t_i.

b. ?Esse é o livro cuja capa_i eu rasguei t_i.

c. ?Esse é o livro_i cuja capa_i eu rasguei t_i.

(189) Esse é o livro_i cuja capa_i eu rasguei e_i.

Em relação a *Merge*, o verbo "rasgar" opera *merge* com o seu complemento, uma categoria vazia gerada na base e para formar um VP. Esse VP então realiza *merge* com o núcleo Fase v* para formar v*'. Por sua vez, o v*' faz *merge* com o sujeito "eu" para formar uma fase v*P. I executa *merge* com o v*P formado para construir um IP, o qual promove *merge* com o C nulo para formar C', que, subsequentemente, faz *merge* com o DP na posição de Spec-CP "cuja capa" para formar uma fase CP. Esse CP adjunge-se à direita ao NP núcleo da estrutura relativa "livro" para formar um NP complexo via operação de *pair merge*. Por sua vez, esse NP complexo opera *merge* com o D "o" para formar um DP. O DP formado realiza *merge* com o verbo "ser" para formar um VP, que promove *merge* com v* para formar um v*', que, em sequência, opera *merge* com o demonstrativo "esse" que está na posição de Spec-v*P para formar uma fase v*P. Esse v*P formado faz *merge* com I para formar IP.

Quanto a *Agree*, o verbo "rasgar" concorda com a categoria vazia de base e, conseqüentemente, os traços u ϕ do verbo foram valorados e removidos e e é atribuída de Caso acusativo. A *Agree* da próxima fase CP começa, I confere *probe* ao sujeito "eu", que está na posição de especificador do v*P, atribuindo-lhe Caso nominativo, enquanto os traços não-interpretáveis u ϕ de I herdados do núcleo Fase C são valorados com traços de [SG, 1]. O traço EPP do I aciona o movimento do sujeito "eu" na posição de Spec-v*P para a posição de Spec-IP via operação de *merge* interno, deixando uma cópia na posição onde "eu" foi movido. Essa cópia não será realizada foneticamente conforme o requerimento de minimização computacional em *Spell-out*. O núcleo NP "livro", o DP "cuja capa" e a categoria vazia de base e DP na oração relativa concordam entre si nos traços ϕ . O verbo "ser" na oração matriz concorda

A seguir, será apresentada a derivação das ERAdS.

3.4.2 Derivação das ERAdS

Na Seção 3.2, foi corroborado que o sintagma PP (preposição+pronome relativo) de uma ERAd não pode ser gerado pelo movimento de preposição+operador *wh*- sustentado pelo modelo tradicional nem pode ser gerado pelo alçamento de todo o PP proposto pelo modelo de alçamento. Como a estrutura relativa e a estrutura interrogativa são diferentes em termos de seus mecanismos derivacionais no primeiro caso enquanto a sentença de base a partir da qual uma estrutura relativa é derivada é agramatical no segundo caso, isso faz com que o mecanismo de gatilho sintático desse modelo também desapareça. A inviabilidade de derivar uma ERAd via movimento de preposição+operador *wh*- e alçamento de todo o PP indicam que resta apenas a possibilidade de que o sintagma PP em uma ERAd seja gerado na base, na posição de Spec-CP, como exemplifica (191). A derivação de uma ERAd é parecida com a de uma ERA com pronome relativo, o que diferencia uma de outra é que a primeira não apresenta uma categoria vazia de base enquanto a segunda o faz. Compare-se (191) com (192).

(191) Essa é a moça_i [_{CP} com quem_i [_{C'} eu falei]].

(192) a. Essa é a moça_i a qual_i eu vi ϵ .

b. Esse é o livro_i cuja capa_i eu rasguei ϵ .

Em relação a *Merge*, o verbo “falar” é um intransitivo que não atribui Caso e não se checam os traços não-interpretáveis $u\phi$, o próprio verbo forma um VP. Esse VP faz *merge* com o núcleo Fase v^* para formar $v^{*'}.$ Por sua vez, o $v^{*'}.$ realiza *merge* com o sujeito “eu” para formar uma fase $v^*P.$ I opera *merge* com o v^*P formado para construir um IP, o qual, por sua vez, promove *merge* com o C nulo para formar C', que, subsequentemente, faz *merge* com o PP na posição de Spec-CP “com quem” para formar uma fase CP. Esse CP adjunge-se à direita ao NP núcleo da estrutura relativa “moça” para formar um NP complexo via operação de *pair merge*. Por sua vez, esse NP complexo executa *merge* com o D “a” para formar DP. O DP formado

opera *merge* com o verbo “ser” para formar um VP. Esse VP promove *merge* com v^* para formar um v^* , que ele faz *merge* com o demonstrativo “essa”, que está na posição de Spec- v^* P para formar uma fase v^* P. Esse v^* P formado realiza *merge* com I para formar IP.

Quanto a *Agree*, como o verbo “falar” não é checado por traços e nem atribui Caso, a *Agree* da fase CP começa diretamente. I confere valor de *probe* ao sujeito “eu”, que está na posição de especificador do v^* P, atribuindo-lhe Caso nominativo, enquanto os traços não-interpretáveis $u\phi$ de I herdados do núcleo Fase C são valorados com traços de [SG, 1]. O traço EPP do I aciona movimento do sujeito “eu” na posição de Spec- v^* P para a posição de Spec-IP via *merge* interno, deixando uma cópia na posição onde “eu” foi movido. Essa cópia não será realizada foneticamente conforme o requerimento de minimização computacional em *Spell-out*. O núcleo NP “moça” e o PP “com quem” concordam entre si nos traços ϕ . O verbo “ser” na oração matriz concorda com o núcleo “moça”, os traços $u\phi$ do verbo foram valorados e removidos e o núcleo é atribuído de Caso acusativo. Por sua vez, I confere *probe* ao sujeito demonstrativo “essa”, o qual está na posição de especificador do v^* P e lhe atribui Caso nominativo, enquanto os traços não-interpretáveis $u\phi$ de I herdados do núcleo Fase C são valorados com traços de [FEM, SG, 3]. O traço EPP do I aciona o movimento do “essa” na posição de Spec- v^* P para a posição de Spec-IP via *merge* interno, deixando uma cópia na posição onde “essa” foi movido. Essa cópia não será realizada foneticamente conforme o requerimento de minimização computacional em *Spell-out*. A derivação da sentença em (191) é demonstrada em (193).

(193) [IP Essa [I' é [v*P Essa_{cópia} v* [VP v [DP a [NP moça_i] [CP com quem_i] [C' [IP eu [I' falei [v*P eu_{cópia} v* [VP v]]]]]]]]]]].

apresentando visualmente lacunas, como mostram (194) e (195). A presente dissertação segue a segunda hipótese para a derivação das ERsLs resumptivas DP e PP em Português.

(194) Essa é a moça_i que eu vi ela_i.

(195) Essa é a moça_i que eu falei com ela_i.

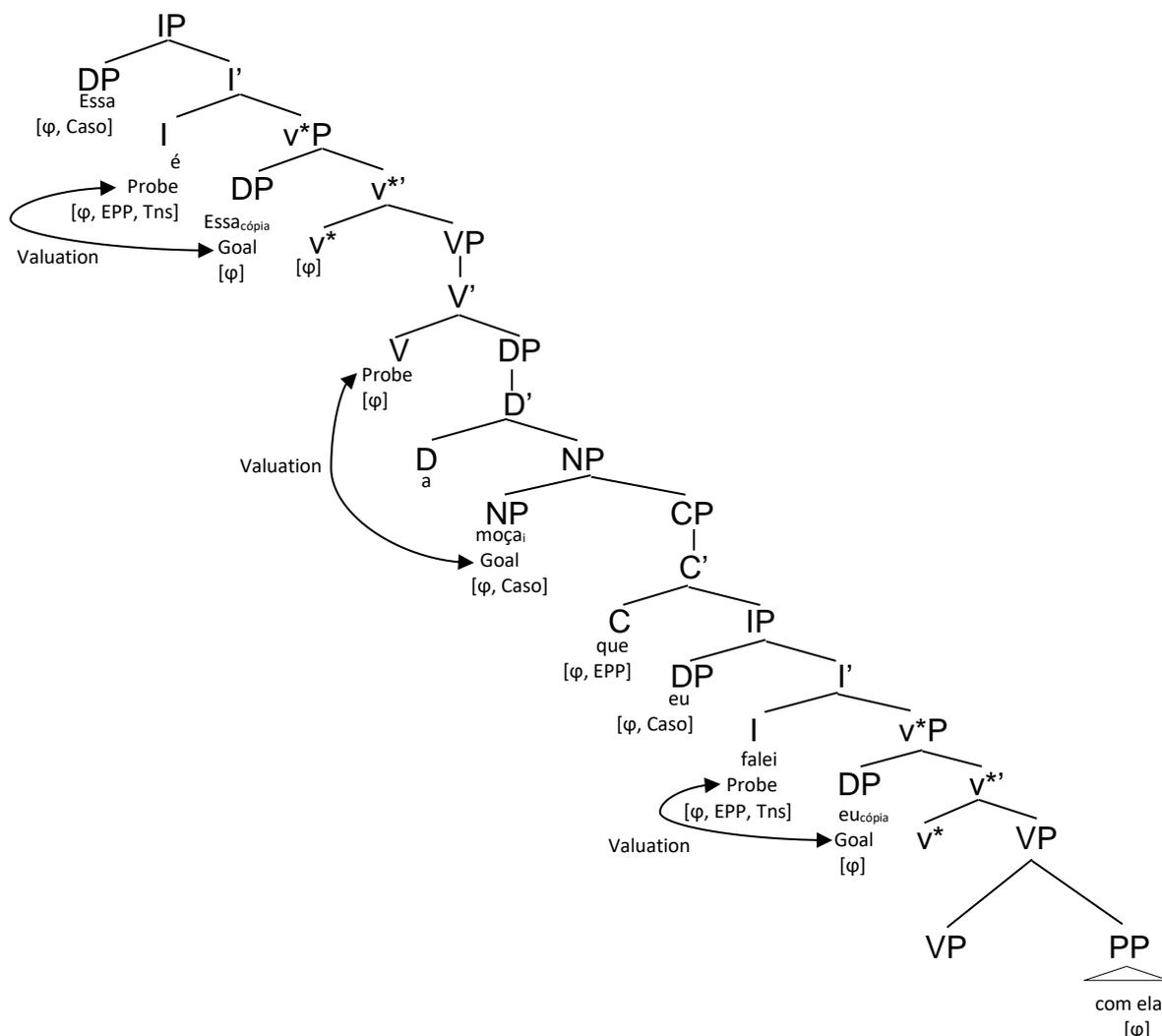
A sentença em (194) é derivada primeiramente. Em relação a *Merge*, o verbo “ver” faz *merge* com o seu complemento um pronome resumptivo gerado na base “ela” para formar um VP. Esse VP opera *merge* com o núcleo Fase v^* para formar v^{*1} . Sequencialmente, o v^{*1} realiza *merge* com o sujeito “eu” para formar uma fase v^*P . I executa *merge* com o v^*P formado para construir um IP. Por sua vez, ele opera *merge* com o C “que” para formar C' , o qual se projeta para formar uma fase CP. Esse CP adjunge-se à direita ao NP núcleo da estrutura relativa “moça” para formar um NP complexo via operação de *pair merge*. Por sua vez, esse NP complexo executa *merge* com o D “a” para formar DP. O DP formado realiza *merge* com o verbo “ser” para formar um VP. Esse VP faz *merge* com v^* para formar um v^{*2} , o qual, por sua vez, promove *merge* com o demonstrativo “essa”, que está na posição de Spec- v^*P para formar uma fase v^*P . Esse v^*P formado empreende *merge* com I para formar IP.

Quanto a *Agree*, o verbo “ver” concorda com o pronome resumptivo de base “ela”, conseqüentemente os traços φ do verbo foram valorados e removidos e “ela” é atribuída de Caso acusativo. A *Agree* da próxima fase CP começa, I atribui *probe* ao sujeito “eu” que está na posição de especificador do v^*P , atribuindo-lhe Caso nominativo enquanto os traços não-interpretáveis φ de I herdados do núcleo Fase C são valorados com traços de [SG, 1]. O traço EPP do I aciona o movimento do sujeito “eu” na posição de Spec- v^*P para a posição de Spec-IP via operação de *merge* interno, deixando uma cópia na posição onde “eu” foi movido. Essa cópia não será realizada foneticamente conforme o requerimento de minimização computacional em *Spell-out*. O núcleo NP “moça” e o pronome resumptivo de base “ela” na oração relativa concordam entre si nos traços φ . O verbo “ser” na oração matriz concorda com o núcleo “moça”, os traços φ do verbo foram valorados e removidos e ao núcleo é atribuído Caso acusativo. Por sua vez, I confere *probe* ao sujeito demonstrativo “essa”, que está na posição de especificador do v^*P , ao qual atribui Caso nominativo,

v* realiza *merge* com o sujeito “eu” para formar uma fase v*P. I executa *merge* com o v*P formado para construir um IP, o qual, por sua vez, faz *merge* com o C “que” para formar C', que, subsequentemente, se projeta para formar uma fase CP. Esse CP adjunge-se à direita ao NP núcleo da estrutura relativa “moça” para formar um NP complexo via operação *pair merge*. Por sua vez, esse NP complexo realiza *merge* com o D “a” para formar um DP. O DP formado opera *merge* com o verbo “ser” para formar um VP. Esse VP executa *merge* com v* para formar um v*', que, por sua vez, empreende *merge* com o demonstrativo “essa”, que está na posição de Spec-v*P, para formar uma fase v*P. O v*P formado, neste caso, realiza *merge* com I para formar IP.

Quanto a *Agree*, como o verbo “falar” é um intransitivo que não atribui Caso e não se checam os traços, a *Agree* da fase CP começa diretamente. I confere *probes* ao sujeito “eu”, que está na posição de especificador do v*P e atribui-lhe Caso nominativo, enquanto os traços não-interpretáveis φ de I herdados do núcleo Fase C são valorados com traços de [SG, 1]. O traço EPP do I aciona o movimento do sujeito “eu” na posição de Spec-v*P para a posição de Spec-IP via operação de *merge* interno, deixando uma cópia na posição onde “eu” foi movido. Essa cópia não será realizada foneticamente conforme o requerimento de minimização computacional em *Spell-out*. O núcleo NP “moça e o pronome resumptivo de base “ela” na oração relativa concordam entre si nos traços φ . O verbo “ser” na oração matriz concorda com o núcleo “moça”, os traços φ do verbo foram valorados e removidos, e o núcleo é atribuído de Caso acusativo. Por sua vez, I confere *probe* ao sujeito demonstrativo “essa”, que está na posição de especificador do v*P, atribuindo-lhe Caso nominativo, enquanto os traços não-interpretáveis φ de I herdados do núcleo Fase C são valorados com traços de [FEM, SG, 3]. O traço EPP do I aciona o movimento do “essa” na posição de Spec-v*P para a posição de Spec-IP via *merge* interno, deixando uma cópia na posição onde “essa” foi movido. Essa cópia não será realizada foneticamente conforme o requerimento de minimização computacional em *Spell-out*. A derivação da sentença em (195) é demonstrada em (197).

(197) [IP Essa [I' é [v*P Essa_{cópia} v* [VP V [DP a [NP moça_i] [CP que [IP eu [I' falei [v*P eu_{cópia} v* [VP V [PP com ela_i]]]]]]]]]]]]]]]]]]]]].



Por sua vez, a derivação das ERsLs cortadoras é relacionada à derivação das ERsLs resumptivas PP. Devido à propriedade sintática do PP “com ela” na sentença em (195), que é um adjunto, esse elemento é apagável. Sendo apagado, a ERsL resumptiva PP em (195) torna-se uma ERsL cortadora como em (198).

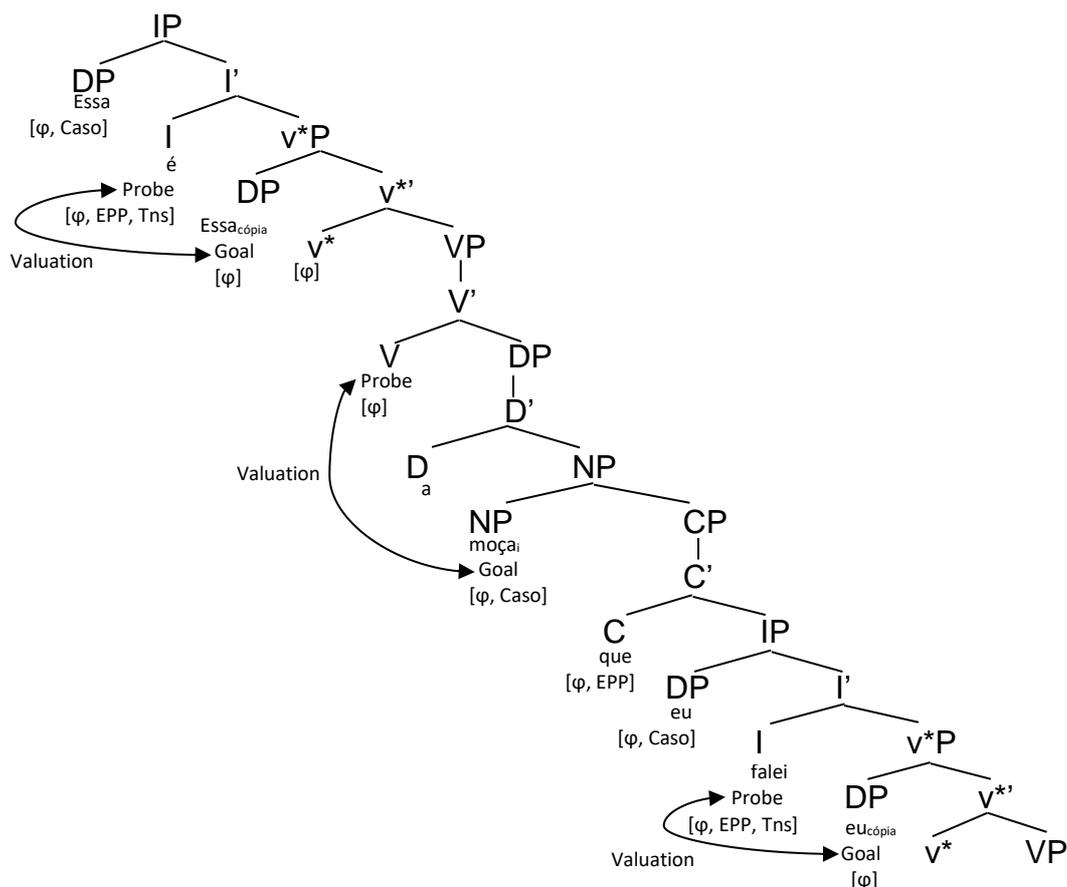
(198) Essa é a moça que eu falei.

Em relação a *Merge*, o verbo “falar” é um intransitivo que não atribui Caso e não se checam os traços, formando um VP por si. Esse VP realiza *merge* com o núcleo Fase v^* para formar $v^{*'}.$ Por sua vez, o $v^{*'}$ opera *merge* com o sujeito “eu” para formar uma fase $v^*P.$ I faz *merge* com o v^*P formado para construir um IP, que, por sua vez, faz *merge* com o C “que” para formar $C',$ o qual, subsequentemente, se projeta para

formar uma fase CP. Esse CP adjunge-se à direita ao NP núcleo da estrutura relativa “moça” para formar um NP complexo via operação de *pair merge*. Por sua vez, esse NP complexo opera *merge* com o D “a” para formar um DP. O DP formado realiza *merge* com o verbo “ser” para formar um VP. Esse VP executa *merge* com v^* para formar um v^* , que faz *merge* com o demonstrativo “essa”, o qual está na posição de Spec- v^* P para formar uma fase v^* P. Esse v^* P formado realiza *merge* com I para formar IP.

Quanto a *Agree*, como o verbo “falar” não é checado de traços e nem atribui Caso, a *Agree* da fase CP começa diretamente. I confere *probe* ao sujeito “eu”, que está na posição de especificador do v^* P, atribuindo-lhe Caso nominativo, enquanto os traços não-interpretáveis φ de I herdados do núcleo Fase C são valorados com traços de [SG, 1]. O traço EPP do I aciona o movimento do sujeito “eu” na posição de Spec- v^* P para a posição de Spec-IP via operação de *merge* interno, deixando uma cópia na posição onde “eu” foi movido. Essa cópia não será realizada foneticamente conforme o requerimento de minimização computacional em *Spell-out*. O verbo “ser” na oração matriz concorda com o núcleo “moça”, os traços φ do verbo foram valorados e removidos e o núcleo é atribuído de Caso acusativo. Por sua vez, I atribui status de *probe* ao sujeito demonstrativo “essa”, que está na posição de especificador do v^* P, atribuindo-lhe Caso nominativo, enquanto os traços não-interpretáveis φ de I herdados do núcleo Fase C são valorados com traços de [FEM, SG, 3]. O traço EPP do I aciona o movimento do “essa” na posição de Spec- v^* P para a posição de Spec-IP via *merge* interno, deixando uma cópia na posição onde “essa” foi movido. Essa cópia não será realizada foneticamente conforme o requerimento de minimização computacional em *Spell-out*. A derivação da sentença em (198) é demonstrada em (199).

(199) [IP Essa [_{I'} é [<sub>v^* P Essa_{cópia} v^* [_{VP} V [_{DP} a [_{NP} moça_i] [_{CP} que [_{IP} eu [_{I'} falei [<sub>v^* P
 $eu_{cópia}$ v^* [_{VP} V]]]]]]]]]]].</sub></sub>



3.5 CONCLUSÕES

Nesse Capítulo, nós propusemos uma nova ***non-movement head external analysis*** para a derivação das estruturas relativas restritivas em Português com base no mais atual modelo Fase da Gramática Gerativa, a fim de resolver os problemas existentes nos estudos anteriores que se baseiam no modelo tradicional e modelo de alçamento. Segundo a nova análise, as estruturas relativas em Português apresentam 5 principais características como mostra (200). Em relação à primeira propriedade, a adjunção à esquerda sustentada pelo LCA de Kayne (1994), cunhado firmemente na teoria X-barra, é rejeitada nos aspectos tanto teórico quanto empírico. Teoricamente, tanto a adjunção à esquerda quanto a adjunção à direita são sustentadas pela hipótese paramétrica e BPS. No que diz respeito ao aspecto empírico, os dados linguísticos em Inglês, Português e Chinês (aparentemente o Chinês somente aceita

a adjunção à esquerda) suportam as duas ordens. Portanto, a adjunção à direita para a relativização em Português é licenciada. Já se propõe que não há ou quase não há movimento envolvido na relativização em português desde, pelo menos, Tarallo (1983). O que é sustentado pela flexibilidade do sistema de argumentos do Português, que permite a existência de uma categoria vazia de base. A proposta de não-movimento é muito mais econômica que as propostas baseadas no modelo tradicional e de alçamento em termos de custo derivacional. Porém, foi também corroborado que essa categoria vazia de base não pode ser um *pro*, cuja propriedade sintática ainda precisa ser investigada futuramente em pesquisas. Propor que o elemento “que” seja um complementizador em vez de um pronome relativo diz respeito aos dois principais aspectos, a saber, custo derivacional e a propriedade intrínseca de “que”. Propor que “que” é um complementizador requer uma operação de movimento enquanto propor que se trata de um pronome relativo demanda duas operações de movimento. Além disso, “que” não carrega consigo as propriedades necessárias de um pronome relativo, como “gênero”, “número”, “tempo”, “lugar” etc. Quanto à última propriedade, não há aparentemente um mecanismo de gatilho para o movimento de operador ou núcleo. Estruturas relativas e interrogativas são construções distintas, portanto, os mecanismos para a derivação de ambas as estruturas são definitivamente diferentes no sentido de que o alçamento de operador para a relativização, imitando o mesmo mecanismo de interrogação, não é viável. Por outro lado, o mecanismo para a relativização sustentado pelo modelo de alçamento provavelmente mais problemático que o suportado pelo modelo tradicional, na medida em que a sentença de base a partir da qual uma relativa é derivada pode ser muitas vezes agramatical.

- (200) a. A estrutura fundamental para as estruturas relativas em Português é de adjunção à direita;
- b. Não há movimento envolvido ao decorrer do processo derivacional;
- c. A categoria vazia de base está subcategorizada;
- d. O elemento “que” é um complementizador C;
- e. O pronome relativo é gerado na base na posição de Spec-CP.

Segundo a nossa nova análise, uma sentença que contém uma estrutura

relativa é derivada fase à fase seguindo a ordem derivacional de CP → DP → oração matriz, como mostra o exemplo em (201). A proposta da existência de uma categoria vazia de base é essencial para um estudo baseado no modelo MP e especialmente no modelo Fase, na medida em que um v^* , no caso de um verbo transitivo, requer que seus argumentos seja realizado para que os seus traços não-interpretáveis $u\phi$ sejam valorados e removidos, a fim de que, conseqüentemente, a fase formada se torne acessível aos componentes fonético e semântico. O leitor pode ter percebido que nosso estudo adota principalmente duas operações do modelo MP, *Merge* e *Agree*, não havendo basicamente movimento visível durante o processo derivacional, apesar do único movimento “invisível” acionado pelo traço EPP do *Probe* I. Tal análise destaca-se nos três aspectos principais como em (202).

(201) Eu amo o chocolate que João fez.

CP: que João fez e

DP: o chocolate que João fez e

Oração matriz: Eu amo DP.

(202) a. é mais econômica;

b. respeita rigidamente as restrições de movimento de Ross (1967) e

Chomsky (1977);

c. é uniforme para derivar dinamicamente todas as estruturas relativas restritivas em Português.

A nossa análise é muito mais econômica em termos de custo derivacional conforme o espírito do modelo MP, de minimalismo, pois tanto o modelo tradicional quanto o modelo de alçamento propõem movimento. Comparem-se os processos derivacionais da mesma estrutura relativa em (203) sustentados pelo modelo tradicional, modelo de alçamento e a nossa ***non-movement head external analysis***. De uma forma geral, um dos maiores problemas do modelo tradicional criticados pelo modelo de alçamento é o mecanismo de gatilho para o movimento do operador enquanto o segundo enfrenta limitações de outra natureza, além de também apresentar o mesmo problema de mecanismo de alçamento. Ao adotar-se o modelo

de alçamento, não somente alguns tipos de estruturas relativas, como relativas resumptiva e genitiva, deixarão de ser derivados adequadamente, mas também serão prejudicados alguns princípios da Gramática Gerativa, a saber, as restrições de movimento de Ross (1967) e Chomsky (1977, 1981) e o princípio de economia de Chomsky (1995a).

(203) o chocolate que João fez

- | | |
|---|---------------------|
| a. o chocolate _i Op _i que João fez t _i | modelo tradicional |
| b. o chocolate _i que João fez t _i | modelo de alçamento |
| c. o chocolate que João fez e | nossa análise |

Para ilustrar, segundo Kenedy (2002), as ERsLs do tipo resumptiva DP e PP são derivadas também a partir da análise de alçamento, segundo a qual o núcleo nominal DP também é alçado de sua posição de base para a Spec-CP nessas relativas, como mostra (204). O que diferencia a derivação desse tipo de relativas das ERAs é que o elemento deixado pela primeira é uma cópia parcialmente pronunciada ao invés de um vestígio na segunda. Comparem-se os exemplos em (204) e (205). A proposta de alçamento para a relativização das ERsLs do tipo resumptiva DP e PP é ousada e forma uma das falhas teóricas de Kenedy (2002), que propõe uma análise uniforme para todas as estruturas relativas em Português. Uma vez que todos os argumentos (“eu” e “ele”) do verbo flexionado “vi” em (204a) estão realizados, não é plausível dizer que foi alçado algum elemento da posição de objeto. Além disso, Chomsky (1977, 1982, 1995) já apontara que os pronomes resumptivos nas relativas resumptivas são gerados na base, de forma que não haveria movimento nesse tipo de relativas, como em (206).

(204) a. o homem_i que eu vi [cópia parcial ele]_i ontem.

b. o homem_i que eu falei com [cópia parcial ele]_i ontem.

(205) a. o homem_i que eu vi t_i ontem.

(206) a. o homem_i que eu vi ele_i ontem.

b. o homem_i que eu falei com ele_i ontem.

Devido à natureza do modelo de alçamento, que é uma análise de movimento,

seria esperado que o *framework* fosse submetido às restrições de movimento clássicas de Ross (1967) e Chomsky (1977). Segundo essas restrições, a sentença em (207a) deveria ser agramatical, pois o movimento do DP “homem” pode ter ultrapassar dois nós de IP como mostra a sentença (207b), sendo esse caso, contudo, gramatical. Isso significa que não é plausível propor uma análise de alçamento para a derivação da sentença em (207a) que possa desobedecer às restrições de ilha, indicando-nos que não há alçamento de nenhum elemento para esse tipo de relativas, sendo uma categoria vazia de base nessa posição, como demonstra o exemplo (207c).

(207) a. o homem que eles acham que quando Maria namorar então todo mundo vai ficar feliz se chama João.

b. *[_{DP} o [_{CP} homem_i que [_{IP} eles acham [_{CP} que [_{CP} quando [_{IP} Maria namorar [_{cópia não-pronunciada} t_i]] então todo mundo vai ficar feliz]]]]] se chama João.

c. [_{DP} o [_{CP} homem_i que [_{IP} eles acham [_{CP} que [_{CP} quando [_{IP} Maria namorar e_i]] então todo mundo vai ficar feliz]]]]] se chama João.

Em relação ao princípio de economia, ao trocar o elemento “que” em (203) pelo pronome relativo “o qual”, haverá necessidade de duas operações de movimento como mostra (208), conforme Kenedy (2002), o que não é esperado por esse princípio.

(208) o chocolate o qual João fez

a. o [o qual chocolate]_i; João fez t_i

b. o chocolate_j; [o qual t_j]_i; João fez t_i

4. CONCLUSÃO

Nesta dissertação, nós tínhamos como objetivo propor uma nova análise uniforme para derivar todas as estruturas relativas restritivas em Português para resolver os problemas existentes nos estudos anteriores, com base no modelo mais atual da Gramática Gerativa: modelo Fase. Para atingir essa meta, diversas questões colocadas bem no início da Introdução foram norteadoras da nossa pesquisa. Vale a pena apresentá-las aqui novamente para o melhor acompanhamento.

(209) a. Qual é o olhar do modelo MP em relação ao LCA de Kayne (1994)?

b. A estrutura fundamental [_{DP} D CP] sustentada pelo modelo de alçamento para a relativização é adequada?

b. A relativização em Português é resultado de movimento ou não-movimento?

c. Existe uma categoria vazia de base na relativização em Português? Qual é a sua propriedade sintática?

No Capítulo 1, os três modelos para a derivação das estruturas relativas foram apresentados. Corroborou-se que nenhum deles é viável para o assunto. O modelo tradicional apresenta três problemas principais vistos em (210) enquanto o modelo de alçamento demonstra outras três falhas teóricas como mostra (211). Quanto ao modelo misto de Aoun & Li (2003), os autores propõem uma estrutura fundamental [_{DP} D CP] para a relativização em Inglês e a adjunção à esquerda [CP NP] para a relativização em Chinês. O que evita a colocação de Kayne (1994), de que a relação entre o modelo de alçamento e o modelo tradicional não é complementar, mas é excludente, no sentido de que a adjunção à esquerda sustentada pelo LCA é garantida para a derivação das estruturas relativas em Chinês. Porém, esse modelo, como a mistura do modelo tradicional e modelo de alçamento, enfrenta os mesmos problemas.

(210) a. mecanismo de movimento do operador *wh*-;

b. regra de predicação;

c. derivação das estruturas relativas cujo núcleo apresenta constituintes de expressões idiomáticas e constituintes com reflexivo.

- (211) a. a sua estrutura fundamental [_{DP} D CP] para a relativização é mais descritiva do que explicativa e derivacional;
- b. não é econômico no que diz respeito ao custo derivacional;
- c. o LCA não é adequado para derivar as estruturas relativas em Português.

No Capítulo 2, investigamos os estudos existentes para a derivação das estruturas relativas em Português. A hipótese *pro* de Tarallo (1983) é inspiradora, já que o Português é uma língua que mostra um uso muito flexível dos seus argumentos. Seu resultado direto permite verificar que o Português não é restrito pela reconstrução do objeto direto da expressão idiomática e de constituinte com pronome reflexivo, como o que acontece em Inglês. Porém, essa categoria vazia de base não pode ser um *pro* como já se corroborou antes, mas sua propriedade sintática ainda precisa ser estudada e definida. A hipótese LD proposta por Kato (1993) é ousada porque construções relativas e tópicas são bem diferentes em termos de suas estruturas internas, de modo que não é viável propor a transformação de uma estrutura tópica para uma de ordem relativa. Kenedy (2002) é um estudo baseado no modelo de alçamento representado por Kayne (1994). Teoricamente, os problemas encontrados neste modelo também são presentes no estudo de Kenedy. De uma forma geral, ele falha nos aspectos principais a seguir em (212).

- (212) a. a estrutura fundamental [_{DP} D CP] para a relativização em Português é também mais descritiva do que explicativa e derivacional;
- b. é menos econômico;
- c. não trata adequadamente da derivação das ERsLs resumptivas DP e PP e da das ERAs genitivas;
- d. a sentença de base a partir da qual uma estrutura relativa é derivada

pode ser agramatical;

e. pode não respeitar as restrições de ilha de Ross (1967) e Chomsky (1977).

No Capítulo 3, propusemos a nova ***non-movement head external analysis*** para a derivação das estruturas relativas restritivas em Português com base no mais atual modelo Fase da Gramática Gerativa. Segundo a nova análise, uma sentença que contém uma estrutura relativa é derivada fase à fase seguindo a ordem derivacional de CP → DP → oração matriz. A proposta da existência de uma categoria vazia de base é extremamente importante para um estudo baseado no modelo Fase, na medida em que um v^* , no caso de verbo transitivo, requer que seus argumentos sejam realizados para que os seus traços não-interpretáveis $u\phi$ sejam valorados e removidos, para que, conseqüentemente, a fase formada seja encaminhado aos componentes fonético e semântico. O nosso estudo adota as duas operações do modelo MP, *Merge* e *Agree*, não havendo basicamente movimento visível durante o processo derivacional, exceto pelo único movimento invisível acionado pelo traço EPP do *Probe I*.

Reunimos cinco propriedades principais das estruturas relativas em Português e três vantagens da nossa pesquisa. Porém, nosso estudo está longe de ser perfeito. Mais trabalhos ainda precisam ser realizados para resolver questões como, por exemplo, qual é a propriedade sintática exata da categoria vazia de base nas estruturas relativas? Se é um estudo de não-movimento, qual é o mecanismo semântico para licenciar uma relativa?

O novo modelo Fase da Gramática Gerativa ainda está na fase de desenvolvimento no sentido de que precisa ser refinado urgentemente. De fato, atualmente está recebendo muita atenção dos linguistas por todo o mundo. No Brasil, porém, quase não se encontram estudos baseados nesse modelo para derivar estruturas relativas. A nossa pesquisa seria uma tentativa valiosa nesse sentido. No futuro, seria interessante aplicar e melhorar a nossa análise para outros tipos de estruturas relativas e estruturas relacionadas em Português, a fim de examinar a uniformidade dessa análise.

Referências

ABNEY, S. R. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Ph. D. Dissertation, MIT, 1987.

ALEXIADOU, A. et al. *Syntax of Relative Clauses*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2000.

AN, F. C. & LIU, C. G. Guan Xi Jie Gou De Yu Duan Tui Dao (Derivação das estruturas relativas por Fase). *Journal of PLA University of Foreign Languages*, vol. 33, nº 4, p. 6-11, 2010.

AN, F. C. & DU, Y. 《Yu Duan: Li Lun Kuang Jia De Fa Zhan》 Jie Shao (Introduction to “Phases: developing the framework”). *CONTEMPORARY LINGUISTICS*, vol. 16, nº 2, p. 233-236, 2014.

AOUN, J. & Y.-H. A. LI. *Essays on the Representational and Derivational Nature of Grammar: The Diversity of Wh-Constructions*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2003.

BIANCHI, V. *Consequences of Antisymmetry: headed relative clauses*. New York: Mouton de Gruyter, 1999.

BIANCHI, V. The raising analysis of relative clauses: a reply to Borsley. *Linguistic Inquiry* 31, p. 123-140, 2000.

BORSLEY, R. Relative clauses and the theory of phrase structure. *Linguistic Inquiry* 28, p. 629-647, 1997.

BRAME, M. *A new analysis of the relative clause: evidence for an interpretive theory*. MIT, Cambridge, Mass, 1968.

BRODY, M. *Lexico-Logical Form: a radical minimalist theory*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

CHEN, Y. L. Chomsky Xing Shi Ju Fa Tui Dao Guo Cheng De Bian Qian (Desenvolvimento da sintaxe formal de Chomsky). *Foreign Language Education*, vol. 27, no 2, p. 44-47, 2006.

CHEN, Z. L. The syntax of Chinese relative constructions. *Dissertação de Mestrado*. GDUFS, 2002.

CHEN, Z. L. The syntax of relativization. Ph. D. Dissertation. GDUFS, 2005.

CHEN, Z. L. A generative analysis of Chinese relative constructions. *Modern Foreign Languages*, vol. 30, nº 4, p. 331-340, novembro, 2007.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. On wh-movement. In P. Culicover, T. Wasow & A. Akmajian (eds.). *Formal Syntax*. New York: Academic Press, pp. 71-132, 1977.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Foris: Dordrecht, 1981.

CHOMSKY, N. *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1982.

CHOMSKY, N. *Barriers*. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1986.

CHOMSKY, N. A minimalist program for linguistic theory. In K. Hale and S.J. Keyser (eds.), *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993, p. 1-52.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995a.

CHOMSKY, N. Bare phrase structure. In *Government binding theory and the minimalist program*, ed. Gert Webelhuth. Oxford: Oxford University Press, 1995b, pp. 383–439.

CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: the framework. In: *MIT Occasional Papers in Linguistics* 15. 1998.

CHOMSKY, N. Minimalist Inquiries: The Framework. In R. Martin et al. (Eds.), *Step by Step. Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000, pp. 89-155.

CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In M. Kenstowicz (Ed.), *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 2001, pp. 1-52.

CHOMSKY, N. Beyond explanatory adequacy. In Belletti, Adriana (ed.), *Structures and beyond: the cartography of syntactic structures*, vol. 3. Oxford: Oxford University Press, 2004: 104-31.

CHOMSKY, N. Three factors in language design. *Linguistic Inquiry* 36, 2005: 1-22.

CHOMSKY, N. Approaching UG From Below. In Uli Sauerland and Hans Martin Gärtner (eds.) *Interfaces + Recursion = Language*. New York: Mouton de Gruyter, 2007: 1–29.

CHOMSKY, N. On Phases. In Robert Freidin, Carlos Peregrín Otero and Maria Luisa Zubizarreta (eds.), *Foundational Issues in Linguistic Theory, Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2008: 133–166.

CHOMSKY, N. Problems of projections: Extensions. In: Elisa di Domenico, Cornelia Hamann & Simona Matteini (eds.), *Structures, strategies and beyond: Studies in honour of Adriana Belletti*. Amsterdam: John Benjamins. 2015, p. 1–16.

DUARTE, I. A topicalização no português europeu: uma análise comparativa. In: DUARTE, I. & LEIRIA, I. (eds.) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, APL/Colibri, Lisboa, 1996.

GALLEGO, A. *Phase Theory*. Amsterdam: John Benjamins. 2010.

HAN, Y. Ying Yu Guan Ci Zai Han Yu Zhong De Dui Ying Xing Shi (Formas correspondentes em chinês dos artigos em inglês). *Journal of Inner Mongolia RADD&TV University*, nº, 4, p. 55-56, 2010.

HAEGEMAN, L. *Introduction to government and binding theory*. Oxford: Blackwell, 1994.

HAEGEMAN, L.&GUERÓN, J. *English grammar: a generative perspective*. Oxford: Blackwell, 1999.

HE, X. W. Phases and their syntactic derivation: recent development in chomskyan syntactic theory. *Foreign Language Teaching and Research*, vol. 39, nº 5, p. 345-351, setembro de 2007.

HE, Y. J. Han Yu Zhong De Ling Xian Ding Ci (*Bare NPs em Mandarim Chinês*). *STUDIES IN LANGUAGE AND LINGUISTICS*, vol. 40, nº 1, p. 39-50, janeiro de 2000.

HORNSTEIN, N.&WEINGERG, A. Case theory and preposition stranding. *Linguistic Inquiry* 12. 1981, p. 55-92.

HUANG, Q. H. A Study of English Articles Acquisition by Chinese Middle School Students. Dissertação de Mestrado. Minnan Normal University, 2018.

HUANG, T. T. Study on grammatic and pragmatic function of definite and indefinite. Dissertação de Mestrado, Central China Normal University, 2015.

JACKENDOFF, R. *X-bar Syntax: A Study of Phrase Structure*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1977.

KATO, M. 1993. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Unicamp. pp. 223-261. ed. 1996.

KATO, M. et al. As construções QU- no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In: KOCH, I (org). *Gramática do português falado (VI): desenvolvimentos*. SP: Unicamp/Fapesp, 1996.

KAYNE, R. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1994.

KENEDY, E. *Teste de compreensão de paciente agramático em relação a cláusulas relativas resumptivas*. Rio de Janeiro: UFRJ. 2001a. Disponível na www.eduardokenedy.kit.net

KENEDY, E. Aspectos estruturais da relativização em português-uma análise baseada no modelo *RAISING*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2002.

KENEDY, E. O modelo *RAISING* de descrição de cláusulas relativas: evidências do português. Revista da ABRALIN, vol. II, nº 2, p. 9-22, dezembro de 2003.

KENEDY, E. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2016.

LAGE, A. *Introdução: sessenta anos de syntactic structures, de Noam Chomsky*. Rio de Janeiro: Revista Linguística, 2017.

LEES, R. *The grammar of English nominalizations*. The Hague: Mouton, 1960.

LI, F. X. A research on the misuse of articles in Junior High School students' english writing. Dissertação de Mestrado. Chongqing Normal University, 2018.

NING, C. Y. The Overt Syntax of Relativization and Topicalization in Chinese. Ph. D. dissertation, Irvine: University of California, 1993.

NUNES, J. *Linearization of chains and sideward movement*. Campinas: Unicamp, 2000. Disponível na Internet via correio eletrônico: nunes@iel.unicamp.br.

PERLMUTTER, D. Evidence for shadow pronouns in French relativization. In. PERANTEAU, P. LEVI, J. & PHARES, G. (eds.) *The Chicago which hunt: papers from relative clause festival*. Chicago: Chicago Linguistics Society. 1972.

PESETSKY, D. Optimality Theory and Syntax: Movement and Pronunciation. In. ARCHANGELI, D. & LANGENDOEN, T. (eds.) *Optimality Theory: An Overview*. Blackwell, Malden: Mass, 1997, pp. 134 -170.

PESETSKY, D. Some optimality principles of sentence pronunciation. In BARBOSA, P. PESETSKY, D. et al (eds). *Is the Best Good Enough: Optimality and Competition in Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1998, pp. 337- 384.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

ROSS, J. R. Constraints on Variables in Syntax. MIT PhD dissertation, 1967.

SALLES, H. Prepositions and the Syntax of Complementation. Doctoral dissertation. Bangor: University of Wales, 1997.

SALLES, H. *Aspectos da sintaxe de clíticos e artigos em português*. Brasília: UnB, 1999. Disponível na Internet via hsalles@unb.br.

SCHACHTER, P. Focus and relativization. *Language* 49, p. 19-46, 1973.

SCHMITT, C. Some consequences of the complement analysis for relative clauses, demonstratives and the wrong adjectives. In: ALEXIADOU et al. *The syntax of relative clause*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins. pp.309-348. 2000.

SIBALDO, M. A. A sintaxe das *small clauses* livres do português brasileiro. Tese de Doutorado. UFAL, 2009a.

SIBALDO, M. A. Qual a estrutura das *small clauses* livres do português brasileiro? Revista Letras, Curitiba, n. 78, p. 125-145, maio/agosto de 2009b.

TARALLO, F. Relativization Strategies in Brazilian Portuguese. Doctoral dissertation. Philadelphia Univ. of Pennsylvania, 1983.

VERGNAUD, J-R. *French relative clauses*. Cambridge, MA: MIT Press, 1974.

VRIES, de M. *The Syntax of Relativization*. University of Amsterdam, Amsterdam, 2002.

WANG, C. 2020, Não existe estrutura relativa em chinês? Caderno de Letras, Pelotas, n. 36, p. 343-357, 2020.

WANG, Q. Derivation of Chinese Restrictive Relative Clauses. Dissertação de Mestrado. Hunan University, 2005.

WANG, Q. Derivation of Chinese Relative Clauses in a Minimalist Account. Journal of PLA university of foreign languages, vol. 29, nº 6, p. 13-17, novembro, 2006.

WILLIAMS, E. Lexical and syntactic complex predicates. In: ALSINA, A. BRESNAN, J.& SELLS, P. (eds) *Complex predicates*. Stanford: CLSI Publications, 1997.

XU, SH. H. Ying Yu Bu Ding Guan Ci Yu Han Yu “Yi” Jia Liang Ci de Dui Ying Guan Xi (A correlação entre o artigo indefinido em inglês e um+classificador em chinês). Journal of Shanghai Normal University, nº 2, p. 143-148, 1996.

YANG, Y.&CHEN, X.X.&ZHANG, Q. The derivation by phase in minimalist program. Journal of Hunan University (Social Sciences), vol. 29, nº 5, p. 91-97, setembro de 2015.

ZHANG, L. W. Phase derivations, interface interpretations and semantic interface systems. FOREIGN LANGUAGE RESEARCH, nº 2, p. 41-49, 2018.

ZHANG, P. J. The pragmatic status of “determiners” in Chinese. Studies of Chinese Language, nº 3, p. 195-207, 2010.